

Ivana Lauffer Corrêa

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES SOBRE
DROGAS: UM ESTUDO SOBRE POSSÍVEIS
ANCORAGENS E OBJETIFICAÇÕES**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof.^a Dra. Andréa
Barbará da Silva Bousfield.

Coorientadora: Prof.^a Dra. Andréia
Isabel Giacomozzi.

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Corrêa, Ivana Lauffer Corrêa

Representações sociais de adolescentes sobre drogas : um estudo sobre possíveis ancoragens e objetificações / Ivana Lauffer Corrêa Corrêa ; orientadora, Andréa Barbará da Silva Bousfield, coorientadora, Andréia Isabel Giacomozzi, 2019.
177 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Psicologia. 2. Representações sociais. 3. Drogas. 4. Adolescentes. I. Bousfield, Andréa Barbará da Silva. II. Giacomozzi, Andréia Isabel. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. IV. Título.

IVANA LAUFFER CORRÊA

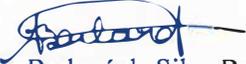
**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES SOBRE
DROGAS: UM ESTUDO SOBRE POSSÍVEIS ANCORAGENS E
OBJETIFICAÇÕES**

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 10 de Maio de 2019.

Prof. Dr. Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Psicologia/CFH-UFSC
Portaria nº 1403/2017/GR


Dr. Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes
(Coordenador - PPGP/UFSC)


Dra. Andréa Barbará da Silva Bousfield
(PPGP UFSC - Orientadora)

Dra. Andréia Isabel Giacomozzi
(PPGP UFSC - Coorientadora)


Dra. Raquel de Barros Pinto Miguel
(PPGP UFSC - Examinadora Interna)


Dra. Ana Maria Justo
(PPGP UFSC - Examinadora Externa)

Dra. Katia Maheirie
(PPGP UFSC - Examinadora Suplente Interna)

Dr. João Fernando Rech Wachelke
(PPGP UFU - Examinador Suplente Externo)

*Se contemplarmos longamente a escuridão,
algo sempre aparece.*

Arthur Schopenhauer

AGRADECIMENTOS

Agradeço às professoras Andréa Barbará e Andréia Giacomozzi por todo o apoio e orientações ao longo da execução deste trabalho.

As professoras da Banca Examinadora Dra. Ana Maria Justo e Dra. Raquel de Barros pela disponibilidade e interesse em contribuir com esta dissertação.

Aos colegas mestrandos, doutorandos e amigos que facilitaram a execução desta dissertação, em especial a Bruna Berri e ao Jean Paulo que dedicou tempo atencioso para aprender e ensinar.

A todos os participantes da pesquisa, que disponibilizaram seu tempo e dedicação para contribuir com este estudo.

Aos meus pais por todo amor incondicional e por acreditarem, mesmo sem a total compreensão, em minhas escolhas, na minha capacidade e fibra para chegar até aqui. A minha família pelo afeto e preocupação.

Aos amigos e amigas, que de uma forma ou de outra presenciaram o desenvolvimento do meu trabalho foram pacientes com minha ausência e me deram força para prosseguir.

A Evandro Carlos Pereira que um dia me ensinou a ser grande parte do que sou e sempre me incentivou a não desistir dos meus sonhos.

A Ana Vitória S. Ferreira que dedicou a mim muito mais do que meras palavras e será minha família para sempre.

A Fabiana Funk que amorosamente, ainda no princípio de uma linda história, foi paciente ao meu lado, me amou e deixou ser amada mesmo quando tudo estava difícil.

A Gabriela Gonçalves/ Kurt e Ana Luiza que antes mesmo deste projeto, lindamente me estenderam a mão e não pediram nada em troca.

A Ana Paula, Kelly Luiza, Deise Patrícia, Carolina Ponzi, Aline Ness, Margarethe e Mauro,

Luiza Bertolino que estiveram em meu caminho ao longo deste percurso e que de alguma forma tiveram participação nesta conquista.

Muito obrigada!!!

Corrêa, I. L. (2019). *Representações sociais de adolescentes sobre drogas: um estudo sobre possíveis ancoragens e objetificações*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar as representações sociais (RS) elaboradas por estudantes adolescentes acerca das drogas. A pesquisa tem delineamento de levantamento de dados, caracterizando-se pela interrogação direta das participantes da amostra, tratando-se de um estudo descritivo e comparativo, visando, além de descrever características, comparar grupos. Participaram desta pesquisa 262 adolescentes de ambos os sexos, estudantes do ensino médio diurno da rede pública de cinco municípios da região da Grande Florianópolis, envolvendo nove escolas diferentes. Para a aproximação do fenômeno, foi utilizado como instrumento, um questionário estruturado aplicado em situação coletiva, contendo a técnica de evocação livre com o termo indutor “drogas”, questões abertas e fechadas sobre drogas, representações sociais e questões sociodemográficas. Realizou-se análise estatística descritiva (média, desvio padrão, distribuição de frequências) e relacional (teste do Qui-quadrado, Tese-t Student e Mann Whitney), com o auxílio do programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS- versão 17.0); e análise lexical, com o auxílio do software *IRaMuTeQ*: classificação hierárquica descendente, análise multifatorial, análise prototípica, análise de contrastes e análise de similitude. Os resultados indicam que o vício é o maior elemento estruturante das RS sobre as drogas, conferindo ao fenômeno um cunho negativo. No entanto, ao se associar com os demais elementos representacionais, evidencia-se um caráter de causalidade, emergindo representações referentes aos problemas causados à saúde, tanto em aspectos biológicos quanto psicológicos, problemas familiares, formas de obtenção de prazer, diversão, curiosidade, influências, necessidade de aceitação nos grupos e uma forma de fuga da realidade. Os efeitos medicinais da maconha e sua legalização apareceram, assim como a representação das drogas como um caminho sem volta. Quanto aos subgrupos separados por sexo, eles diferem em suas representações, de modo que os participantes do sexo masculino indicam ideias políticas e sendo mais flexíveis quanto ao uso. O subgrupo do sexo feminino mostra-se mais focado em prejuízos à saúde e à família, sendo mais rígido. Já os subgrupos de experiência de consumo divergem, no sentido de que para o grupo com experiência de consumo o

uso das drogas poderia ser controlado sem gerar vício, que seria o real problema, e as justificativas para o uso são as fugas de problemas. Os participantes sem experiência de consumo envolveram as consequências negativas do uso, para si, para a família e para a sociedade. As possíveis ancoragens se sustentam nos fundamentos do conhecimento científico, médico-jurídico, patológico e criminalizante, que difundiu as consequências do consumo de drogas relacionadas ao ciclo do vício e à fatalidade, nesse sentido se objetificam nas terminologias de cunho negativo e na própria nomenclatura de substâncias que se enquadram no sistema maior da categoria “das drogas”. Por fim, todas estas representações sobre as drogas, na verdade convergem para um cerne: a busca pela sensação de bem-estar, a busca de sentimentos e emoções positivas. As drogas, são essencialmente percebidas por estes participantes como positivas, no sentido em que são capazes de trazer estas sensações imediatamente, desse modo, estes aspectos certamente adquirem mais força do que os conhecimentos sobre possíveis desdobramentos negativos a longo prazo, assim sendo, o medo do vício, da morte, das perdas e da destruição da vida acabam perdendo na hierarquia das decisões tomadas pelos indivíduos.

Palavras-chave: Representações sociais. Drogas. Adolescentes.

Corrêa, I. L. (2019). *Representações sociais de adolescentes sobre drogas: um estudo sobre possíveis ancoragens e objetificações*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

ABSTRACT

This research had as objective to investigate the social representations (SR) elaborated by teenage students about drugs. The research has a data collection design, characterized by the direct interrogation of the participants of the sample, being a descriptive and comparative study, aiming, in addition to describing characteristics, to compare different groups. 262 teenagers of both sexes, high school students of the public school network of five municipalities in the region of Greater Florianópolis, involving nine different schools participated in this study. In order to approach the phenomenon, a structured questionnaire applied in a collective situation was used as instrument, containing the free evocation technique with the term "drugs", open and closed questions about drugs, social representations and sociodemographic questions. Descriptive statistical analysis (mean, standard deviation, frequency distribution) and relational (chi-square test, Student's t-test and Mann Whitney test) were carried out using the statistical software Statistical Package for Social Sciences (SPSS version 17.0); and lexical analysis with the aid of IRaMuTeQ software: descending hierarchical classification, multifactorial analysis, prototypic analysis, contrast analysis and similarity analysis. The results indicate that addiction is the major structuring element of SR on drugs, giving the phenomenon a negative character. However, when associating with the other representational elements, there is a causality character, emerging representations referring to the problems caused to health, both biological and psychological aspects, family problems, ways of obtaining pleasure, fun, curiosity, influences, need for acceptance in groups and a way of escape from reality. The medical effects of marijuana and its legalization have appeared, as has the depiction of drugs as a path without a return. As for subgroups separated by sex, they differ in their representations, so that male participants indicate political ideas and are more flexible in their use. The female subgroup appears to be more focused on health and family damage, being more rigid. On the other hand, the consumer experience subgroups differ in the sense that, for the group with consumer experience, the use of drugs could be controlled without creating addiction, which would be the real problem, and the justifications for

using them are problems. Participants without consumer experience have had the negative consequences of use for themselves, the family, and society. The possible anchorages are based on the foundations of scientific, medical-legal, pathological and criminalizing knowledge, which disseminated the consequences of drug use related to the cycle of addiction and fatality, in this sense objectify in negative terminology and in the nomenclature itself substances that fall within the larger system of the category of "drugs". Finally, all these representations about drugs actually converge to a core: the search for a sense of well-being, the search for positive feelings and emotions. Drugs are essentially perceived by these participants as positive, in the sense that they are able to bring these sensations immediately, thus these aspects certainly acquire more power than the knowledge about possible long-term negative consequences, so fears of addiction, death, loss and destruction of life end up losing in the hierarchy of the attitudes taken by individuals.

Keywords: Social Representations. Drugs. Teenagers.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fluxograma do processo de seleção dos artigos selecionados	56
Figura 2 - Análise prototípica - teste de evocação - global	86
Figura 3 - Análise de similitude - teste de evocação - global.....	88
Figura 4 - Análise prototípica com experiência de consumo	92
Figura 5 - Análise prototípica sem experiência de consumo.....	92
Figura 6 - Análise de similitude do subgrupo com experiência de consumo a partir das evocações	94
Figura 7 - Análise de similitude do subgrupo sem experiência de consumo a partir das evocações	95
Figura 8 - Análise prototípica - sexo masculino.....	96
Figura 9 - Análise prototípica - sexo feminino.....	96
Figura 10 - Análise de similitude do subgrupo sexo masculino a partir das evocações	97
Figura 11 - Análise de similitude do subgrupo sexo feminino a partir das evocações	98
Figura 12 - Análise prototípica da escolha das duas palavras mais importantes	100
Figura 13 - Análise de similitude da escolha das duas palavras mais importantes	101
Figura 14 - Dendrograma da CHD do <i>corpus</i> “Justificativa”	103
Figura 15 - Análise de similitude do <i>corpus</i> “Justificativa”.....	106
Figura 16 - Dendrograma da CHD do <i>corpus</i> “O que pensa sobre drogas”	107
Figura 17 - Análise de similitude do <i>corpus</i> “O que pensa sobre as drogas”	109
Figura 18 - Dendrograma da CHD do <i>corpus</i> “O que leva alguém a usar drogas”	113
Figura 19 - Análise de similitude <i>corpus</i> “O que leva alguém a usar drogas”	115
Figura 20 - Dendrograma da CHD do <i>corpus</i> “Por que experimentou”	116
Figura 21 - Análise de similitude <i>corpus</i> “Por que experimentou”.....	118

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Categorização das informações obtidas nos artigos analisados	58
Tabela 3 - Grupos étnicos distribuídos por sexo	77
Tabela 4 - Perfil da amostra	79
Tabela 5 - Frequência de consumo.....	79
Tabela 6 - Média de idade do primeiro uso de drogas	80
Tabela 7 - Frequência de uso para uma ou mais substâncias	81
Tabela 8 - Análise de frequências simples	83
Tabela 9 - Análise de frequências multivariadas.....	84
Tabela 10 - Análise multivariada das evocações livres nos subgrupos .	90
Tabela 11 - Análise multivariada das duas palavras escolhidas como mais importantes	99
Tabela 12 - Análise de contraste - palavras mais características para os participantes com e sem experiência de consumo.....	110
Tabela 13 - Análise de contraste - participantes sexo masculino e feminino	112

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	21
2	OBJETIVOS	27
2.1	OBJETIVO GERAL.....	27
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	27
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	29
3.1	TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	29
3.2	ABORDAGENS: PROCESSUAL E ESTRUTURAL	34
3.2.1	Abordagem processual	34
3.2.1.1	Processos de ancoragem e objetificação	35
3.2.2	Abordagem estrutural	40
3.3	CONTEXTUALIZANDO DROGAS.....	45
3.3.1	O adolescente e as drogas.....	49
3.3.2	Representações sociais e as drogas.....	54
3.3.2.1	Resultados e discussão da revisão integrativa complementar ao estudo	56
3.3.2.2	Caracterização dos estudos	56
3.3.2.3	Desdobramentos dos estudos	67
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	71
4.1	DELINEAMENTO.....	71
4.2	PARTICIPANTES.....	71
4.3	INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS.....	72
4.4	PROCEDIMENTOS.....	73
4.5	TABULAÇÃO, TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS.....	74
4.5.1	Análise estatística.....	74
4.5.2	Análise textual.....	74
4.6	ASPECTOS ÉTICOS	75
5	RESULTADOS	77
5.1	CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	77
5.2	PERFIL DA AMOSTRA E DIMENSÃO DO USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS	77
5.3	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE AS DROGAS	82
5.3.1	Tratamento e análise dos dados do teste de evocações livres	82
5.3.2	Análise prototípica - teste de evocação - global.....	84
5.3.3	Análise de similitude - teste de evocação - global.....	87
5.3.4	Análise das evocações livres em subgrupos	88
5.3.5	Análise prototípica para os subgrupos com e sem experiência de consumo.....	91

5.3.6	Análise de similitude do subgrupo com experiência de consumo a partir das evocações.....	93
5.3.7	Análise de similitude do subgrupo sem experiência de consumo a partir das evocações.....	94
5.3.8	Análise prototípica para os subgrupos sexo – masculino e feminino.....	95
5.3.9	Análise de similitude do subgrupo sexo masculino a partir das evocações.....	97
5.3.10	Análise de similitude do subgrupo sexo feminino a partir das evocações.....	98
5.4	ANÁLISE DAS DUAS EVOCAÇÕES ESCOLHIDAS COMO AS MAIS IMPORTANTES	99
5.4.1	Análise prototípica das duas evocações mais importantes	100
5.4.2	Análise de similitude das duas evocações mais importantes	101
5.4.3	Análise classificação hierárquica descendente - corpus “justificativa”.....	102
5.4.4	Análise similitude corpus “justificativa”	105
5.5	ANÁLISE CLASSIFICAÇÃO HIERÁRQUICA DESCENDENTE - “O QUE PENSA SOBRE AS DROGAS”	106
5.5.1	Análise de similitude corpus “O que pensa sobre as drogas”	109
5.5.2	Análise de contraste corpus “O que pensa sobre as drogas”	110
5.6	ANÁLISE CLASSIFICAÇÃO HIERÁRQUICA DESCENDENTE - “O QUE LEVA ALGUÉM A USAR DROGAS”.....	112
5.6.1	Análise similitude corpus “O que leva alguém a usar”	114
5.7	ANÁLISE CLASSIFICAÇÃO HIERÁRQUICA DESCENDENTE - “POR QUE EXPERIMENTOU”.....	115
5.7.1	Análise similitude corpus “Por que experimentou”	117
6	DISCUSSÃO	119
6.1	CONHECIMENTO, EXPERIMENTAÇÃO E IDADE DE EXPERIMENTAÇÃO DAS DROGAS	119
6.2	CONTEÚDO E ESTRUTURA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE AS DROGAS	120
6.3	AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES ADOLESCENTES ACERCA DAS DROGAS QUANTO AO SEXO DOS PARTICIPANTES	128

6.4	AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES ADOLESCENTES ACERCA DAS DROGAS QUANTO À EXPERIÊNCIA DE CONSUMO DOS PARTICIPANTES..	130
6.5	ANCORAGEM E OBJETIFICAÇÃO ACERCA DO OBJETO ESTUDADO - DROGAS	132
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
	REFERÊNCIAS.....	143
	APÊNDICE ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.	
	APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	163
	APÊNDICE B - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido	169
	APÊNDICE C - Instrumento de coleta de dados	173

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade, o uso de drogas se fez presente em inúmeras sociedades e contextos culturais com os mais diversos objetivos, como transcendência, sobrevivência e rituais sagrados e profanos. No entanto, essas substâncias passaram a ser utilizadas indiscriminadamente em busca de prazer e alívio de desconfortos, e seu uso abusivo se desdobrou em complicações físicas, psicológicas e sociais (Novaes, 2014; Goulart & Soares, 2013). Na atualidade, o abuso de drogas é um fenômeno compreendido como um problema social e de grande relevância, fazendo-se presente nos debates e questionamentos em várias esferas sociais, manifestando-se, assim, no tempo e no espaço, declarando sua natureza polissêmica e estabelecendo um estreito vínculo com questões de ordem social, tais como a pobreza e a desigualdade social, entre outros problemas da contemporaneidade (Melo, 2013; Selegim, Marangoni, Marcon, & Oliveira, 2011).

As drogas podem ser compreendidas como substâncias naturais ou sintéticas, não produzidas pelo organismo e que, ao serem introduzidas nele, têm a capacidade de alterar as funções mentais - o julgamento, o humor, a percepção e o comportamento de maneira geral (Maciel & Melo, 2016). Nesse sentido, o abuso de drogas é considerado, pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2001), a partir de uma classificação que abrange, além dos estágios relacionados à frequência/intensidade do consumo, os prejuízos acarretados e os transtornos mentais resultantes ou que ocorrem em comorbidade ao consumo dessas substâncias.

Desta forma, pessoas que apresentam um desejo pronunciado de usar essas substâncias, com dificuldade para controlar o uso, estados de supressão fisiológica, tolerância à substância, descaso de outros prazeres e interesses, bem como ao uso persistente, desconsiderando-se os danos causados à própria pessoa e aos demais, são considerados dependentes. Em outras palavras, são pessoas que desenvolveram dependência química, que é entendida como uma síndrome, configurando estatuto de doença e questão de saúde pública (OMS, 2001; Azevedo & Silva, 2013).

Portanto, devido à complexidade desse fenômeno, faz-se necessário discutir o abuso de drogas inserido em um modelo biopsicossocial, ou seja, trazendo à luz discussões que estejam nas interfaces entre as diversas áreas da vida do indivíduo (Sobral & Pereira, 2012). Corroborando com estas ideias, Kristjansson, Sigfusdottir, Allegrante e Helgason (2008) afirmam que o uso abusivo de drogas é reconhecido como um dos maiores problemas de saúde pública mundial. As consequências da utilização destas substâncias podem se tornar

graves, gerando diversas desordens nos sistemas individual e coletivo. Ademais, vale ressaltar que, de acordo com dados epidemiológicos, como os de Carlini *et al.* (2010), o início do uso de drogas tem ocorrido cada vez mais precocemente, em torno dos 12 anos de idade, ou seja, no contexto da adolescência.

Compreendida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), como a idade entre 12 e 18 anos, a adolescência refere-se à transição da infância para a vida adulta. É considerada um período crítico do desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo, caracterizado pela acentuação do processo de maturação biológica, associado a aspectos da construção da identidade, do autoconceito, de autoestima, do caráter e de diversos fatores envolvidos nas relações sociais (Santos & Pratta, 2012; Henriques, Rocha, & Reinaldo, 2016). Desse modo, essa fase compreende um conjunto de processos e de sistemas comportamentais intimamente relacionados entre si. Mais detalhadamente, esses processos referem-se a identificações que adquirem destaque, a relações sociais que estabelecem e que ganham prioridade, assim, os espaços onde essas relações são possíveis expandem-se extraordinariamente, ocorrendo, proporcionalmente, um afastamento da família por parte do adolescente e as relações familiares enfraquecem, perdendo status de referência. Ocorrem também outros processos, como a identificação, autoafirmação, desejo de conhecer o novo e a liberdade, estreitamento de laços com o grupo de pares, o surgimento de muitas dúvidas e uma intensa busca em se estabelecer a identidade, padrões de comportamento e estilo de vida (Fierro, 1995).

Neste processo característico da fase da adolescência, o indivíduo mergulha mais fortemente em seu universo de experimentações. Conforme Ayres (1996) tais aspectos influenciam para que os adolescentes se tornem mais vulneráveis, suscetíveis a se envolverem em situações de vida que possam colocá-lo em risco, e uma destas situações pode ser uso de drogas. O Relatório Mundial sobre Drogas 2005, da ONU, apresenta uma estimativa de cerca de 200 milhões de usuários no mundo, sendo que o predomínio de consumo ocorre entre os adolescentes (ONU, 2005). Os resultados das pesquisas contidas no livro *Drogas nas escolas*, lançado pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), no final de 2002, já mostravam tendência de aumento de consumo (ONU, 2005). Em uma publicação mais recente, de 2016, o relatório do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC, 2016) estima que cerca de 5% da população, ou seja, uma média de 250 milhões de pessoas referidas como adultas,

mas que inclui adolescentes, pela idade referenciada de 15 e 64 anos, usou pelo menos algum tipo de substância ilícita em 2014.

O estudo epidemiológico do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), com o apoio da Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD), realizou um levantamento sobre o uso indevido de drogas psicotrópicas por adolescentes escolares em 27 capitais brasileiras (Carlini *et al.*, 2010). Esse estudo salienta que tem ocorrido um contato cada vez mais precoce com o álcool e, conseqüentemente, com outras drogas, e relata ainda que, na grande maioria das vezes, o consumo de drogas inicia-se na adolescência. Os dados dessa pesquisa mostram que as drogas mais consumidas entre os adolescentes brasileiros são o álcool (41,1%) e o cigarro (9,8%), seguidas pelos inalantes (4,9%) e a maconha (3,7%). Para além disso, o estudo também constatou que os estudantes estão usando drogas cada vez mais precocemente, com experimentação em torno dos 12 anos de idade. Autores, como Traverso-Yépez e Pinheiro (2002), afirmam que para atingir uma maturidade saudável o adolescente necessita ter espaços apropriados para que possa desenvolver sua autoestima, sua criatividade e seu projeto de vida.

A precocidade do uso experimental inicial das drogas é preocupante, pois pode evoluir para o uso compulsivo e adoeedor, causando danos que afetam o sujeito e a sociedade como um todo (Malta *et al.*, 2011; Soldera *et al.*, 2004). Dessa forma, a utilização das substâncias psicoativas pelo público adolescente estimula a realização de estudos sobre a temática, a fim de que se possa elaborar prevenções mais assertivas ao uso de drogas, focadas nesse período do desenvolvimento, no entanto, Silva (2013) afirma que os esforços para tratar do fenômeno têm sido insuficientes.

Nesse fluxo, as ações preventivas no âmbito da saúde têm como sustentação o conhecimento epidemiológico e configuram-se como intervenções que objetivam evitar o aparecimento de certas doenças, diminuindo sua incidência e prevalência por meio de ações planejadas. Assim, melhores resultados podem ser alcançados quando as intervenções preventivas para os adolescentes envolvem e inter-relacionam aspectos afetivos, cognitivos e sociais, e as informações são repassadas de maneira abrangente (Czeresnia, 2003; Minto *et al.* 2006). A ciência da prevenção ainda garante a rentabilidade da implementação de estratégias, ações e programas preventivos, afirmando, com base em evidências, que para cada dólar investido com a prevenção, em média quatro a cinco dólares são economizados posteriormente com tratamentos para o abuso/dependência de álcool ou outras drogas (NIDA, 2003). Sob esta

perspectiva, há indícios de que para se obter bons resultados na prevenção, programas e intervenções preventivas parecem ser uma das formas mais eficazes para se lidar com o fenômeno das drogas envolvendo adolescentes, no entanto, para que isso aconteça é necessário que se conheça o fenômeno em suas várias dimensões.

Considerando a importância do fenômeno do uso de drogas, a teoria das representações sociais (RS) pode contribuir com esses estudos, uma vez que possibilita a compreensão de que os valores, crenças e atitudes constituem um papel crucial na construção de formas coletivas de significar o uso de drogas, divulgando formas de pensamento e de comportamento a elas associados. Sob esta perspectiva, a teoria das representações sociais (TRS) contribui com os estudos sobre as drogas que ultrapassam as dimensões humanas, voltados ao individual e psicológico, dando ênfase também à importância do conhecimento socialmente partilhado sobre esta temática (Jodelet, 1994).

Segundo Jodelet (2001), a TRS faz a interface entre o psicológico e o social, de modo que o estudo das representações sociais se distingue pelo fato de integrar, na análise dos processos, a pertença e a participação, tanto social como cultural, do sujeito. Conforme Silva (2007), essa teoria contribui para a compreensão dos assuntos complexos, pois consegue dar conta de articular e elucidar transformações sobre os fenômenos, mantendo um diálogo com o saber científico.

Jodelet (2001) afirma que as representações sociais são uma forma de conhecimento, elaborada e partilhada no âmbito social, que possui um objetivo prático e que, desse modo, colabora para que seja construída uma realidade comum a um conjunto social. Desta maneira, como sistemas de interpretação que gerenciam a relação entre indivíduo-indivíduo e indivíduo-mundo, as representações sociais guiam e organizam as condutas e as comunicações sociais, intervindo em processos variados dando sentido aos eventos do cotidiano (Jodelet, 2001).

As representações sociais são, como postula Moscovici (2007), criadas a partir dos mecanismos de ancoragem e de objetivação. Esses mecanismos favorecem a transformação do não-familiar em familiar. No primeiro mecanismo, ancoram-se ideias estranhas, reduzindo-as a categorias e imagens comuns ao indivíduo e, colocando-as, assim, em um contexto conhecido. O segundo mecanismo busca a objetivação, ou seja, a transformação de algo abstrato em algo quase concreto, de modo a transferir o que está na mente para algo existente no mundo físico. Deste modo, a realidade é reconstruída pelo indivíduo, por meio do seu sistema cognitivo, e se integra ao seu sistema de valores, formando um mecanismo de adaptação sociocognitivo. Evidencia-se, então, a

indissociabilidade entre a experiência do sujeito e sua inserção social, aspecto fundamental para investigar o fenômeno em questão.

Apesar de o uso de drogas consistir em um fenômeno complexo e com índices de ocorrência altos na população brasileira, a produção de conhecimento para a sua explicação e determinação que possam servir para embasar procedimentos eficazes de intervenção parece ainda insuficiente. Desta forma, a busca em conhecer melhor as representações sociais acerca deste fenômeno e suas possíveis ancoragens para esse público específico torna este estudo relevante para o conhecimento científico. Ademais, conhecer as representações sociais dos adolescentes perante as drogas pode propiciar a elaboração de ações em saúde direcionadas às demandas desse grupo, dando um retorno positivo à sociedade.

O Ministério da Saúde, com a implementação da política pública para a atenção integral a usuários de álcool e outras drogas, busca quebrar uma lógica binária que separa e detém o problema em fronteiras rígidas, por meio da nomenclatura de “álcool e outras drogas”, principalmente no que diz respeito às drogas lícitas e ilícitas, pois às ilícitas são atribuídas a criminalidade (Brasil, 2003). No entanto, no desenvolvimento deste trabalho será utilizada a nomenclatura “drogas”, em sua maior parte, com o intuito de minimizar confusões advindas do senso comum, visto que o estudo será realizado sob a perspectiva da TRS, e com participantes adolescentes.

Este trabalho pretende descrever o conteúdo e a estrutura das representações sociais sobre as drogas de estudantes adolescentes, comparando estas RS quanto ao sexo dos participantes e a sua experiência ou não de consumo, buscando identificar em que os adolescentes ancoram e objetificam essas RS acerca do objeto estudado. Para tanto, pretende-se responder ao seguinte problema de pesquisa: Quais são as representações sociais elaboradas por estudantes adolescentes sobre as drogas?

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Investigar as representações sociais elaboradas por estudantes adolescentes acerca das drogas.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Descrever o conteúdo e a estrutura das representações sociais de estudantes adolescentes sobre as drogas;
- b) Verificar em que os adolescentes ancoram e objetificam as suas representações acerca do objeto estudado.
- c) Comparar as representações sociais de estudantes adolescentes acerca das drogas, quanto ao sexo dos participantes;
- d) Verificar se existem diferenças e semelhanças nas representações sociais das drogas entre estudantes de dois grupos distintos: grupo de estudantes adolescentes com experiência de consumo de algum tipo de droga e estudantes adolescentes sem experiência de consumo;

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O psicólogo romeno, naturalizado francês, Serge Moscovici, cunhou o termo representações sociais, tanto para designar um conjunto de fenômenos quanto o conceito que os engloba, bem como elaborou, na década de 1950, a teoria para explicá-los. Formalmente, no entanto, o primeiro delineamento da TRS emergiu a partir da divulgação de sua obra *La psychanalyse, son image et son public* (1961/1976), que examinou o pensamento social sobre a psicanálise, disseminado no tecido social francês. O autor considera que as representações sociais são produzidas de forma coletiva e colaboram, a partir das comunicações sociais, para os processos de orientação e formação de condutas (Sá, 1996). A teoria das representações sociais, porém, de acordo com Nóbrega (2003), permaneceu por uma década em estado de latência no mundo científico, despertando o interesse de pesquisadores das áreas de psicologia, sociologia, antropologia, filosofia e história apenas em meados da década de 1970.

A elaboração da TRS, por Moscovici, resgatou o conceito de representações coletivas - proposto por Durkheim - como seu fundamento. Para Moscovici (1976), as representações coletivas propostas por Durkheim teriam caráter homogêneo, sendo partilhadas pela totalidade dos membros de um determinado grupo. Elas articulariam componentes da ciência, da religião, dos mitos e das categorias espaço-temporais, de modo que sua função seria manter a vinculação entre os indivíduos, bem como a preparação para a ação de modo integrado ao pensamento. As representações sociais diferem do proposto por Durkheim em relação às representações coletivas, pois as representações sociais consistem em processos dinâmicos, heterogêneos e referem-se a grupos específicos (Moscovici, 2003).

A TRS, de acordo com Vala (2006), consiste em uma teoria que versa sobre os processos em que os indivíduos, em interação social, constroem explicações, teorias acerca dos objetos sociais. Para Moscovici (1976), as representações sociais, também conhecidas como pensamento do senso comum, permitem que se confira sentido a fatos novos ou desconhecidos, de modo a tornar familiar algo que antes era ainda insólito. O autor enfatiza ainda que, por sua dinamicidade, as representações sociais constituem mais que uma mera reprodução, já que possibilitam às pessoas significarem a sociedade e o universo a que pertencem. Consonante a isto, Jodelet (2001) expressa que a

representação social é sempre de alguma coisa, ou seja, é a partir de um objeto e de alguém que o sujeito que configura a representação, desta forma, as características de ambos se manifestam nela. Moscovici (1978) afirma, no entanto, que a representação social caracteriza-se como uma modalidade particular de conhecimento, pois não é todo conhecimento que pode ser considerado como uma representação social. Inclui-se nessa categoria apenas aquele conhecimento do senso comum, constituído na vida cotidiana dos indivíduos, funcionando no sentido de interpretar, pensar e agir sobre a realidade (Bonfin & Almeida, 1992).

As representações sociais necessitam, para sua formação, dos conceitos de universo consensual e universo reificado, definidos por Moscovici (1981, 2003). Esses dois conceitos constituem condição de existência para as representações sociais e, por conseguinte, torna-se necessário defini-los ao se falar em pensamento do senso comum. No universo consensual, o compartilhamento de conhecimento ocorre livremente e todos os membros possuem igual valor perante o grupo, desse modo, compartilham conhecimentos sobre assuntos acerca dos quais não são especialistas. Há, no universo reificado, de modo diverso ao consensual, um sistema de papéis e hierarquias, sendo que se determina a participação a partir da qualificação do indivíduo. Nesse universo, o conhecimento veiculado se refere ao conhecimento científico, especializado. Como afirma Chaves e Silva (2011), nele circundam as ciências, as teorizações abstratas e a objetividade. Assim, dentro do universo reificado das ciências gera-se o “não-familiar”, de onde é transferido para o universo consensual do dia-a-dia. Destarte, a partir da interação entre os universos consensual e reificado é que surgem as representações sociais, pois trazem os conhecimentos científicos, advindos do universo reificado, e os articulam com a cultura e os saberes populares, tornando esse conhecimento acessível à população.

Jodelet (2001) afirma que as representações sociais consistem em uma forma diferenciada de conhecimento, porém sendo consideradas objetos de estudo legítimos, em decorrência de sua importância na vida social e ao seu potencial para elucidar processos cognitivos. A autora enfatiza ainda o caráter pragmático das RS, pois afirma que são uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, que orienta as ações e contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.

A fim de que se realize a representação de determinado objeto, é necessária uma síntese de diversos fragmentos de saberes e impressões acerca deste objeto. Moscovici (1976) buscou a essência do que compõe as representações sociais e concluiu, ao estudar suas partes integrantes,

que as RS são formadas pela articulação de três componentes, ou dimensões: (1) informação, que se refere à organização dos conhecimentos que um grupo detém a respeito de um objeto social; (2) atitude, que consiste na orientação global em relação ao objeto da RS, de modo que é considerada pelo fundador da teoria como a mais frequente das três dimensões, pois uma pessoa se informa e representa sobre algo apenas depois de ter tomado alguma posição e em função da atitude tomada; (3) campo ou imagem, que se refere à ideia, imagem, modelo social, em que há uma unidade hierarquizada de elementos.

As três dimensões das representações sociais relacionam-se diretamente aos processos comunicativos. Houve, a partir da comunicação em massa, a difusão de diferentes formas de saberes e, desse modo, articularam-se diversos fragmentos de conhecimentos para formar as representações sociais. Enquanto vetor de transmissão da linguagem, a comunicação desempenha essencial função nos processos representativos e incide sobre aspectos estruturais e formais do pensamento social (Jodelet, 2001).

A representação não ocorre sem um objeto, de modo que representar refere-se a um ato de pensamento em que uma pessoa se reporta a um objeto, que pode ser tanto real quanto imaginário (Jodelet, 2001; Moscovici, 1976). Para além de serem representações de algum objeto, as representações sociais são também sustentadas por alguém. As diferenças relacionam-se diretamente com as atividades do grupo e com sua segmentação cultural, sendo possível, assim, existir diferentes representações do mesmo objeto. Ao se analisar as representações sociais, torna-se necessária a identificação do grupo, bem como situar seu conteúdo simbólico espacial e temporalmente, e relacioná-lo funcionalmente a um contexto intergrupal característico (Bauer, 1994).

Moscovici (1978, 2011) afirma que a representação social não possui um status de reprodução e deve ser vista de um modo ativo. Compreende-se que, ao representar a algo, o indivíduo reconstrói e modifica, conferindo, assim, nova existência a esse objeto, que traz consigo a marca da passagem pelo psiquismo individual e pelo social. Evidencia-se a possibilidade de modificação das representações sociais, considerando-se os indivíduos, sua história, vivência pessoal e o contexto social e ideológico em que se inserem.

Ao se considerar que sujeito e objeto não são heterogêneos em seu campo comum, torna-se clara a impossibilidade de haver divisão entre o social e o individual. Há, então, uma relação de dependência entre a resposta que um dado estímulo irá evocar e a representação interna que o organismo designará para tal estímulo. As representações sociais irão

determinar tanto o caráter do estímulo como a resposta incitada por ele (Moscovici, 2011).

De acordo com Wagner (1998), as representações sociais existem a fim de cumprirem alguma função para um grupo social, de modo a orientarem as relações sociais e as ações. Assim, um conjunto de antecipações de ideias e de comportamentos - o senso comum, é determinado por um sistema de pré-decodificação da realidade. Conforme instituiu Abric (1998), as representações têm um papel fundamental na dinâmica das relações e nas práticas sociais. As representações se constituem por quatro funções essenciais: (1) função de saber, que possibilita a aquisição de conhecimentos pelos indivíduos e que os integrem a um sistema assimilável e compreensível, coerente com o funcionamento cognitivo e com os valores aos quais eles se ligam; (2) função identitária, que tem como atribuição sustentar uma imagem positiva do grupo no qual o indivíduo está inserido; (3) função de orientação, que tem a incumbência de servir como um guia para ação; e (4) a função justificadora, que possibilita aos indivíduos que, diante de seus comportamentos, justifiquem suas decisões, seus posicionamentos.

Uma representação social, para ser estruturada e tornar-se um objeto compartilhado por um determinado grupo, necessita essencialmente da dinâmica de dois processos: a ancoragem e a objetificação (Moscovici, 2003). Conforme Vala (2006), estes são processos cognitivos regulados socialmente, visto que o primeiro, o processo de ancoragem, torna possível que um objeto ainda não conhecido seja incorporado à trama de categorias, permitindo uma comparação entre outros objetos que já fazem parte desta rede. A partir da referência às experiências e aos esquemas de pensamentos já estabelecidos é que o objeto pode ser realmente imaginado. O processo de objetificação é relativo ao modo de organização dos elementos da representação e também ao caminho que esses elementos traçam até serem materializados em ideias e significados e serem utilizados na realidade. Em outras palavras, para Jodelet (1984) trata-se fundamentalmente de uma característica do pensamento social, que é a propriedade de tornar concreto o abstrato, de materializar as palavras. Em suma, este processo é dinâmico, criativo e socialmente partilhado, e o seu produto é uma imagem que pode desvelar o objeto e o grupo social que a criou, mas, para além disso, pode revelar a relação que se estabelece entre eles (Vala & Castro, 2013).

Jodelet (2001) indica particularidades marcantes das representações sociais e as caracteriza como fenômenos que expressam vitalidade, transversalidade e complexidade. A vitalidade concerne à

grande quantidade de publicações na área, à diversidade de países, às áreas de aplicação e à diversidade de abordagens teóricas e metodológicas. A transversalidade refere-se ao fato de a TRS atravessar e articular diversos campos de pesquisa, quantidade e diversidade de relações com disciplinas próximas. A complexidade é dirigida ao fenômeno das representações sociais, porque ele comporta um sistema teórico complexo que envolve a elaboração das relações entre processos de dinâmicas sociais e psicológicas. Desta forma, a TRS volta a sua atenção para a relação entre o indivíduo e a sociedade, promovendo a ampliação e a compreensão do que é o social, refutando conceitos anteriores da psicologia social.

É relevante destacar que a TRS subdivide-se em algumas vertentes teórico-metodológicas. Sá (1998) afirma que as abordagens mais difundidas são: a dimensional, a estrutural e a societal. Segundo o autor, elas não concorrem entre si, mas se complementam, sendo resultantes de uma matriz básica, a qual ele chamou de “a grande teoria”, desenvolvida por Moscovici. Assim, são modos diferentes de se focar os fenômenos e investigar as representações sociais. No Brasil, conforme Almeida (2009), os estudos desenvolvidos seguem as abordagens de maior inserção no país, as quais foram desenvolvidas por Jodelet, Abric e Doise, respectivamente os responsáveis pelas abordagens: dinâmica, estrutural e societal.

Segundo Sá (1998), estes autores debruçaram-se sobre a teoria desenvolvida por Moscovici (1961/1976), e apresentaram estudos complementares ao do autor, que representam diferentes formas de escopo e investigação das representações, sendo que cada um deles traz contribuições particulares para o desenvolvimento da teoria. Observa-se que Moscovici foi o precursor e criou a teoria, mas outros notórios pesquisadores, sustentados no estudo fundador, também vêm estudando e contribuindo para a ampliação da Teoria das representações sociais. Abric (1998) confere o sucesso dessa teoria à renovação do interesse pelos fenômenos coletivos, em especial pelas regras que determinam o pensamento social.

Ressalta-se ainda a abordagem mais tradicional que foi elaborada por Moscovici (1976), trata-se da abordagem dimensional, que institui que uma representação social é composta por três dimensões, sendo elas: informação, atitude e campo representacional. A abordagem processual estuda o modo como as representações sociais são construídas. A escola de Genebra, conduzida por Willian Doise, enfoca mais o estudo do processo de ancoragem, configurando a denominada “abordagem genética”. A abordagem estrutural, que vem se desenvolvendo bastante e

abarcando estudos experimentais, começou na Escola de Midi (Aix-en-Provence) principalmente com Abric e Flament (Wachelke & Camargo, 2007).

O presente trabalho será orientado pela abordagem processual desenvolvida por Serge Moscovici e Denise Jodelet, conforme exposto, e que analisa a formação das representações sociais por meio dos mecanismos de objetificação e ancoragem que apontam para um núcleo figurativo. Será utilizada também a abordagem estrutural desenvolvida por Jean-Claude Abric, que trata da hierarquia dos elementos do conteúdo representativo determinada pelo núcleo central. Considerando que a abordagem do núcleo central visa o conhecimento da organização interna dos processos representativos de ancoragem e objetificação, a escolha desta metodologia, por meio da técnica de evocação livre de palavras ou expressões, possibilita colocar em evidência o universo semântico e imagético do objeto estudado (Abric, 1998).

3.2 ABORDAGENS: PROCESSUAL E ESTRUTURAL

3.2.1 Abordagem processual

A abordagem processual se configura pela investigação de como as representações sociais são produzidas cognitivamente, como os conteúdos representacionais que circulam no discurso sobre o objeto, buscando abranger a totalidade de expressões, ideias, imagens e valores. Este enfoque leva em consideração aspectos epistemológicos que constituem as RS e como estas representações são disseminadas, ou seja, essa abordagem é reconhecida também por estudar aspectos constituintes da representação, como informações, imagens, crenças, valores, opiniões, elementos culturais, ideológicos, dentre outros, e ocupa-se da construção da representação e de seus processos de elaboração (Banchs, 2000).

Ao privilegiar um olhar histórico e cultural para a compreensão do fenômeno, a abordagem processual caracteriza-se também por ter um modelo de enfoque culturalista. Para Santos e Almeida (2005), ao valorizar a articulação entre as dimensões sociais e culturais, que regem as construções mentais coletivas, faz-se das representações sociais uma ferramenta profícua para investigar a dinâmica da cultura e de suas especificidades históricas, regionais, institucionais e organizacionais. Nesta abordagem, entende-se que as representações sociais são geradas a partir das necessidades e desejos dos diversos grupos. Esta abordagem tem Denise Jodelet como autora de referência (Banchs, 2000).

A utilização de múltiplas metodologias traz também a esta abordagem a fertilidade da investigação, desse modo, podem ser utilizadas entrevistas em profundidade, observação de campo, questionários, pesquisa documental e textos escritos ou imagéticos. A utilização desta diversidade de instrumentos se dá no sentido de apreender os vários momentos e movimentos da elaboração de uma representação, ainda que eles dificilmente façam parte de uma mesma pesquisa (Arruda, 2002). A principal pesquisa a utilizar múltiplos instrumentos foi a de Denise Jodelet, sobre a representação social da loucura numa comunidade francesa. Jodelet (2001, 2008) é considerada um dos expoentes da teoria das representações sociais e dessa abordagem em particular, pois aprofundou a teoria moscoviciana, sendo responsável pela grande divulgação e por sua sistematização.

Ao se referir à gênese das representações sociais, Moscovici (2011) trata sobre como se formam estas representações, destacando dois processos: a ancoragem e a objetificação. A natureza de tais processos é social e cognitiva, de modo a possibilitar a transformação daquilo que não é familiar em algo familiar e conhecido pelo indivíduo. Desta forma, integrando a novidade, diante desses processos, constata-se que essa é uma das funções básicas das representações sociais.

3.2.1.1 Processos de ancoragem e objetificação

De acordo Moscovici (2012), os processos de objetificação e ancoragem têm como propósito a captação e formação das representações sociais, sendo este dinamismo responsável pela transformação de algo não familiar em familiar. Objetos, ideias ou fatos novos geram estranhamento, causando receio, o medo de que sejam perdidos os referenciais já estabelecidos que dão sustentação ao senso de continuidade e de compreensão mútua entre os indivíduos de um grupo. É apenas quando o novo ou não familiar vem a ser incorporado aos universos consensuais que uma nova realidade social ou explicação é criada (Sá, 1998). A partir desses processos de formação operam também os processos sociocognitivos, estabelecidos pela estrutura da sociedade. É por meio destes processos cognitivos que se desdobram que ocorre a formação das representações sociais, assim o não familiar passa a ser familiar, fazendo com que o objeto social seja conhecido e real. É neste desenvolvimento que estão inseridos e acontecem os processos de ancoragem e a objetificação (Vala, 1993).

O processo de classificar e nomear algo foi concebido por Moscovici (2003) como ancoragem. Quando o indivíduo se depara com

algum objeto estranho e perturbador, que intriga, é ativado o processo de ancoragem, que busca colocar o objeto em um sistema particular de categorias do indivíduo e o compara com as categorias que ele pensa serem adequadas. Ao ser comparado com as categorias elegidas pelo indivíduo, o objeto adquire características específicas dessa categoria e passa por um reajuste para que possa ser enquadrado nela. Deste modo, se a classificação resultante é aceita, então as opiniões que se relacionem com as categorias com as quais o objeto foi comparado irão também se relacionar com o objeto ou com a ideia (Moscovici, 2011). Ancorar é um processo por meio do qual um indivíduo avalia, qualifica e transforma os significados de um objeto, considerando a comparação com prévias categorias determinadas pelo indivíduo ou em algo já reconhecido por ele, de acordo com o grupo ou cultura a que ele pertence, nomeia este objeto, e o dispõe em um modelo previamente estabelecido em sua memória, criando com este objeto uma relação positiva ou negativa. Ancorar se revela, então, um processo de reconhecimento de objetos não familiares com base em categorias previamente conhecidas. O indivíduo vivencia um distanciamento, uma resistência, quando não consegue descrever algo e comunicá-lo a outras pessoas. Desta forma, há uma necessidade de que esse objeto estranho seja integrado em sistemas de crenças, a fim de atribuir categorias e nomes à realidade, pois, ao classificar, o indivíduo revela suas teorias a respeito da sociedade (Moscovici, 2003).

Conforme Moscovici (2003), é neste processo de atribuir significado, tirando um objeto do anonimato, dando-lhe um nome e incluindo-o em um complexo de palavras específicas, para localizá-lo na matriz da identidade de uma cultura, que é dada uma identidade ao que não estava identificado, assegurando sua incorporação social, ou seja, o surgimento de uma representação. No entanto, isto significa que o processo de quando o indivíduo entra em contato com algo novo não é o de tentar conhecê-lo, mas sim o de reconhecê-lo, pois o que ocorre é a tentativa de classificá-lo dentro de categorias já existentes. A questão primordial nessas classificações do familiar e não-familiar é a necessidade de categorizá-las de acordo com as normas, se convergem ou divergem dessas normas. É relevante salientar que não é possível ter um sistema geral sem vieses, pois é evidente que existe um sentido primeiro para qualquer objeto específico; esses vieses, no entanto, não manifestam uma limitação social ou cognitiva, mas uma diferença de perspectiva entre indivíduos ou grupos heterogêneos dentro de uma sociedade. Entretanto, quando se integra os sentidos que emergem nos sistemas com os quais o indivíduo já está familiarizado, as representações preconcebidas são em algum grau modificadas, e aquelas entidades que

devem ser representadas são ainda mais modificadas, adquirindo, assim, uma nova existência. Jodelet (2001) descreve que a ancoragem enraíza a representação e o seu objeto em uma rede de significações que permite encontrá-lo em relação aos valores sociais e dar-lhe coerência, ou seja, por meio de uma atividade da memória, o pensamento constituinte sustenta-se sobre o pensamento construído, encaixando a novidade a esquemas anteriormente constituídos. Para a autora, ancoragem se refere à inserção orgânica de um conhecimento em um pensamento já constituído, modelando as relações interpessoais (Jodelet 2008).

Conforme Soares (2003), todo este processo de classificação explicitada envolve um posicionamento frente ao objeto, ou seja, a expressão de uma atitude positiva ou negativa, inserindo-o em normal ou desviante, de acordo com o contexto sociocultural onde o objeto está inserido e é apreendido. Entre outras funções, o processo de ancoragem permite compreender a forma como os elementos de uma representação contribuem para revelar e construir como se dão as relações sociais. Este acontecimento também auxilia na produção de transformações das representações já constituídas, sofrendo, assim, o processo de redução do novo, tornando-o velho e, conseqüentemente, a elaboração do velho com as atualizações, tornando-o novo.

Inicialmente, o fenômeno das drogas era representado, na sociedade brasileira, como algo estranho e, aos poucos, foi se tornando familiar (Silva, 2007). O modo como a questão era abordada caracterizava-se por intervenções que enfocavam o combate, e o objetivo primordial consistia na perspectiva de eliminar a droga do espaço social, configurando-se a guerra contra as drogas, com ideais de erradicação e de uma sociedade sem drogas. Os meios de combate eram, nesta perspectiva, legitimados e determinando diversas intervenções de caráter coercitivo. Mudanças aconteceram paulatinamente e passou a existir uma diferenciação, onde uma estratégia vai na direção do consumo e a outra para a questão do tráfico. A do consumo, coloca o usuário de drogas como doente-delinquente e o excluí, por meio de dispositivos médico-psicológicos e jurídico-penais. Já a do tráfico sustenta os princípios do terror interventivo, o traficante, negociante de drogas ilícitas, permanece no status de inimigo e é socialmente excluído (Agra, 1997). Ocorre então um deslocamento do princípio da erradicação, ele passa do âmbito social, da ideia de uma sociedade sem drogas, para o âmbito individual, o ideal de uma vida sem drogas. Sob esta perspectiva, são acionados todos os meios possíveis, a família, a escola, a comunidade etc., a fim de se conquistar o ideal desejado de uma vida individual sem drogas, e ordenados pelos saberes das ciências médica, psicológica, social e

jurídico-penal. Surge então uma representação deste fenômeno, que é o de uma intervenção mediadora, e que representa uma ruptura com os princípios anteriores. Assim, o fenômeno da droga passa a não ser estranho ou alheio às sociedades atuais, pelo contrário, ele passa a ser classificado como algo normal, que faz parte da sociedade que vislumbra o desenvolvimento (Agra, 1997).

Por meio da classificação daquilo que é julgado como não classificado, a condição de nomear algo que antes não tinha nome faz com que seja possível para o indivíduo imaginar e representar um objeto. A representação é essencialmente um processo de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes. Não é aceita a neutralidade, pela lógica funcional do sistema, onde cada objeto deve possuir uma classificação, ser nomeado e adquirir uma valoração positiva ou negativa. O que ocorre é que é dada uma identidade social ao que não estava identificado – o conceito científico vai se tornando parte da linguagem comum e os indivíduos ou coisas se tornam termos técnicos familiares e científicos, ou seja, é atribuído um sentido, ao que antes não o tinha, no mundo consensual. A ocorrência desta duplicação e disseminação de nomes corresponde a uma necessidade natural de identificar os objetos, dando-lhes uma representação social predominante. Evidencia-se, assim, que os movimentos de classificar e nomear são aspectos característicos do processo de ancoragem das representações (Moscovici, 2011).

A objetivação, por sua vez, trata-se do processo pelo qual os elementos pertencentes à representação se organizam e adquirem materialidade, tornando aquilo que antes era algo abstrato em algo concreto (Jodelet, 2008). Conforme afirma Moscovici (1978), a objetificação constitui realidade a um esquema conceitual, ou seja, confere-se, a uma imagem abstrata, uma contrapartida material.

Para Moscovici (2003), objetivar é reproduzir um conceito numa imagem até que essa imagem se transforme em um dado da realidade e não mais apenas um elemento do pensamento. No processo de objetivar um objeto, preenche-se a discrepância entre a representação e o que ela representa. As particularidades da repetição do conceito acabam se tornando particularidades dos objetos, fenômenos ou ambientes ao qual eles se referem, transformando-se na referência real do conceito. Em outras palavras, a objetificação é o processo que se sustenta na figura de alguém ou de um objeto determinado, reproduzindo o conceito da imagem e/ou da linguagem, referindo-se aos objetos e às redes de significados e de sentidos específicos que permanecem em constante circulação nas interações sociais, desse modo, segundo (Moscovici,

2003), poderia ser considerada a dialética da representação. Oliveira e Werba (1998) e Soares (2003), ainda, explicam por objetificação o processo pelo qual se torna algo concreto, visível, uma realidade, e isso se dá por meio de dois processos: em um primeiro momento, a ideia ou imagem é relacionada a algo concreto, identificável na realidade; na fase seguinte, o que até então era um conceito passa a ser elemento da realidade, podendo ocorrer distorções entre o objeto representado e sua representação. A linguagem e a memória têm funções essenciais, pois, por meio delas, é possível combinar conceitos linguísticos e imagens da memória para transportar novas ideias para um plano mais real, concreto e físico. Deste modo, a objetificação explica como elementos representados se tornam pertencentes à realidade

O processo de objetificação, para Jodelet (2001), pode ser dividido em três fases: construção seletiva, esquematização estruturante e naturalização. As duas primeiras fases revelam o efeito da comunicação e das pressões, ligadas à pertença social dos sujeitos, sobre a escolha e a organização dos elementos que constituem a representação. Essas fases propiciam uma reflexão sobre a forma como é possível acessar as representações nos seus diferentes níveis de complexidade. Partindo da mera palavra e indo até a teoria, que funciona como versão do real; desde os conceitos ou categorias, chegando às operações de pensamento, que os relacionam, até a lógica natural, característica de um pensamento orientado para a comunicação e para a ação (Jodelet, 2001). Evidencia-se, portanto que os processos de ancoragem e objetivação se referem à maneira como o social transforma um conhecimento em representação e à maneira como esta representação transforma o social, revelando uma interdependência entre a atividade psicológica e suas condições sociais.

Objetivar é, então, para Moscovici (2011), encontrar a qualidade icônica de uma ideia, ou objeto impreciso, é concretizar um conceito em uma imagem. A sociedade faz, no entanto, uma seleção daqueles conceitos aos quais ela dá tais poderes figurativos, considerando suas crenças e conhecimentos prévios. Tendo a sociedade constituído um núcleo figurativo, ela considera fácil discursar sobre tudo o que se relacione a esse núcleo figurativo e, devido a essa facilidade, as palavras que se referem a ele são mais frequentemente utilizadas. Fazendo com que emergjam fórmulas e clichês que o sintetizam em imagens, que eram antes distintas, e agora aglomeram-se ao seu redor. Começam então a ser usados em várias situações sociais, como um meio de compreender os outros e a si mesmo, de escolher e decidir (Moscovici, 2011). Conforme Olievestein (1983), sob essas circunstâncias, as drogas, que a princípio eram objetificadas exclusivamente pela farmacologia das substâncias

psicoativas, passam a ser avaliadas incluindo as interações com indivíduos, a droga consumida e o meio sociocultural.

O aspecto figurativo aos poucos vem sendo separado de seu ambiente original pelo uso recorrente e conquistou uma certa independência; analogamente, é o que ocorre com um provérbio comum, que em movimento de uso vai gradualmente se separando de quem o proferiu pela primeira vez e torna-se popular. Assim, também, a imagem ligada à palavra ou à ideia se torna separada e é colocada disponível em uma sociedade, ela é aceita como uma realidade, e independente de sua circulação, distorcida ou não, é uma realidade. Desse modo, a imagem do conceito deixa de ser signo e torna-se reprodução ao contexto real, no entanto, a entidade de onde ele surgiu perde seu caráter abstrato e conquista uma existência quase física. O resultado lógico deste processo é que, sequencialmente, a imagem seja integralmente assimilada, e o que é percebido substitua o que é concebido. As imagens são essenciais para comunicação e compreensão social, elas não existem sem realidade e não podem se sustentar sem ela, assim, as imagens se tornam elementos da realidade, e não são elementos do pensamento (Moscovici, 2011).

Diante do exposto, conclui-se que as drogas são um objeto, manifestando-se fisicamente, por meio das representações da sociedade que estão vinculadas à família, aos profissionais de saúde e de educação, à mídia, dentre tantos outros, nos quais se ancoram e objetivam-se como drogas (Noto *et al.*, 2003). Sob outra perspectiva, salienta-se que as drogas são socialmente ancoradas e objetificadas em elementos negativos com elementos afetivo-emocionais; suas representações geralmente são da ordem da criminalidade, da violência e da delinquência, gerando preocupação familiar (Silva, 2007).

3.2.2 Abordagem estrutural

A abordagem estrutural teve seu início no ano de 1976, por meio da tese de Doctorat d'État de Jean-Claude Abric, intitulada *Jeux, conflits et représentations sociales*, na Université de Aix-en-Provence, na França. A abordagem estrutural das representações sociais tem como base a teoria do núcleo central, Abric (1998) e postula que uma RS é um conjunto organizado e estruturado de informações, crenças, opiniões e atitudes e compõe um sistema sociocognitivo específico. Tal organização estrutural apresenta uma essência hierárquica, oportunizando dizer que os sistemas de cognições interligadas são diferentes no que tange suas organizações e funções de uma representação.

De acordo com Sá (1996), a teoria do núcleo central concebe uma abordagem complementar à teoria de base, postulada por Moscovici em 1961. Ademais, propicia um maior detalhamento das estruturas hipotéticas e busca explicar o seu funcionamento, aspectos que necessariamente devem ser compatíveis com a TRS. Ainda que seja uma teoria menor, é considerada de grande importância para o aprimoramento conceitual, teórico e metodológico do estudo das RS. Esta abordagem, por meio do envolvimento com a prática experimental, carrega as suas características mais marcantes, trazendo à TRS diversas contribuições, talvez mais profícuas do que se o seu desenvolvimento fosse realizado em um campo já comum (Sá, 1996).

Conforme esta abordagem, uma representação social estruturada é composta por dois sistemas de cognições: sistema central e sistema periférico (Abric, 1998; 2003). Essas estruturas funcionam como uma entidade, cada parte possuindo funções específicas, porém complementares. O autor declara que o sistema central engloba os elementos, em quantidade limitada, que definem a identidade da representação. O núcleo é determinado pela natureza do objeto representado, pelo tipo de relações que o grupo estabelece com esse objeto e também pelo sistema de valores e normas compartilhados (Abric, 1998). Essencialmente, essa abordagem tem três funções: (1) função geradora, que dá significado para a representação; (2) função organizadora, que atribui ordenação interna à representação; (3) função estabilizadora, que garante estabilidade à representação. O sistema periférico é a parte mais vivida e também mais acessível de uma representação, sendo responsável pelas funções de: concretização, regulação, prescrição de comportamentos, proteção no núcleo e personalização (Abric, 2003).

No pensamento social, há diversas crenças que são produzidas coletivamente e determinadas historicamente; o grupo que as produziu não aceita que tais crenças sejam questionadas, pois são elas que garantem a identidade, embasam as formas de vida e, assim, a permanência de um grupo social. É possível afirmar, nesse sentido, que o núcleo central de uma RS abrange a sua base comum e consensual, e compreende os elementos mais estáveis da representação, ou seja, os elementos que o compõem dificilmente se modificam. Ademais, os elementos desse sistema são normalmente abstratos e regem aspectos ligados às normas da representação e vinculados aos sistemas de valores. Se acontecer uma alteração no sistema central, esta mudança acarretará a modificação da representação. Este acontecimento é explicado pelo fato de que são os elementos centrais que definem a representação, e a existência de duas

representações diferentes demanda que elas tenham núcleos diferentes. De acordo com Abric (2003), o que determina a homogeneidade de um grupo em relação a um objeto de representação não é apenas compartilhar o mesmo conteúdo, mas é ter em comum no núcleo os valores centrais presentes. Assim, pode-se dizer que a base social fundamental de uma representação é representada pelo núcleo.

Abric (2003) detalha as características do núcleo central, e a primeira característica trazida é a de que seus componentes não são equivalentes, mas sim hierarquizados. No entanto, há elementos centrais que são mais importantes que outros, ainda que todos os elementos centrais sejam indispensáveis à representação. Pela característica hierárquica do núcleo, alguns elementos, podem ser mais essenciais que outros, isto é possível de ser explicado, uma vez que o núcleo possui diferentes elementos, tanto possui elementos normativos (originados nos sistemas de valores) como elementos funcionais (que determinam práticas relativas ao objeto). Este fato, de existirem dois elementos distintos, confere ao núcleo um duplo papel, avaliativo e ao mesmo tempo pragmático.

Abric (2003) alerta para o funcionamento do núcleo central que, como já dito, possui um conteúdo estável, com determinada quantidade de elementos e que, de acordo com o contexto, podem ter diferentes graus de utilização. Isto quer dizer que, conforme o contexto social de inserção, diferentes elementos centrais podem ser ativados; e é um conjunto de fatores que determina esse funcionamento de ativação ou não do elemento central, descritos da seguinte forma: (1) finalidade da situação, que pode favorecer a ativação de elementos pragmáticos ou normativos; (2) distância do grupo para com o objeto (quanto mais o grupo é próximo ao objeto, mais serão valorizados os elementos funcionais); (3) contexto de enunciação (em determinados contextos, alguns elementos serão ocultados do núcleo, em especial os que correspondem a modelos contra normativos). De acordo com a dinâmica desses fatores, diferentes elementos centrais são priorizados: situações em que predominam a função operatória ativam elementos mais funcionais, enquanto situações com uma forte carga ideológica ou socioafetiva ativam os elementos mais normativos. Na determinação do significado, tanto quanto na organização de uma representação, o núcleo central tem um papel fundamental, mas conforme Sá (1996), não esgota o conteúdo e nem as formas de funcionamento da representação.

Conforme Abric (1998), os elementos que não estão dispostos no núcleo central constituem o sistema periférico da representação. Diferentemente dos elementos centrais que normalmente são mais

abstratos e concernem uma natureza normativa, os elementos periféricos tratam-se de *scripts* de práticas concretas, de natureza mais funcional; eles descrevem e determinam ações, mais precisamente (Abric, 2003; Flament, 2001). No entanto, quando há elementos mais concretos, mas característicos da periferia, estes estão ligados aos elementos centrais, possibilitando que a representação relacione-se com eventos mais concretos do cotidiano e dos atores sociais (Campos, 2003). O sistema periférico de uma representação faz uma mediação entre uma realidade que indaga a representação e um núcleo que não deve mudar com facilidade, assim, o sistema periférico intermedia e absorve os desacordos com a realidade, garantindo, até certo ponto, a estabilidade da representação (Flament, 2001). Enquanto o sistema central é consensual, estável, coerente e rígido, o sistema periférico é flexível, tolera possíveis contradições, permitindo uma adaptação à realidade concreta, até mesmo com diferenciações do conteúdo (Sá, 1996). Os elementos periféricos não têm muita estabilidade, modificam-se com facilidade, de acordo com as alterações no contexto dos grupos sociais e sua relação com algum objeto social. Servem para proteger, como um escudo para o sistema central, adaptando-se a alterações contextuais, ao mesmo tempo em que buscam preservar a integridade do sistema central (Wachelke & Camargo, 2007).

Para Flament (1994), a diferença entre elementos centrais e periféricos não é questão de saliência quantitativa, a diferença é qualitativa: a função diferenciada na representação, por tratar-se de elementos ligados a sistemas diferentes, é que permite a distinção uns dos outros. Conforme aponta Flament (2001), sobre a distinção entre elementos centrais e periféricos, não é possível falar de uma gradação entre centralidade e periferia, uma vez que os elementos periféricos estão fora do núcleo central, e a distinção entre núcleo e periferia é essencial. Estes elementos, no entanto, podem estar distantes ou próximos. Este autor consente que os elementos periféricos sejam esquemas que são organizados pelo núcleo central da representação, e que tais esquemas possibilitem o funcionamento quase que imediato da representação, proporcionando um funcionamento econômico da representação, sem que seja preciso se avaliar a situação em relação ao princípio organizador – núcleo central. Há certas situações em que os elementos periféricos não se apresentam como esquemas, mas como características do objeto da representação, os elementos do núcleo central podem ser considerados também como esquemas, no entanto, esses são mais abstratos que os esquemas periféricos.

Segundo Abric (1998; 2003), o sistema central detém a função geradora, que atribui sentido aos demais elementos da representação. Para

Wachelke e Camargo (2007), no entanto, há indícios de que mesmo que os elementos centrais permaneçam os mesmos, seus significados podem ser interpretados de formas diferentes, de acordo com o contexto da comunicação ou a ativação da representação. Os elementos representacionais são ativados diferentemente, segundo a natureza do objeto social visado, as relações do grupo com o objeto, o contexto de enunciação da representação e a finalidade do objeto na situação (Campos, 2003). Enquanto outros elementos podem permanecer sem ser ativados, outros podem ser ativados mais frequentemente, conforme o grau de importância para a situação específica (Abric, 2003). Ainda que o sistema central seja mais afetado pela dimensão normativa, enquanto o sistema periférico é mais afetado pela dimensão operatória, é importante salientar que as duas dimensões estão presentes nos dois sistemas. As condições de natureza e finalidade têm uma função crucial na ativação das dimensões normativa e funcional de uma representação. Nos achados de Abric (2003), o núcleo central é configurado por elementos que explicitam uma partilha social de valores e normas, no entanto, estudos, como o de Campos e Rouquette (2003), têm sinalizado uma outra dimensão que também pode ser evidenciada nos elementos centrais de uma representação social: a dimensão afetiva. A partir de suas pesquisas, Campos e Rouquette (2003) hipotetizam que poucos elementos centrais seriam capazes de reunir em torno de si os elementos afetivamente mais carregados. Eles afirmam, assim, que o núcleo pode resultar também da partilha de emoções associadas aos valores e práticas envolvidos em uma representação.

Em síntese, pode-se dizer que fundamentalmente a abordagem estrutural está concentrada em investigar os conteúdos de uma representação, na busca de apreender os diversos momentos e movimentos da sua constituição. Segundo a teoria do núcleo central, não basta apenas conhecer os conteúdos de uma representação para defini-la, faz-se necessário identificar os seus elementos, o seu núcleo central, visto que é ele que lhe atribui significado e conduz a sua modificação. Conforme Sá (1996), devido à sua estrutura, é possível que duas representações tenham o mesmo conteúdo, mas sejam diferentes as suas significações. Deste modo, na busca de articulações, buscar-se-á explorar, na seção seguinte, aspectos da teoria que tratem sobre como as representações sociais se relacionam com as drogas, sua experimentação e uso, servindo como um guia para a ação no cotidiano (Jodelet, 2001).

3.3 CONTEXTUALIZANDO DROGAS

A utilização das drogas pelo ser humano não é um acontecimento recente. Historicamente, o consumo dessas substâncias é parte estruturante da maioria das civilizações e remonta ao período pré-histórico, ocasião em que as substâncias psicoativas eram consumidas na forma de plantas com fins terapêuticos e finalidades curativas, ingeridas como alimentos, com o objetivo de auxiliar na sobrevivência às adversidades do ambiente. Elas eram consideradas ainda como elementos constituintes de rituais, que poderiam ser sagrados ou profanos, relacionados à busca do homem em conectar-se com o espiritual (Araújo & Moreira, 2006; Pratta & Santos, 2009; Oliveira & Carneiro, 2014). As culturas desenvolveram formas de transcendência regulamentadas socialmente, onde o uso dessas substâncias tinha um papel estipulado, sem ser considerado um risco para aqueles que consumiam, sendo até mesmo divinizadas (Nery-Filho, Miranda, & Medina, 1995; Escotado, 1996; Escotado, 1998; Schultes & Hofmann, 2000; Carneiro, 2005). Considera-se, assim, que nesse período o uso de substâncias psicoativas era parte constituinte da própria sociedade, e não era percebido como forma de ameaça à saúde ou à ordem social (MacRae, 2013).

Ainda na pré-história, as drogas eram utilizadas em cerimônias e rituais para se obter prazer, diversão e experiências místicas. Os indígenas também as utilizavam em bebidas fermentadas – álcool – em rituais considerados sagrados e em situações de comemorações. Os povos egípcios utilizavam as drogas para tratar doenças, além do uso como forma de abrandar dores e ainda como método abortivo (Bucher, 1986). Os gregos e árabes usavam o ópio com finalidades medicinais, para amenizar a dor e ainda como tranquilizante. Algumas tribos de índios do México consideravam o cogumelo sagrado e o utilizavam em rituais religiosos que induzia alucinações. O álcool era usado em festividades sociais e religiosas pelos gregos e romanos. Esta prática pode ser observada ainda hoje, pois o vinho faz parte das cerimônias católicas e protestantes, assim como no judaísmo, no candomblé e também em outras práticas espirituais (Bucher, 1986).

Foram identificados achados históricos, datados da época das navegações, que constataram que inúmeras expedições marítimas foram fomentadas pela busca de drogas, tais como as especiarias asiáticas. Os ciclos econômicos que giravam em torno do comércio de substâncias, como o açúcar, o tabaco, o café e até mesmo a aguardente, foram vislumbrados e efetivados com o intuito de suprir a demanda dessas substâncias para todo o mundo (Obid, 2007).

A partir do século XIX passaram a existir no mercado, além dos extratos vegetais, as substâncias puras sintetizadas, momento em que já se utilizavam laboratórios para extrair os princípios ativos das plantas, a exemplo disso, temos a morfina a cocaína e a cafeína. O consumo popular de excitantes se expandiu durante a Revolução Industrial, pois o estímulo ao desempenho laboral de trabalhadores e de tropas militares gerava grande interesse (Oliveira & Carneiro, 2014). Com a chegada da Idade Média, as relações da sociedade com a utilização de substâncias psicoativas começam a mudar e passam a ser criados mecanismos de controle, e tal acontecimento se dá pela imposição justificada e pautada na lógica da moral da igreja cristã, que reprovava qualquer tipo de ritual considerado profano; posteriormente, surgiram complicações físicas, psicológicas e sociais advindas do uso indiscriminado e com finalidades puramente recreativas, no final do século XIX; na sequência, houve um período de acentuada condescendência ao consumo, nas décadas de 1960 e 1970, com o movimento hippie; e a forte associação entre o consumo de drogas e a infecção pelo HIV, no final do século XX, são considerados determinantes históricos que influenciaram e geraram as abordagens proibitivas (Araújo & Moreira, 2006; MacRae, 2001). No final do século XIX e início do século XX, desdobramentos advindos desses balizadores auxiliaram na proibição e na intolerância ao consumo, influenciando também em uma categorização jurídica, entre drogas lícitas e ilícitas, e incentivaram a preconização de políticas públicas de saúde e a estruturação e elaboração de estratégias de enfrentamento (Silveira & Moreira, 2006; Toscano, 2001).

No mesmo sentido, Alves e Lima (2013) dissertam que o substancial aumento no uso de drogas pela população mundial colaborou para que diversos países implementassem normas de proibicionismo, nas áreas da segurança e da justiça, particularmente. Os primeiros procedimentos de enfrentamento ao uso abusivo foram a punição ao uso e o combate à comercialização, apenas posteriormente os problemas de saúde relacionado ao uso abusivo de drogas passam a ser considerados como tais. É possível, desse modo, observar que, apesar de as drogas serem comuns e habituais ao longa da história, o século XX torna-se um divisor de águas, trazendo uma série de condicionantes de acordo com as necessidades vigentes, assim, a circulação e o uso dessas substâncias passam a ser regulamentados, sendo que algumas delas são permitidas e outras proibidas formalmente, por serem percebidas como ameaças à ordem social e estarem relacionadas à desordem, violência e problemas de saúde (Bucher, 1986). Deste modo, à luz da TRS, o objeto “drogas”, que até então era considerado sem riscos, socialmente naturalizado, aceite

e até mesmo divinizado por alguns grupos, com a evolução histórica passou a ter um caráter negativo, sustentado nos desdobramentos do uso abusivo que passou a ser divulgado e disseminado, e nas consequências sociais e de saúde (Santos & Oliveira, 2012; Giacomozzi, 2011).

As drogas são percebidas como substâncias proibidas, principalmente aquelas que são delimitadas como de uso ilegal. Isso pode ser explicado pelo fato de se ter conhecimento de que podem causar dependência, alterar as funções cognitivas, o humor, as sensações e os comportamentos do indivíduo de modo geral. É relevante considerar que os mesmos danos causados ao usuário por estas drogas determinadas como ilícitas, podem ser causados por aquelas consideradas lícitas (Bertoni, Dias, & Silva, 2012). Conforme Lorencini (1998), não são somente as composições das drogas ou os seus desdobramentos psicológicos sobre o indivíduo que devem ser considerados para categorizá-las quanto à sua legalidade. A questão aqui é muito mais ampla e não se deve perder de vista os contextos históricos e socioculturais de cada sociedade; a legalidade ou não é regida de acordo com os determinantes de cada país, assim fica também patente que são adicionadas à discussão desta temática questões de ordem política, o que ultrapassa os fatores de causas e efeitos das substâncias em si. No Brasil, o objeto “drogas” é representado socialmente sob a norma determinante que as classifica em lícitas, ou seja, disponíveis em livre comércio para indivíduos maiores de 18 anos, como, por exemplo, o tabaco e o álcool, e em ilícitas, as quais são restringidas quanto ao seu uso e comercialização (Mello, 2008).

De acordo com Oliveira e Carneiro (2014), as medidas proibicionistas de combate às drogas, conhecidas como “Guerra as Drogas”, passaram a ser questionadas, sendo consideradas pouco efetivas, observando-se que os níveis de consumo permaneciam aumentando e gerando consequências que envolviam a violência e o tráfico de drogas. Neste contexto, ocorria a exclusão dos usuários do meio social e estes tornavam-se indivíduos estigmatizados e que não tinham possibilidades, pela não oferta de políticas de tratamento e prevenção. Todo o movimento proibitivo, repressor e despreparado para os seus desdobramentos, que ocorreu mundialmente, aconteceu também no Brasil.

Afirma Carvalho (2007) que a primeira preocupação legislativa brasileira sobre a questão das drogas pode ser encontrada nas Ordenações Filipinas. No entanto, somente com o Código Penal republicano de 1890, que regulou o artigo que impunha crime a comercialização, transporte, fornecimento e manipulação de entorpecentes, é que se pode falar de uma legislação que de fato pode ser considerada brasileira. Esse dispositivo,

no entanto, foi consecutivamente sendo alterado por várias outras leis brasileiras, resultando na Lei n. 6.368/76, que permaneceu por praticamente 30 anos no ordenamento, predizendo tratamentos apenas punitivos aos usuários e traficantes. No ano de 2006, a Lei n. 11.343 modificou profundamente a lei anteriormente vigente, sendo que alteração mais essencial era a descaracterização do crime de porte para consumo. Outras medidas também foram formalizadas a partir desta nova constituição, como o reconhecimento do usuário como um sujeito de direitos e garantias, devendo receber tratamento digno e respeitoso e, ainda, dando lugar à rede de saúde pública, considerando suas atividades como espaço de tratamento, prevenção e redução de danos (Carvalho, 2007).

Desse modo, fica evidente que até a década de 1990 o Brasil tinha apenas alguns movimentos descontinuados que mostravam uma despreocupação do Estado e das instituições públicas para instituir solidamente programas de prevenção e tratamento. O movimento de maior atenção à temática das drogas começou a aparecer com o aumento da disseminação da Aids, quando programas de prevenção à atenção a usuários de drogas, principalmente injetáveis, passaram a ser incluídos. Apesar disso, ainda que algumas práticas se mostrem mais propensas a perspectivas da redução de danos, os programas de prevenção de drogas no Brasil evidenciam nítida aderência à abordagem de guerra às drogas (Oliveira & Carneiro, 2014).

A nível mundial, o abuso de drogas tem se mostrado como um problema sociopolítico, desse modo, torna-se necessária a combinação de práticas das ciências humanas com o intuito de dar conta deste fenômeno complexo e desafiador. Parece haver uma necessidade de abordagens que evitem as interpretações punitivas tradicionais fundamentadas em intervenções limitadas moralistas e estereotipadas sobre esta temática e que tenham condições de oferecer uma abordagem que contemple a interdisciplinaridade (Nascimento, 2006).

As drogas estão no movimento social da humanidade e ao se pensar intervenções relacionadas ao uso abusivo de álcool e de outras drogas, é necessário compreender a forma como se estabelecem as relações entre o homem, a droga e o ambiente. É preciso, antes de mais nada, considerar o contexto sociocultural onde isso ocorre (Macrae, 2010). Ademais, é relevante pensar a conformação da cultura moderna e o aparente estado de insegurança, de insatisfação e de estresse a que os indivíduos estão constantemente submetidos, e que tal configuração pode incentivar a busca de novos produtos e prazeres, que amenizem a condição a que estão submetidos. As substâncias psicoativas, agora não estão mais ancoradas

em crenças místicas e outros objetos dos séculos passados, mas na busca de alívio e prazer.

3.3.1 O adolescente e as drogas

Etimologicamente, o termo “adolescente” deriva do latim, e remete-se a brotar, crescer, desenvolver força e idade. A adolescência pode ser, então, considerada como uma fase de transição, de passagem da infância para a vida adulta, percorrendo um caminho que a princípio era de uma condição de, praticamente, total dependência a uma condição de maior autonomia pessoal e de necessidade de autocontrole externo (OMS, 1995). Neste período de mudança e crescimento, que caracteriza a adolescência, o indivíduo é impulsionado a realizar diversas tarefas para concretizar essa passagem da infância para a vida adulta; e estes processos que o adolescente precisa desenvolver normalmente provocam conflitos e, conseqüentemente, mudanças de comportamento (Giacomozzi *et al.*, 2012).

O período que caracteriza a adolescência é marcado também por intensas transformações biopsicossociais, tornando este um período crítico, um estágio decisivo para o desenvolvimento de competências e para a aquisição de habilidades pessoais, interpessoais e tomada de decisão (Malta *et al.*, 2010; Vasters & Pillon, 2011; Giacomozzi *et al.*, 2012; De Almeida, 2014;). Dito de outra forma, o processo de “adolescer” pode ser ainda compreendido como uma série de transições que estão relacionadas ao crescimento corporal, devido às mudanças no desenvolvimento emocional, psicológico e social. Nesta fase ficam realçadas as expectativas culturais da sociedade e do grupo familiar do adolescente, que mobiliza significativos esforços para atingir as demandas que recaem sobre ele. A adolescência tem sido considerada como uma etapa crucial no seguimento de evolução do indivíduo, pois é nesta fase que culmina todo o seu processo de maturação, ocorrendo a estruturação final da personalidade e a constituição da imagem corporal definitiva. A partir disso, é condizente dizer que o adolescente é um sujeito que age e reage sobre aquilo que lhe é proposto, na tentativa de encontrar respostas próprias que tragam sentido para si e que possibilitem sua inserção social (Clerget & Eisenstein, 2004).

Ao deixar a identidade infantil, o adolescente procura a autoafirmação social e a construção de novas identificações, buscando estabelecer relações de afeto com pessoas que não fazem parte do seu meio familiar, para tanto, ele se insere em diferentes grupos de amizades (De Almeida *et al.*, 2014; Freires & Gomes, 2012). A interação social,

como afirma Facundo (2005), é uma necessidade humana, no entanto o seu aprendizado dentro das normas que regem cada grupo específico, como o familiar e o social em seu sentido mais amplo, pode gerar contradições, confusões e ambivalências no adolescente. Tais circunstâncias são capazes de fazer com que o adolescente se sinta vulnerável diante da resolução de problemas, visto que a sua identidade e personalidade não estão ainda totalmente sedimentadas. Nesta faixa etária, em decorrência deste movimento, marcado pela instabilidade e que está diretamente ligado aos processos de maturação biológica, social e psicológica, pode-se explicar o surgimento de comportamentos de exposição a riscos. Considerando-se todos os processos de transformações a que os adolescentes estão expostos, a UNODC (2008) considera este como um grupo de risco, ou seja, vulnerável em relação ao consumo de drogas.

Os fatores de risco podem ser considerados desdobramentos da aquisição de novos comportamentos e vivências de novas experiências, que, quando estão associadas aos novos laços construídos, podem se configurar em comportamentos de exposição à vulnerabilidade quanto à saúde, como por exemplo, a má alimentação, o sexo desprotegido e também o consumo de álcool, tabaco e outras drogas (Malta *et al.*, 2010; 2014). Estes fatores de risco, mais especificamente o consumo de drogas, podem provocar outros problemas, que prejudicam tanto o adolescente quanto a sua família e também a sociedade; comportamentos, tais como os de ter relações sexuais precocemente, que resultem em uma gravidez não desejada ou de alto risco de contágio de doenças sexualmente transmissíveis, como o HIV, por exemplo; além de baixo desempenho escolar; problemas sociais ou interpessoais frequentes e dificuldades em cumprir com as suas obrigações (Essau, 2011; Giacomozzi *et al.*, 2012). Há também os fatores associados ao uso de drogas por adolescentes – que podem ser considerados de acordo com as circunstâncias como se apresentam – tais como relações familiares, nível socioeconômico, características demográficas, tipos e posição geográfica de escola, relações de conectividade com a escola, prática sexual precoce, prática de atividades físicas, consumo de drogas pelos pais e/ou familiares, consumo de drogas pelos pares, questões relativas à saúde, entre outros. Vários estudos mostram que estes podem se configurar como elementos importantes para a tomada de decisão do adolescente, o que tem chamado a atenção de diversos pesquisadores, visto a complexidade do fenômeno (Swahn *et al.*, 2010; Puente *et al.*, 2011; Hemphil *et al.*, 2011; Fraga *et al.*, 2011; Oliveira-Campos *et al.*, 2012; Kaai *et al.*, 2013; Sanches *et al.*,

2013; Cole & Burkhal, 2013; Pedersen *et al.*, 2013; Ariza *et al.*, 2014; Levin *et al.*, 2014; Henchoz *et al.*, 2014).

Questões como estas, de fatores associados e a clara complexidade do fenômeno, têm dado maior visibilidade ao fenômeno nas últimas décadas, impulsionando estudos epidemiológicos na busca de dados que possam contribuir para desvelar possibilidades de intervenções mais assertivas. No Brasil, em um estudo de levantamento realizado pelo CEBRID, a prevalência para o uso do álcool foi de 59,9%, 14,4% de cigarro e 5,9% de maconha, entre os adolescentes de 15 a 16 anos. Nesse mesmo estudo, na cidade de Florianópolis, a maconha foi considerada como a droga ilícita preferida entre os adolescentes, tendo um aumento de 7,3% do consumo entre os anos de 2004 e 2010 – V e VI levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes nas capitais brasileiras, respectivamente (Carlini *et al.*, 2010). A pesquisa de Camargo *et al.* (2010), realizada em Florianópolis, Itajaí e Balneário Camboriú, com estudantes noturnos do ensino médio de escolas públicas apresentou em seus resultados que 39,3% dos participantes declararam ter abusado de bebidas alcoólicas nos últimos 12 meses. Estes percentuais superam os encontrados na investigação de Camargo e Bertoldo (2006), onde 31,5% dos estudantes de escolas particulares e 24,1% dos estudantes de escolas públicas do turno diurno; e 23,4% no noturno, relataram terem tido este mesmo tipo de experiência. No estudo realizado por Giacomozzi *et al.* (2012) o álcool foi a droga com resultados mais expressivos, pois o uso abusivo de bebidas alcoólicas na vida foi declarado por 30,1% dos participantes. O uso da maconha e de outras drogas foi declarado por cerca de 10% dos participantes da pesquisa. Foi possível observar uma associação significativa entre a declaração do uso de maconha e o uso de outras drogas. Sobre o uso da maconha ou do haxixe na vida, quando indagados, a grande maioria, 93% dos participantes, afirmou nunca ter feito uso destas substâncias, assim, 7% dos participantes afirmou já ter feito uso.

Outro estudo epidemiológico, mais recente, desenvolvido entre estudantes do ensino médio da rede pública estadual da região da Grande Florianópolis, revelou em seus resultados um alto consumo de álcool entre os participantes, demonstrando uma prevalência de 87,6% que declararam ter experimentado, e um percentual de 42,1% entre os que declararam consumo regular. Em relação ao consumo de cigarro, as prevalências foram de 22,0% para aqueles que afirmaram ter experimentado e de 6,4% para aqueles que afirmaram consumir com regularidade; quanto à maconha, as prevalências foram 17,6% e 8,6%, para os grupos que declararam ter experimentado e consumido

regularmente maconha, respectivamente (Leite, 2015). Relativo a estes dados, revela-se ainda outro aspecto importante, investigado por (Carlini *et al.*, 2010; Giacomozzi, 2011), que destacam que a idade de iniciação ao uso de drogas tem se tornado cada vez mais precoce, em outras palavras, a exposição dos estudantes às drogas de modo geral acontece muito cedo. A pesquisa de Carlini (*et al.*, 2010) apontou que 5,4% dos estudantes fizeram uso no ano anterior à pesquisa, e 10,4% declararam “uso na vida”, obrigatoriamente, cerca de 5,0% (10,4 - 5,4) provavelmente iniciaram a experimentação de drogas antes dos 10 anos de idade. No que tange as preocupações neste sentido, são as evidências declaradas por Nappo *et al.* (2010), de que o uso experimental de drogas na infância e na puberdade pode levar ao uso abusivo, e até mesmo à dependência na vida adulta.

É possível que essa busca precoce esteja relacionada com a busca de identidade pelo adolescente, pois a droga pode funcionar para ele como uma forma de se afirmar dentro do grupo. A aceitação dele diante do grupo pode lhe proporcionar segurança e boa autoestima. Há, na adolescência, uma tendência grupal muito forte; os laços familiares chegam a ser enfraquecidos e o adolescente chega até mesmo a pertencer a mais ao grupo do que a própria família, e a busca de alguém que exerça o papel de liderança no grupo pode ser compreendida pelo desejo de submeter-se ou de eleger-se como tal, e esta liderança exerce um poder como o poder dos pais. Estes grupos, no entanto, são permeados por regras, tais como: encontros em locais preestabelecidos, uso de determinados estilos de roupas, cortes de cabelo, e até mesmo o uso de drogas (Facundo, 2005). Vários são os motivos que levam os adolescentes à utilização do álcool e outras drogas, muitos usam na intenção de relaxar, se divertir, diminuir a timidez, ter mais facilidade em se expressar, mas também usam como uma forma de “fuga da realidade”, e isso os expõe a riscos, principalmente em relações sexuais casuais, muitas vezes desprotegidas, o que denota a associação entre os comportamentos de risco para a saúde sexual e reprodutiva ao uso de drogas lícitas e ilícitas, não apenas nesta faixa etária, mas na população geral (Diehl, Cordeiro, & Laranjeira, 2011).

Considerando-se os dados expostos, torna-se patente os motivos pelos quais a temática tem chamado a atenção dos pesquisadores. Pois, para além disso, não é possível desprezar que, em se tratando da população adolescente, ainda que em uso experimental e recreativo de drogas, os prejuízos podem ser relacionados a danos para o desenvolvimento cognitivo, fisiológico e psicológico; atraso no desenvolvimento e comprometimento do rendimento escolar,

principalmente se a iniciação ao uso de drogas for precoce. Outros aspectos, no que tange a aquisição de habilidades, tais como o autocontrole e a autoestima, também podem sofrer abalos e deixar o adolescente ainda mais suscetível à influência dos pares e envolver-se em situações de risco (Facundo, 2005). Assim, em função de sua instabilidade de personalidade, o uso de drogas por adolescentes os coloca em situações adicionais de risco, diferentes das que ocorrem com adultos. Os prejuízos que são ocasionados pelo uso de drogas podem ser agudos ou crônicos, produzir alterações mais duradouras e até mesmo irreversíveis. De modo geral, todas as substâncias psicoativas, quando utilizadas de forma abusiva, aumentam o risco de acidentes e da violência, visto que, devido à alteração do estado de consciência, os cuidados de autopreservação são negligenciados, fato ainda mais proeminente entre adolescentes (Diehl, Cordeiro, & Laranjeira, 2011).

É possível observar que vários são os elementos que tornam as drogas um fenômeno complexo e de difícil compreensão, cujos índices de ocorrência são altos na população brasileira. É possível ainda inferir que mesmo que a sociedade brasileira tenha uma representação das drogas associada ao risco de morte e ao proibicionismo, essa representação não se consolida como um instrumento de prevenção, pois se constata a estreita relação entre os jovens, a experimentação e o uso abusivo de drogas.

Tais aspectos relatados podem estar influenciando para que, apesar dos esforços mobilizados, a produção de conhecimento acerca de sua determinação ainda pareça insuficiente para fundamentar procedimentos eficazes de intervenção (Silva, 2013). Neste sentido, as RS sobre este fenômeno podem trazer importantes contribuições, visto que, para Moscovici (1978), uma representação social é a reprodução e um sinal de que um objeto é socialmente valorizado. Assim, as drogas podem ser consideradas como um objeto de representação social, considerando-se que fazem parte do cotidiano dos indivíduos estudados e de toda a sociedade. É um fenômeno que gera grandes controvérsias, suscita polêmicas e mobiliza afetos, tornando-se um objeto com campo fértil para a elaboração e construção das RS, visto que é neste movimento e fundamentando-se em teorias científicas, nos conhecimentos práticos e vivenciais, mais precisamente, no senso comum, que as RS são edificadas.

Para além do fenômeno, ressalta-se a significância do aporte teórico, pois, conforme Jodelet (2002), a TRS tem a capacidade de fazer a interface entre o psicológico e o social, de modo que o estudo das RS se distingue pelo fato de integrar, na análise dos processos, tanto sociais

como culturais, a pertença e a participação do sujeito. Silva (2007) afirma que a TRS contribui para a compreensão de assuntos complexos, como é o caso do objeto das drogas, pois consegue dar conta de articular e elucidar transformações sobre os fenômenos, mantendo um diálogo com o saber científico, daí a evidente importância deste estudo contando com esta articulação, as RS das drogas, sob a perspectiva da TRS.

3.3.2 Representações sociais e as drogas

A TRS poderá contribuir com este estudo, na medida em que possibilita a compreensão de que os valores, crenças e atitudes constituem um papel crucial na construção de formas coletivas de significar os objetos no mundo, divulgando formas de pensamento e de comportamento a eles associados, ultrapassando as dimensões humanas voltadas ao individual e psicológico, e enfatizando a importância do conhecimento socialmente partilhado (Jodelet, 2001). Sob este prisma é que este estudo terá como sustentação e aporte a TRS, na busca de verificar quais são as RS sobre o fenômeno das drogas e de que forma elas foram constituídas, ancoradas e objetificadas para o grupo específico que será investigado.

Procurando deixar ainda mais clara a importância do presente estudo na conformação proposta, isto é, o fenômeno das drogas sob a ótica da TRS, julgou-se relevante, a partir de uma revisão integrativa da literatura, identificar na produção científica brasileira outros trabalhos que tenham como objeto de estudo a temática que envolve as drogas e que tenham utilizado a TRS como aporte teórico. Assim, destaca-se que a revisão realizada teve delimitações de etapas metodológicas de modo consistente, por meio da organização e sintetização dos estudos, a partir de critérios preestabelecidos, a fim de tornar mais profícuas as evidências encontradas (Souza, Silva, & Carvalho, 2010; Mendes, Silveira, & Galvão, 2008).

Para a realização da revisão literária, procedeu-se com uma busca por artigos indexados nas bases de dados eletrônicas LILACS, Scopus e SciELO. A escolha dessas bases de dados se justifica pelo fato de que elas abrangem, em grande parte, as publicações das ciências médicas, humanas e sociais, as quais estão diretamente relacionadas ao fenômeno em questão. Nessas bases, estão indexados estudos desenvolvidos por diferentes áreas que investigam o fenômeno das drogas, dentre as quais se destacam a saúde pública, a enfermagem e a psicologia.

Os resultados encontrados são fruto de pesquisas de artigos nacionais sobre a temática das drogas e das RS. A busca foi delimitada ao

período dos últimos 10 anos, por se considerar que as pesquisas desenvolvidas nessa época são as mais relevantes, além de apresentarem maior grau de impacto para os conhecimentos recentemente adquiridos sobre a temática. O idioma foi selecionado devido ao fato de se intentar investigar a produção científica sobre a temática à luz da TRS no Brasil, buscando ainda identificar produções que tenham, como grupo formador de RS, os adolescentes, visto que são estes os participantes do presente estudo.

Foram realizadas, em cada uma das bases selecionadas, duas combinações, uma com dois descritores e outra com três descritores, sendo as combinações utilizadas: “representações sociais”, drogas; “representações sociais”, drogas e adolescentes. Após a busca por meio dos termos definidos, com a utilização do operador booleano “AND”, realizou-se a leitura dos resumos dos estudos encontrados. Em seguida, procedeu-se à seleção dos artigos que atendiam aos critérios de inclusão definidos para esta pesquisa, com base em seus resumos, e, posteriormente, foi realizada a leitura minuciosa na íntegra dos artigos selecionados.

Os critérios de inclusão definidos para o presente estudo foram: (a) ter sido publicado em formato de artigo científico, empírico ou teórico; (b) ter sido publicado entre os anos de 2008 e 2018, a fim de reconhecer como tais temas têm sido abordados em investigações recentes, desenvolvidas ao longo da última década, uma vez que as RS estão em constante movimento; (c) estar escrito em língua portuguesa e serem trabalhos exclusivamente desenvolvidos no contexto brasileiro, identificando as publicações veiculadas no país sobre a temática; (d) investigar a relação entre RS, drogas e possíveis desdobramentos do fenômeno das drogas.

Os critérios de exclusão foram: (a) estar disponibilizado em formato de tese, dissertação ou monografia; (b) o texto completo estar indisponível para a leitura na íntegra; (c) publicações que enfocassem outros países que não o Brasil; e (d) estudos que não investigam o fenômeno de interesse. O critério de exclusão (c) se explica pelo fato de que este estudo se propõe a analisar apenas a produção brasileira, considerando a diferenças culturais naturalmente impostas.

3.3.2.1 Resultados e discussão da revisão integrativa complementar ao estudo

As buscas foram realizadas entre os meses de setembro e novembro de 2018. Foram encontrados 83 artigos nas referidas bases de dados, como resultados da busca pelos descritores. Desse total, os artigos repetidos foram excluídos (n=31). Foram lidos e analisados os resumos de 52 artigos, dos quais 6 se encontravam na base de dados Scopus, 13 na base de dados SciELO e 33 na LILACS. Após realizadas as leituras dos títulos e resumos, foram selecionados 49 artigos que atenderam aos critérios de inclusão. Ao aplicar os critérios de exclusão, foram eliminados 17 estudos, o que reduziu o total de artigos para 32. Por fim, ao realizar a leitura dessas publicações na íntegra, 8 delas foram excluídas, por não investigarem especificamente os fenômenos de interesse. Sendo assim, os artigos que compõem o *corpus* de análise do presente trabalho somam 24 publicações. O fluxograma do processo de seleção dos artigos incluídos na presente revisão pode ser visualizado na Figura 1.

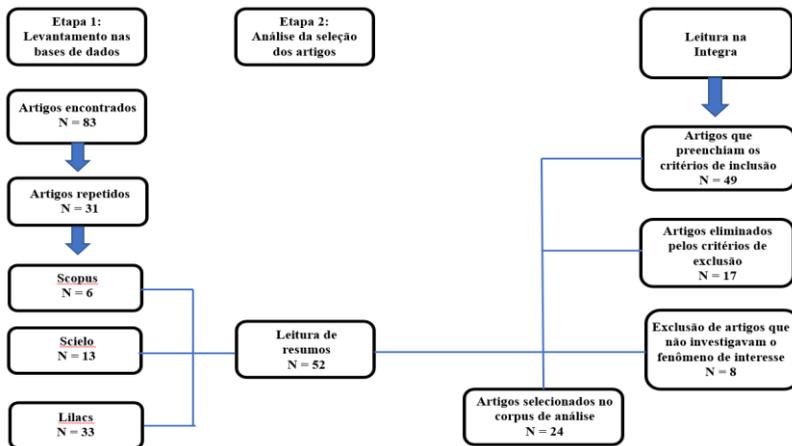


Figura 1 - Fluxograma do processo de seleção dos artigos selecionados

Fonte: elaborada pela autora (2019).

3.3.2.2 Caracterização dos estudos

As principais informações sobre os estudos incluídos na revisão foram categorizadas e, ao mesmo tempo, sintetizadas e estão disponibilizadas na Tabela 1. As referências completas estão listadas nas

referências acompanhadas de asterisco (*) e há uma numeração atribuída a cada um dos artigos revisados. A análise organizou-se em duas etapas, a apresentação e a discussão dos estudos. A primeira apresenta as características identificadas nessas produções acerca da base de dados onde elas foram encontradas, seu período de publicação, as áreas de conhecimento que produziram os estudos e a metodologia; a segunda etapa descreve, de modo qualitativo, os desfechos e as contribuições que os estudos disponibilizam para o entendimento do objetivo dessa revisão.

Dos 24 estudos selecionados para o *corpus* de análise deste trabalho, 12 foram encontrados na base de dados LILACS, 9 na SciELO e apenas 3 na base de dados Scopus. No que concerne ao período de publicação dos trabalhos analisados, no ano de 2012 foi identificado o maior número de publicações, contando com 5 artigos, seguidos dos anos de 2013 e 2015, com 4 publicações cada, e o ano de 2016 teve 3 publicações. Já os anos de 2009 e 2010 aparecem com 2 publicações cada; nos anos de 2008, 2011, 2017 e 2018 foi identificado apenas 1 artigo para cada ano; e o ano de 2014 destaca-se por não terem sido encontrados registros. No que tange as áreas de conhecimento onde os trabalhos foram desenvolvidos, destaca-se a psicologia, com 14 publicações, mais da metade do total das publicações (24), a enfermagem aparece com 7 publicações e a saúde pública com 3 trabalhos.

Quanto ao tipo de pesquisa realizada, observou-se que, dos 24 artigos analisados, 21 foram realizados com abordagem qualitativa, 2 deles com abordagem qualitativa de cunho etnográfico, e apenas 1 dos artigos utilizou ambas as abordagens. No que se refere aos procedimentos de pesquisa mais usados, verificou-se que há um predomínio na utilização de entrevistas semiestruturadas (n=14). Estudos que utilizaram o questionário foram 6. A análise documental, bem como a observação foram utilizadas por 4 estudos cada uma. Vários estudos apresentaram associação entre métodos, instrumentos e técnicas, com destaque para a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP) (n=4), grupo focal (n=2) e técnica de desenho-estória (n=2).

Um aspecto de extrema relevância para o presente estudo, foi verificar que, dentre os 24 estudos que compõem o *corpus* da revisão, apenas 2 trabalhos foram realizados com adolescentes como respondentes, sendo que um dos trabalhos buscava verificar as implicações do alcoolismo na história de vida dos adolescentes respondentes (Silva & Padilha, 2013) e no outro trabalho os respondentes são adolescentes em conflito com a lei (Andrade, Alves, & Bassani, 2018).

Tabela 1 - Categorização das informações obtidas nos artigos analisados

Nº	Autores	Ano	Área do conhecimento	Base de dados	Periódico	Objetivo	Natureza	Metodologia	Participantes
1	Martini et al.	2008	Enfermagem	SciELO	Latino-Americana Enf.	Conhecer as RS dos professores sobre o uso de drogas	Qualitativa	Rede de associações	16 professores
2	Souza e Oliveira	2009	Enfermagem	LILACS	Rev Baiana Enf.	Analisar RS do conteúdo de reportagens	Qualitativa	Análise documental	97 reportagens
3	Espíndula et al.	2009	Psicologia	LILACS	Psic Estudo, Maringá	Investigou as RS de mães atendidas no Cons. Tutelar sobre “filhos que dão problema” e práticas educativas	Qualitativa	Entrevista com evocações e questões abertas	11 mães de adolescentes
4	Oliveira et al.	2010	Enfermagem	Scopus	Revista da Escola de Enfermagem da USP	Discutir as RS de Agentes Comunitários de Saúde (ACS) acerca do consumo de drogas	Quali-cunho etnográfico	Observação, Associação Livre, entrevista	22 Ag Comunitários de Saúde
5	Campos e Reis	2010	Saúde Pública	SciELO	Interface – Com, Saúde e Educação	Compreender RS e significados sobre o uso de álcool por mulheres em tratamento no Centro de Referência	Qualitativa	Entrevistas semiestruturadas	Mulheres em tratamento
6	Giacomozzi et al.	2011	Psicologia	LILACS	Est e Pesquisas em Psic	Identificar as RS do álcool e outras drogas e vulnerabilidades	Quali-quantitativa	Questionário estruturado	87 usuários CAPSad
7	Araldi et al.	2012	Saúde Pública	Scopus	Interface – Com, Saúde e Educação	RS de professores sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas e ações de prevenção na escola	Qualitativa	Entrevistas, grupos focais, observações	32 gestores e professores
8	Maciel et al.	2012	Psicologia	SciELO	Psicologia: Ciência e Profissão	Investigar as RS de profissionais de saúde acerca do uso do álcool pelos índios Potiguara	Qualitativa	Entrevista semiestruturada	21 profissionais de saúde
9	Araújo et al.	2012	Enfermagem	LILACS	Revista Baiana de Enfermagem	Aprender as RS de estudantes de um curso técnico de enfermagem acerca da problemática das drogas	Qualitativa	Associação livre e sociodemográfico	103 estudantes de ensino médio
10	Halpern e Leite	2012	Saúde Pública	LILACS	Ciência e Saúde Coletiva	Examinar RS de adocimento e cura relacionadas ao uso de drogas, e a influência do ambiente de trabalho	Qualitativa etnográfica	Observação participante e entrevistas individuais	Pacientes em grupos terapêuticos
11	Santos et al.	2012	Psicologia	LILACS	Estud de Psic I Campinas	Analisar as RS sobre o crack veiculadas em jornais	Qualitativa	Pesquisa documental	283 matérias jornais
12	Medeiros et al.	2013	Psicologia	Scopus	Psic Estudo, Maringá	Estudar as representações sociais sobre as drogas	Qualitativa	Sociodemog e entrevista	37 familiares de DQ
13	Vargas et al.	2013	Enfermagem	SciELO	Anna Nery Rev de Enf	Identificar as RS de enfermeiros sobre o DQ	Qualitativa	Entrevistas	16 enfermeiros
14	Rezende e Pelicia	2013	Psicologia	LILACS	Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drogas	Verificar as RS da recaída em dependentes de crack	Qualitativa	Entrevista semiestruturada	6 participantes em tratamento de DQ
15	Silva e Padilha	2013	Psicologia	LILACS	Texto Contexto Enferm	Descrever as RS de adolescentes sobre alcoolismo	Quali-descr	Observação	40 adolescentes
16	Rodrigues et al.	2015	Enfermagem	SciELO	Anna Nery Rev de Enf	Discutir RS de discentes curso téc enfermagem sobre drogas	Qualitativa	Ass livre, grupo focal, entrev	98 discentes curso téc
17	Rodrigues et al.	2015	Psicologia	SciELO	Psic:Teoria e Pesquisa	Identificar como a mídia local representa a droga	Qualitativa	Reportagens de jornal	76 reportagens
18	Neto e Santos	2015	Psicologia	LILACS	Psic Estudo, Maringá	Analisar RS das drogas e usuários na legislação	Qualitativa	Anál temática de cont	doc da legislação
19	Medeiros et al.	2015	Psicologia	LILACS	Psico-USF, Bragança P	Conhecer as RS acerca do crack elaboradas por DQ	Qualitativa	Sociodem e entrevista	45 usuários de crack
20	Melo e Maciel	2016	Psicologia	SciELO	Psic: Ciência e Prof	Conhecer as RS do usuário de drogas	Qualitativa	Ass livre e entrevista	30 DQ
21	Oliveira et al.	2016	Enfermagem	LILACS	Rev Eletrônica de Enf	Conhecer o imaginário de presidiárias sobre drogas	Qualitativa	Desenho-estória	26 presidiárias
22	Neto e Santos	2016	Psicologia	LILACS	Psic: Teoria e Pesquisa	Compreender os contextos de uso do crack	Qualitativa	Entrevistas	14 usuários crack
23	Medeiros et al.	2017	Psicologia	SciELO	Paideia	Analisar as RS acerca da mulher usuária de drogas	Quali-descr	Entrevista	45 mulheres
24	Andrade et al.	2018	Psicologia	SciELO	Psic: Ciência e Prof	Analisar as RS acerca do uso de drogas entre os adolescentes em conflito com a lei	Qualitativa	Sociodemográfico e o desenho-estória	25 adolescentes em conflito com a lei

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Os artigos foram categorizados por contextos dos respondentes, tendo sido criadas 4 categorias, desse modo: a categoria do contexto educacional conta com 2 artigos; 5 artigos são pertencentes ao contexto dos profissionais de saúde; 13 artigos são referentes ao contexto dos próprios usuários ou de seus familiares; e 4 artigos compõem o grupo de estudos de análise midiática. Os resultados e contribuições encontradas nos trabalhos serão posteriormente melhor discutidos, no entanto, destaca-se que ocorre uma primazia nos estudos que salientam a necessidade de maior atenção e implementação de políticas públicas, e de programas interventivos de enfrentamento à problemática do álcool e outras drogas.

Com o propósito de investigar as especificidades dos seus resultados e dos contextos nos quais foram desenvolvidos, os trabalhos serão apresentados na sequência, individualmente.

Representações sociais de grupos no contexto educacional

Furegato e Martini (2008) intentaram conhecer as RS dos professores de uma escola de ensino básico de Florianópolis sobre o uso de drogas, envolvendo 16 professores de 5^a a 8^a séries do ensino básico. As RS construídas pelos professores apresentam o uso de drogas como um problema de adolescentes sujeitos a vulnerabilidades. Tais vulnerabilidades, na visão dos docentes, são negativas e colocam o uso de drogas como “culpa” do próprio usuário, desconsiderando questões sociais e história de vida do sujeito. Há uma compreensão dualista sobre a questão das drogas: o bem e o mal, o certo e o errado. De acordo com os autores, esta é uma questão preocupante, pois a problemática do uso/abuso de drogas é complexa e não deveria ser vista de forma simplista pelos docentes. Eles apontam para a necessidade de programas de prevenção intersetoriais que extrapolem o âmbito da educação ou da saúde.

Em seu estudo, Araldi *et al.* (2012) investigaram de que modo as RS de professores e gestores sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas repercutem nas ações de prevenção na escola. Para tanto, eles realizaram entrevistas semiestruturadas e grupos focais com gestores e professores do Ensino Fundamental, em 4 escolas do município de Lages-SC, ao todo foram 32 participantes. As RS encontradas passam pela culpabilização da mídia, por incentivar o uso por meio de propagandas, e da família, por ter, diante dos educadores, uma RS negativa com uma imagem de fraqueza e de um baixo potencial de proteção. No entanto, eles acreditam que a família e a escola possam se desenvolver como função protetiva. Os

educadores pouco se envolvem, pois não se sentem capacitados para abordar a temática, mas ressaltam a importância de se desenvolverem ações voltadas para a prevenção. Eles apresentam uma visão estigmatizante da adolescência e do uso de álcool e outras drogas nessa faixa etária, o que pode dificultar o diálogo e as iniciativas de prevenção.

Representações sociais de grupos de profissionais de saúde

Oliveira, McCallum e Costa (2010) discutiram as RS por meio de entrevista com 22 Agentes Comunitários de Saúde (ACS) acerca do consumo de drogas. Emergiram como RS sobre as drogas e o consumo de drogas, a tristeza, a depressão, o sofrimento e a violência. Este grupo de profissionais percebe o consumo como um comportamento em expansão que afeta mais diretamente os jovens e, indiretamente, seus familiares e demais moradores; há uma naturalização das drogas e uma convivência cotidiana próxima. As drogas são vistas como causa e consequência da condição de pobreza e de desestruturação familiar de grande parte da população residente no mesmo local de moradia e atuação dos Agentes Comunitários de Saúde.

Araújo *et al.* (2012) buscaram apreender as RS de estudantes de um curso técnico de enfermagem acerca da problemática das drogas. Foram aplicados questionários e realizada a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP). Seus resultados demonstram que há uma persistência de estereótipos e preconceitos relacionados aos estímulos às drogas e à pessoa usuária de drogas; evidenciam, ainda, a necessidade de uma melhor formação profissional para atingirem melhores intervenções.

Em seu texto, Maciel, Oliveira e Melo (2012) pretenderam investigar as RS de profissionais de saúde acerca do uso do álcool pelos índios Potiguara. O estudo foi realizado na comunidade Potiguara do estado da Paraíba, nos polos-base, situados nos municípios de Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição. Os participantes foram 21 profissionais de saúde, integrantes da equipe multidisciplinar em saúde indígena. O abuso de álcool se mostrou vinculado à diversão e ao lazer, sendo suas causas atribuídas ao processo de aculturação desses índios. Os locais de moradia dos indígenas fizeram com que ocorresse um agravamento da situação, pois favoreceu o acesso a bebidas alcoólicas. Os participantes mostraram não conhecer os serviços oferecidos aos usuários dependentes.

Vargas *et al.* (2013) buscaram identificar as RS de um grupo de 16 enfermeiros de serviços especializados em álcool e outras drogas do CAPS Ad do município de São Paulo, sobre o dependente químico. Nas RS dos enfermeiros, os dependentes químicos são pacientes que precisam

de tratamento, que não conseguem deixar o vício sozinhos e que merecem ser tratados de modo igual a qualquer outro paciente. Eles são vistos como indivíduos com dificuldade de limites, manipuladores, responsáveis pela própria dependência e com dificuldades em lidar com suas próprias emoções, deixando-se levar pelas drogas como forma de suprir suas fragilidades. Percebe que as RS desses profissionais são veladas no senso comum, e que são necessárias articulações estratégicas para o enfrentamento dessa problemática e para a mudança dessas representações.

O estudo de Rodrigues *et al.* (2015), que investigou as RS de 98 discentes de um curso técnico de enfermagem em Salvador – BA, acerca da problemática das drogas, destaca que a droga foi representada como objeto de destruição da pessoa, família e sociedade, e responsável por situações de violência, sofrimento e morte. A imagem da pessoa usuária de drogas aparece vinculada ao sexo masculino, jovem, de cor preta, morador da periferia e pobre. Os autores evidenciam que essas representações priorizam a substância e seus efeitos no organismo, invisibilizando outras questões, como as de ordem social, política, econômica e cultural, que são capazes de estabelecer desigualdades relacionadas ao sexo, raça/cor, geração, classe social e ocupação que, conseqüentemente, podem influenciar no consumo e tráfico de drogas.

Representações sociais de grupos envolvidos diretamente com as drogas – usuários e familiares

Espíndula, Trindade e Santos (2009) investigaram as RS das mães atendidas pelo Conselho Tutelar sobre “filhos que dão problema” e práticas educativas. Participaram do estudo 11 mães de adolescentes envolvidos com drogas, em situação de rua e/ou praticantes de pequenos delitos. Foi utilizado um roteiro de entrevista com questões de evocação e questões abertas. O material foi trabalhado a partir da análise temática de Bardin. As RS das mães apresenta elementos tais como: incontrolável, influenciável, de mente fraca e rebelde. As causas do problema parecem ser, principalmente: as características pessoais e internas; as amizades e o meio de convívio; a falta de controle; a necessidade de obter bens; e questões religiosas. Já as práticas estão embasadas no diálogo e no conselho. Na concepção das mães, a única prática capaz de resolver o problema dos filhos seria a internação. Como esta medida geralmente não compete ao Conselho Tutelar, há um descompasso entre o desejo das mães e as medidas que podem ser aplicadas para a resolução do problema.

O artigo produzido por Campos e Reis (2010) almejou compreender as RS e os significados elaborados sobre o uso de álcool por mulheres em tratamento no Centro de Referência de Álcool, Tabaco e Outras Drogas, localizado na cidade de São Paulo. Por meio, de entrevistas com mulheres alcoolistas, estas atribuem o uso do álcool às relações familiares, profissionais e de gênero. A perda do controle sobre o álcool faz com que emergam muitas acusações, pois veem a alcoolista como uma pessoa que não cumpre com sua tarefa predita socialmente.

Giacomozzi *et al.* (2011) identificaram as RS do álcool e outras drogas e as vulnerabilidades com relação às DST/HIV/AIDS de usuários de um CAPS Ad de um município do Sul do Brasil. Os resultados mostram que, apesar de uma atitude favorável ao uso do preservativo, há uma multiplicidade de fatores de risco às DST/HIV/AIDS entre os usuários, pois o estar sobre efeito de alguma substância psicoativa foi fator dificultador da utilização do preservativo. A pesquisa revela que o álcool e outras drogas estão associadas ao sexo, à diversão e ao prazer, o que pode ser indicativo de sexo desprotegido.

Halpern e Leite (2012) realizaram uma pesquisa etnográfica feita ao longo de dois anos, por meio da observação participante, no Centro de Dependência Química (CEDEQ) da Marinha do Brasil (MB). Pacientes de dois grupos terapêuticos foram observados durante 24 sessões de grupo terapia. Entrevistas individuais após as sessões ocorreram com 13 pacientes escolhidos aleatoriamente, dentre os 22 militares dos dois grupos. Examinou-se as RS de adoecimento e cura relacionadas aos seus diagnósticos de transtorno mental e comportamental devido ao uso de drogas, além de investigar a influência do ambiente de trabalho no envolvimento dos pacientes com drogas, em particular com o álcool. Os resultados apontam que os pacientes passam a crer que são os principais responsáveis pelo seu adoecimento e alcance da sobriedade, e que nunca serão curados. Todavia, eles nem sempre aderem ao discurso médico vigente e à visão dos Alcoólicos Anônimos, de que são doentes alcoólicos em recuperação, construindo percepções sobre seus diagnósticos, prognósticos e tratamentos. Traços culturais peculiares à vida naval indicam que as categorias analisadas são, sobretudo, sociais, e que certas condições laborativas colaboram para a emergência do alcoolismo de muitos pacientes, apesar do uso de drogas geralmente ser abordado pelo viés administrativo.

Silva e Padilha (2013) objetivaram descrever as RS de adolescentes sobre alcoolismo e analisar as implicações do alcoolismo na história de vida dos adolescentes, por meio de uma pesquisa qualitativo-descritiva, que utilizou o método de história de vida para coleta de dados

com 40 adolescentes, concomitantemente à técnica de observação livre. A análise de conteúdo temática levou a duas categorias: “O bom e o ruim das bebidas alcoólicas” e “Alcoolismo e suas consequências”. As RS dos adolescentes sobre o álcool o atrelaram a dois significados simbólicos: a associação da bebida alcoólica com o prazer e a diversão, e a negatividade do seu uso, relacionada à violência e à perda dos sentidos. O convívio com o alcoolismo na família influencia o modo como os adolescentes percebem o álcool no decorrer de sua vida.

O crack se tornou, nas últimas décadas, uma problemática de saúde pública, na sociedade brasileira. Rezende e Pelicia (2013) objetivaram em seu estudo verificar as RS da recaída em dependentes de crack à luz da TRS. O estudo foi realizado com seis participantes, que estavam em tratamento de dependência química em uma residência terapêutica. Foi utilizada entrevista semiestruturada e o tratamento dos dados foi realizado com a análise de conteúdo. Os resultados mostram a dificuldade de os entrevistados ultrapassarem a desintoxicação e a meta da abstinência. A idealização da meta da abstinência é indissociável da constante ameaça de recaída, representada como qualquer consumo de substância psicoativa durante ou após o tratamento.

Medeiros *et al.* (2013) investigaram as RS sobre as drogas que foram elaboradas por 37 familiares de dependentes químicos de álcool e crack. Os familiares representaram as drogas como algo nocivo, que prejudica as relações familiares, sendo responsáveis por conflitos e desarmonia familiar. O impacto e a sobrecarga que a doença provoca nesses membros da família é tão visível quanto as consequências da adicção para o próprio dependente, envolvendo aspectos orgânicos, psicológicos e sociais. As drogas acarretam sobrecarga emocional e estados de tensão, evidenciados por mudanças comportamentais e questões de ordem financeira, devido às frequentes internações. A ausência das drogas é vista como forma de se alcançar a qualidade de vida para os familiares. Já os seus efeitos na sociedade, são mencionados como problemas de cunho pessoal, individual e problemas de saúde. As políticas públicas de enfrentamento às drogas são trazidas como necessárias.

O estudo de Medeiros *et al.* (2015) objetivou conhecer e analisar as RS acerca do crack elaboradas por 45 dependentes químicas (DQ) em tratamento nos estados da PB e PE. Para este grupo, o crack é representado como um elemento devastador e desagregador, responsável por causar abandono ou afastamento das funções femininas. Verificou-se ainda que a figura da mulher usuária é vista como um problema de ordem moral, ocasionando uma RS depreciativa. Essas construções, ao mesmo

tempo em que são individuais e sociais, exercem influência na forma como a sociedade encara a mulher DQ, reforçando barreiras sociais que dificultam a procura de tratamento e a recuperação.

Objetivando conhecer e analisar o conteúdo e a estrutura das RS do usuário de drogas, Melo e Maciel (2016) entrevistaram 30 dependentes químicos em tratamento em uma instituição psiquiátrica em João Pessoa-PB. As RS que aparecem são pautadas nas próprias drogas, e não nos sujeitos, o que se desdobra em uma despersonalização destes indivíduos. As RS do usuário de drogas são negativas e ele é concebido como não confiável, mau-caráter e como um doente, sem capacidade de lutar contra sua dependência. Há RS de que o indivíduo é vítima da droga, algoz da família, perigoso para si mesmo e para a sociedade. As políticas públicas com ênfase na prevenção e na promoção de saúde são vistas como de grande importância.

Neto e Santos (2016) intentaram compreender os contextos de uso do crack e, para tanto, realizaram entrevistas com 14 usuários de crack de diferentes localidades. As RS encontradas colocam o crack na posição de droga da destruição, influenciando no modo de consumo da droga, descrito por episódios de ingestão intensa, o que acarreta em deterioração orgânica e graves prejuízos para a saúde.

Oliveira, Rodrigues, Porcino e Reale (2016) realizaram uma pesquisa que objetivou conhecer o imaginário de presidiárias sobre drogas. Participaram do estudo 26 presidiárias, para as quais foi aplicada a técnica projetiva de desenho-estória com tema, cuja análise foi fundamentada na TRS. Elementos das RS evidenciados nos grafismos e no conteúdo das histórias, permeados de realismos, denotaram sofrimento psíquico e agressividade, objetivadas e ancoradas nas dimensões afetiva, comportamental e psicossocial das participantes. O aprisionamento evidencia rebaixamento da estima, retraimento e isolamento, sinalizados como motivos para o envolvimento das mulheres com substâncias psicoativas na tentativa de reconhecimento social e superação de carências afetivas. O imaginário das participantes acerca das drogas elucida subjetividades do protagonismo feminino, em meio a um fenômeno transversal na sociedade, sendo pertinente seu conhecimento para as práticas em saúde da mulher.

Medeiros, Maciel e Sousa (2017) objetivaram em seu estudo analisar a dimensão representacional acerca da mulher usuária de drogas a partir da TRS. Foi um estudo qualitativo, de caráter descritivo e de campo, com 45 usuárias em tratamento. Foi utilizada entrevista semiestruturada para aproximação do fenômeno e os resultados indicaram que a mulher usuária de drogas está representada como alguém que

oferece perigo e que não tem o controle de si, ancorada em elementos representacionais objetivados na ruptura de comportamentos pautados nas normas sociais, distanciando-se dos papéis sociais atribuídos ao feminino. Essas RS, postas na sociedade e compartilhadas pelas usuárias, têm impacto na forma como elas lidam com a dependência química, repercutindo na inclusão sociofamiliar, na expressão de sua identidade e no exercício de seus papéis sociais.

Com a intenção de analisar as RS acerca do uso de drogas entre os adolescentes em conflito com a lei e a existência da relação com o ato infracional, Andrade, Alves e Bassani (2018) realizaram uma pesquisa com uma amostra de 25 adolescentes em conflito com a lei, em cumprimento de medida socioeducativa de internação, na cidade de João Pessoa-PB. Como instrumentos, foram utilizados: um questionário sociodemográfico e o desenho-estória com tema. Os resultados mostram que 60% dos adolescentes pesquisados possuem idade entre 15 e 16 anos; no que se refere ao ato infracional, foi observado um número significativo de assalto (44%), além de tentativa de homicídio e latrocínio (48%). A droga foi representada negativamente, como sendo responsável por trazer consequências relacionadas a problemas de saúde e a conflitos familiares. O crack foi citado como a droga mais destruidora e vinculada aos atos delitivos para manutenção do vício.

Representações sociais de análise midiática

No trabalho de Souza e Oliveira (2009) foi analisado o conteúdo de reportagens divulgadas em um jornal de grande circulação no estado da Bahia, acerca do fenômeno das drogas. Realizou-se uma análise documental, de caráter descritivo, fundamentada na TRS, e os dados foram analisados com base na análise de conteúdo temática. De agosto a setembro de 2008 foram identificadas 97 reportagens, assinalando interesse da mídia pela problemática das drogas, destacando-se as substâncias ilícitas. As reportagens foram organizadas em dois grupos temáticos: consumo e tráfico. Para estes foram identificados subtemas específicos. Situações relacionadas ao fenômeno da violência foram abordadas em ambos os grupos. Linguagem sensacionalista, fotografias e chamadas em primeira página foram utilizadas para divulgar notícias sobre o tráfico, diferentemente das demais. Os dados, embora limitados, confirmam o enfoque reducionista da mídia em relação às drogas; reproduzem a ideia de vinculação das drogas com o fenômeno da violência, atribuindo a tais substâncias a responsabilidade pela prática de atos violentos; divulgam imagem estereotipada da pessoa envolvida com

drogas centrada no sexo masculino, de etnia negra e residente em bairros de periferia; e apontam para o envolvimento das mulheres com o fenômeno das drogas.

Santos, Acioli, Neto e Sousa (2012) analisaram as RS sobre o crack veiculadas pelos jornais pernambucanos. O trabalho caracterizou-se como uma pesquisa documental, com base na análise de 283 matérias publicadas em jornais de ampla circulação na cidade do Recife, no período de janeiro de 2007 a abril de 2008. Os dados foram analisados por meio do *software* Alceste e da análise de conteúdo. Os resultados demonstraram que os discursos veiculados sobre o crack, por um lado, descrevem-no como uma droga relacionada a uma forte angústia e fragilidade do sujeito, e, de outro, como parte do narcotráfico, relacionando-o com a criminalidade. Essas RS devem ser observadas, pois a elas podem estar associados discursos e práticas sociais que situam o usuário como sujeito desprovido de capacidade avaliativa de sua própria condição e de sua relação com a droga, podendo-se recair em práticas paternalistas e/ou violentas com os usuários.

Rodrigues, Conceição e Iunes (2015) realizaram um estudo com matérias jornalísticas e discursos políticos acerca do crack, e tiveram como objetivo identificar como a mídia local representa a droga. Baseadas na TRS, foram analisadas 76 reportagens de 2009 do jornal Correio Braziliense. Destacaram-se três RS: droga como flagelo da humanidade, ações policiais indistintas contra usuários ou traficantes; e internação do usuário como solução do problema. As RS encontradas alinham-se com a abordagem estigmatizante e repressiva ao usuário de drogas que ainda o considera ora como criminoso, ora como doente, perpetuam sua clandestinidade e limitam a compreensão do fenômeno.

Neto e Santos (2015), em seu estudo, objetivaram analisar as RS das drogas e seus usuários na legislação brasileira sobre drogas, a partir dos marcadores “crack” e “pobreza”. O perfil dos usuários de crack com consumo frequente no Brasil é de homens, solteiros, negros, com cerca de 30 anos, baixa escolaridade e desempregados. Aproximadamente 40% vivem em situação de rua, em extrema privação social, embora essa condição não seja advinda do consumo. Diante dessa realidade, o estudo analisou o modo como a legislação sobre drogas se posiciona sobre o assunto. Assim, foi realizada uma análise temática de conteúdo dos documentos que compõem a legislação, investigando como eles representam as drogas e seus usuários. Apesar do quadro de exclusão social dos usuários, a legislação tem foco maior na repressão. Existe um direcionamento ao combate às drogas e uma interdição ao seu consumo. Nesse sentido, o racismo de Estado opera como um mecanismo de

exclusão velado às camadas socioeconômicas pobres e o crack parece camuflar a pobreza e colabora para uma rejeição pública.

3.3.2.3 Desdobramentos dos estudos

Diante das análises dos trabalhos, foi possível a identificação de diferentes fatores que notadamente influenciam sobre as RS das drogas, dentre os quais pode-se citar o estigma social, o preconceito. Salienta-se a pertinente discussão acerca da visão estereotipada e preconceituosa, colocando o indivíduo com potencial de uso como o marginalizado, do sexo masculino, negro e pobre (Vargas, Bittencourt, Rocha, & Oliveira, 2013; Melo & Maciel, 2016; Medeiros, Maciel, & Sousa, 2017). Estas visões impedem um diálogo aberto que oportunize novas possibilidades e até mesmo uma obtusão ao olhar a realidade, visto que alguns estudos, como os de Malta *et al.* (2011) e Soldera *et al.* (2004), apresentam que, embora haja uma forte associação das drogas com a marginalização, este fator pode não se configurar na realidade, pois seus estudos mostram que o uso de drogas entre estudantes da rede de escolas públicas situadas na periferia, onde, inclusive, observa-se um tráfico maior e também um maior índice de mortalidade por violência, foi menor do que o uso entre estudantes de escolas privadas e de escolas localizadas em bairros centrais.

As RS negativas das drogas, associadas à violência, ao medo, à destruição e a tantos outros problemas de ordens diversas, dificulta também a ampliação do modo de discussão realizada, ocorrendo um enclausuramento nesta perspectiva e negligenciando possibilidades de lidar com outras questões relativas a essa, como a questão da saúde, conforme trazido por alguns autores (Giacomozzi, 2011; Oliveira, Rodrigues, Porcino, & Reale, 2016; Andrade, Alves, & Bassani, 2018). Diante de uma situação de uso, os indivíduos se colocam diante de situações de risco, como o sexo desprotegido, por exemplo. Conforme Giacomozzi (2011), ações educativas poderiam ser discutidas e serem de grande valia no sentido de enfrentamento dessas questões e para minimizar os problemas.

Outro aspecto importante evidenciado nos estudos são as relações familiares e a instituição familiar como fator de proteção, mas também como um fator potencializador para o uso de drogas (Martini & Furegato, 2008; Espíndula, Trindade, & Santos, 2009; Campos & Reis, 2010; Medeiros, Maciel, Sousa, & Vieira, 2015). Nesse sentido, Azevedo e Silva (2013) afirmam que a família compõe um sistema em que todos os elementos se influenciam mutuamente, de maneira que os familiares

exercem papel de motivadores ou de desmotivadores no uso de drogas. Ao trazer possibilidades associadas a fatores de proteção, socialização e à criação de vínculos essenciais aos indivíduos, o grupo familiar, independentemente de sua configuração, revela sua importância perante as diferentes sociedades (Goulart & Soares, 2013). A família pode, então, ser considerada como um fator de risco ou de proteção para o uso de drogas (Selegim, Marangoni, Marcon, & Oliveira, 2011).

Verificou-se ainda que as RS dos trabalhos analisados trazem em seu bojo a questão dos problemas sociais como um desdobramento das drogas, o que requer maior atenção. Diante disso, os pesquisadores indicam a necessidade de criação e avaliação de políticas públicas e criação de programas interventivos de enfrentamento a problemática do álcool e outras drogas (Medeiros *et al.*, 2013; Vargas *et al.*, 2013). Parece haver também um déficit na elaboração e organização de políticas públicas e programas que possam trabalhar com as famílias de modo a fortalecer essa instituição, para que possa ser de fato um fator de proteção, ações que se mostram importantes e emergenciais (Goulart & Soarez, 2013).

A partir do levantamento realizado e dos resultados obtidos na revisão integrativa, verificou-se que o número de produções científicas no Brasil sobre as drogas, à luz da TRS, ainda são poucas. Como indicativo desta assertiva está a busca relativa dos artigos que chega em um resultado de 24 publicações, que, de acordo com os critérios previamente estabelecidos, adequam-se para esta revisão e estão distribuídas ao longo de 10 anos. Ademais, abrangeu-se no estudo não apenas trabalhos com o fenômeno “drogas” diretamente, ou seja, as “RS da droga”, mas também considera-se assuntos relativos, como por exemplo, as “RS do consumo/uso de drogas”, “RS de usuários”, “RS do crack” etc. Se considerássemos apenas o indutor “droga”, este estudo contaria com a revisão de apenas 7 artigos (Souza & Oliveira, 2009; Giacomozzi, 2011; Araújo, Oliveira, Rodrigues, Silva, & Souza, 2012; Medeiros, Maciel, Sousa, Tenório-Souza, & Dias, 2013; Rodrigues, Oliveira, Paiva, Oliveira, & Marinho, 2015; Rodrigues, Conceição, & Iunes, 2015; Neto & Santos, 2015). No entanto, sob outra perspectiva, os demais trabalhos colaboram para que o fenômeno seja cercado, trazendo assim elementos mais diversificados para a sua compreensão.

Tendo em vista que a iniciação do uso de drogas tem se dado cada vez mais precocemente e que este estudo versa sobre as RS elaboradas por adolescentes, buscou-se, na revisão integrativa, verificar trabalhos que tinham como sujeitos formuladores das RS sobre drogas, os adolescentes. Foram identificados apenas dois trabalhos ao longo da

década, sendo que em um dos trabalhos buscava verificar as implicações do alcoolismo na história de vida dos adolescentes respondentes, o de Silva e Padilha (2013); e o trabalho de Andrade, Alves e Bassani (2018), no qual os respondentes são adolescentes em conflito com a lei. Isto evidencia uma incompatibilidade com a demanda apresentada pelos trabalhos analisados e que trazem a problemática das drogas como um fenômeno que afeta diversos âmbitos pessoais e sociais (Silva, 2013). A lacuna encontrada, no que diz respeito à parca produção de trabalhos em que há os adolescentes como formadores das RS sobre as drogas, ratifica a relevância deste estudo, visto ainda que novos trabalhos nesta conjuntura poderiam colaborar para identificar como eles, em diversos contextos, representam as drogas, e, a partir disso, talvez avançar, no sentido de melhor compreender este início de uso cada vez mais precoce e atuar por meio de fatores preventivos de modo mais assertivo.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 DELINEAMENTO

Esta pesquisa trata-se de um estudo descritivo e comparativo, pois, além de descrever as características, visa comparar grupos diferentes. Os estudos descritivos podem ser classificados pela utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática (Gil, 2010), que foram analisadas por meio de uma comparação entre dois grupos distintos, buscando verificar a relação entre as variáveis (Barbetta, 2012). Este estudo tem ainda a especificidade de ser estudo transversal – considerando que ele ocorreu em um determinado tempo cronológico, descrevendo especificidades dos participantes em um determinado momento de sua trajetória de vida (Richardson, 2009).

Esta pesquisa tem delineamento de levantamento de dados, que se caracteriza pela interrogação direta das pessoas da amostra, as quais se pretende investigar para conhecer o comportamento delas. Desta forma, foram solicitadas informações referentes à temática estudada a um grupo de pessoas para, na sequência, mediante análise, obterem-se os resultados e, assim, chegar-se a conclusões correspondentes aos dados coletados (Gil, 2010).

4.2 PARTICIPANTES

Este estudo abrangeu 262 participantes, estudantes adolescentes, de ambos os sexos, do ensino médio e frequentadores do turno diurno da rede pública de ensino de cinco municípios da região da Grande Florianópolis, sendo estes: Florianópolis, Biguaçu, Palhoça, São José e Santo Amaro da Imperatriz. A faixa etária escolhida diz respeito à fase da adolescência, escolha que se justifica, pois, de acordo com Marques e Cruz (2000), levantamentos epidemiológicos sobre o consumo de álcool e outras drogas entre os jovens no mundo e no Brasil mostram que é na transição da infância para adolescência que se inicia o uso dessas substâncias. Considerando-se que o instrumento a ser aplicado continha questões abertas, ou seja, que exigiam elaboração de escrita, optou-se por dar preferência à aplicação da pesquisa em adolescentes de turmas do ensino médio. Para participarem do estudo, os estudantes deveriam preencher os seguintes critérios: (1) estar cursando o 1º, 2º ou 3º ano do ensino médio; (2) estar na faixa etária compreendida como adolescência, de acordo com o Estatuto da Criança e Adolescente, ou seja, entre 12 e 18 anos, no momento da pesquisa; (3) não estar participando de qualquer

tipo de atividade que envolva o tema a ser trabalhado (álcool e outras drogas) no período da coleta de dados; (4) ser voluntário na participação da pesquisa; e (5) ter autorização dos pais ou responsáveis para participar da pesquisa.

4.3 INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

Para a aproximação do fenômeno e a coleta dos dados, neste estudo foi utilizado, como instrumento, um questionário estruturado (questões abertas e fechadas - Apêndice C) e autoadministrado, contendo questões agrupadas em 3 blocos: 1) questões sobre as representações sociais das drogas; 2) questões sobre experimentação de drogas; e 3) questões sociodemográficas.

O primeiro bloco, que se referia a questões que tratam sobre as representações sociais das drogas, abordava os seguintes itens:

- a) Teste de Associação Livre de Palavras contendo o termo indutor “drogas”, solicitando 5 palavras que o termo suscite;
- b) Questão solicitando que o participante selecionasse, dentre as cinco palavras que indicou, duas que considerasse ser as mais importantes;
- c) Questão aberta solicitando que os participantes respondessem sobre os motivos pelos quais ele selecionou as duas palavras mais importantes da questão A;
- d) Questão aberta solicitando que o participante respondesse o que pensa sobre as drogas.

O segundo bloco, que tratava de questões sobre as drogas, englobou itens como:

- a) Conhecer alguém que utiliza drogas;
- b) O que leva uma pessoa a usar drogas;
- c) Se o respondente que já usou drogas, a frequência do uso, a idade que usou a primeira vez;
- d) Se o participante já ficou bêbado; e, caso tenha ficado, há quanto tempo foi a última vez;
- e) Caso o participante já tivesse usado drogas, o que o levou a usar, quais foram as substâncias e com que frequência utilizava.

O terceiro bloco se referia às características sociodemográficas dos participantes da pesquisa, com o objetivo de caracterizar a amostra, tais como: idade, sexo, série, etnia, religião, histórico escolar de repetência, atividade remunerada, composição familiar, com quem reside e escolaridade dos pais.

4.4 PROCEDIMENTOS

O procedimento para a realização da pesquisa consistiu, primeiramente, em contatar a Secretaria de Educação do Estado, apresentar o projeto de pesquisa e o protocolo da aceitação do projeto no Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos e solicitar a autorização para entrar em contato com as escolas. Foi realizado um sorteio das escolas que poderiam vir a participar do estudo e, após a emissão do ofício de autorização por parte da Secretaria de Educação, foram contatadas as direções das escolas e solicitada a autorização para a realização da pesquisa naquela instituição. Mediante o aceite da direção de cada escola, o projeto foi apresentado à coordenação pedagógica, nesta ocasião, no formato de protocolo de pesquisa, considerando todos os aspectos éticos de anonimato e prestando esclarecimentos sobre os objetivos das pesquisas, a participação voluntária e a atenção aos cuidados com a integridade física, psicológica e social dos participantes. Na sequência, foram selecionadas as turmas, em conformidade com os critérios previamente estabelecidos, em conjunto com a coordenação pedagógica da instituição, e, após, foi feito o contato prévio com os professores das disciplinas onde seriam aplicados os questionários. Realizou-se, então, uma primeira visita às turmas, na qual se explicava sobre a pesquisa, solicitava-se a participação dos estudantes e eram entregues os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A). Ainda que o tipo de atividade concernente à pesquisa faça parte das recomendações da Secretaria Estadual de Educação do Estado de Santa Catarina para a implementação de conteúdos transversais que têm como características o ensino permeado pela Ética, Saúde, Meio Ambiente, Orientação Sexual e Pluralidade Cultural, respeitando as características culturais, diversidade dos contextos e diferenças regionais, foram solicitadas as autorizações dos pais dos alunos para as atividades concernentes à pesquisa mediante a entrega do TCLE, por serem os participantes menores de idade.

Em nova data, agendada com a coordenação pedagógica, houve o retorno às escolas para o recolhimento dos TCLEs e para a aplicação do instrumento. Previamente à distribuição dos questionários, a pesquisadora realizou um breve esclarecimento a respeito da pesquisa e dos termos,

solicitando novamente a participação dos estudantes, momento em que foram entregues os Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), sendo solicitado que os participantes lessem e assinassem o documento. Em seguida, foi realizada a distribuição do questionário e houve o procedimento da leitura em voz alta das instruções contidas no início do instrumento. O instrumento foi, então, auto-administrado em situação coletiva. A aplicação foi realizada pela pesquisadora em conjunto com um colaborador de pesquisa, com o intuito de melhor controlar a situação da coleta, no que diz respeito às orientações aos participantes, recebimento e conferência dos questionários.

4.5 TABULAÇÃO, TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

4.5.1 Análise estatística

Os dados provenientes das questões sociodemográficas e demais questões fechadas do questionário foram tabulados em planilhas e tratados com o auxílio do programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS- versão 17.0). Realizou-se análise estatística descritiva (média, desvio padrão, distribuição de frequências) e relacional (teste do Qui-quadrado, Tese-t Student e Mann Whitney).

4.5.2 Análise textual

As informações obtidas nas questões abertas foram analisadas com o auxílio do *software* IRaMuTeQ (Ratinaud, 2009), a partir da análise hierárquica descendente. A fim de diagnosticar a estrutura das Representações Sociais, o Teste de Associação Livre de Palavras, já categorizadas, foi submetido a análise prototípica e de similitude, em função da frequência e da ordem média de evocação, também com o auxílio do *software* IRaMuTeQ.

Conforme Camargo e Justo (2013), o *software* foi criado com o intento de superar a oposição entre os métodos de análise quantitativo e qualitativo, uma vez que sua análise possibilita a quantificação e a realização de cálculos estatísticos sobre as variáveis de essência qualitativas. Veloz, Nascimento-Schulze e Camargo (1999) apontam que, no campo da psicologia social, mais precisamente em estudos de representações sociais, considerando a importância que se confere às manifestações linguísticas, as classes que são geradas por meio do *software* podem indicar representações sociais ou aspectos dela.

4.6 ASPECTOS ÉTICOS

De acordo com a Norma n. 510/16, do Conselho Nacional de Saúde, a pesquisa foi submetida à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina e foi avaliada quanto à adequação de aspectos éticos de pesquisa, tendo a aprovação inscrita sob o parecer n. 2.878.951. Todos os procedimentos éticos foram considerados, sendo respeitados o bem-estar, a proteção dos direitos e a dignidade dos participantes. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) foi apresentado aos pais e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) aos participantes que assinaram os termos, aceitando participar da pesquisa de forma voluntária e anônima.

Ao término da coleta, foi realizada uma dessensibilização com os participantes, esclarecendo dúvidas e fornecendo informações, caso eles solicitassem. A etapa de devolução dos resultados está prevista para o fim do estudo e será agendada posteriormente com as escolas participantes.

5 RESULTADOS

5.1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Participaram deste estudo 262 adolescentes de nove escolas públicas estaduais distribuídas em cinco municípios da região da grande Florianópolis, sendo 162 (61,8%) do sexo feminino e 100 (38,2%) do sexo masculino. A média de idade dos participantes ficou em 16 anos e 7 meses, com desvio padrão de 1 ano.

No que diz respeito ao grupo étnico, a grande maioria, 158 (60,3%) participantes, declararam-se brancos, em contrapartida, apenas 6 (2,3%) participantes se declararam indígenas. Na Tabela 2 é possível observar detalhadamente a distribuição dos grupos, bem como a distribuição por sexo dentro de cada grupo.

Tabela 2 - Grupos étnicos distribuídos por sexo

Grupo étnico	Masc	Fem	Total
Branco	51	107	158 (60,3%)
Negro	10	22	32 (12,2%)
Pardo	37	29	66 (25,2%)
Índigena	2	4	6 (2,3%)

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Observa-se que o grupo dos estudantes que se declarou pardo foi o único em que a predominância dos participantes é do sexo masculino. Buscou-se também informações sobre a distribuição dos estudantes nas séries em que estavam cursando, verificando-se que 96 (36,6%) eram do 1º ano do ensino médio, 91 (34,7%) eram do 2º ano e 75 (28,6%) eram do 3º ano do ensino médio, todos frequentadores de turnos diurnos.

5.2 PERFIL DA AMOSTRA E DIMENSÃO DO USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS

Com o intuito de um delineamento mais preciso do perfil desta amostra, buscou-se averiguar dados que pudessem favorecer o alcance deste objetivo, estes dados podem ser visualizados verificando-se a Tabela 3. Ressalta-se que alguns destes dados são mais expressivos e trazem já alguns indícios relativos ao fenômeno estudado, como a resposta ao questionamento sobre conhecer alguém que já experimentou drogas, pois praticamente a totalidade da amostra, 262 (96,2%), alegou

conhecer alguém, e apenas 10 (3,8%) participantes disseram não conhecer. No mesmo sentido, eles foram questionados se alguém da família fazia uso de algum tipo de droga, sendo que 197 (75,2%) participantes afirmaram ter algum familiar que fazia uso de alguma substância e 65 (24,8%) afirmaram não ter, ou seja, a grande maioria dos respondentes deste estudo não apenas conhecem alguém que utiliza algum tipo de droga, mas possivelmente convive ou tem proximidade com alguém que usa, por se tratar de um familiar.

Quanto à experimentação ou não de algum tipo de droga por parte do próprio participante, a amostra se apresentou bastante equilibrada, com 136 (51,9%) participantes afirmando já terem experimentado e 126 (48,1%) negando esta experimentação. Estes números demonstram que mais da metade da amostra já experimentou algum tipo de droga e isso pode ser devido a um processo de aculturação familiar e social, considerando-se que se verificou um percentual de 75% de conhecimento de familiares que fazem uso e que quase a totalidade conhece alguém que também faz uso.

O questionamento seguinte foi sobre a experimentação dos próprios adolescentes. Tratava-se de uma indagação quase condicional a esta pergunta, e foi possível observar uma incongruência nas respostas. A pergunta versava sobre a ingestão de bebida alcoólica, assim, ao serem questionados se já haviam ficado “bêbados” em algum momento da vida, 139 (53,1%) participantes afirmaram já terem passado por esta experiência, ou seja, 3 participantes a mais do que aqueles que disseram já ter experimentado alguma droga. Apesar de ser uma pequena diferença, isso pode ser um indicativo de que não apenas estes, mas ainda outros participantes que anteriormente negaram a experimentação, na verdade já experimentaram. Diante desta possibilidade, busca-se possíveis explicações para este acontecimento, dentre elas, e do que foi possível aventar para este momento, podem estar: o não reconhecimento do álcool como uma droga por parte dos adolescentes; talvez não considerarem o álcool como uma droga por ser lícito; ou ainda, mesmo com todos os cuidados da pesquisa, certificando o anonimato, individualidade, pode ser que tenha havido dificuldades de alguns participantes para revelarem a verdade, ou seja, pode estar havendo a influência do fator medo, talvez pela forma como as drogas são vistas em nossa sociedade ou talvez pelo formato de programas interventivos de prevenção às drogas.

Tabela 3 - Perfil da amostra

			Masc		Fem	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Conhece alguém que já experimentou drogas?	252 (96,2%)	10 (3,8%)	94	6	158	4
Já usou algum tipo de droga alguma vez na vida?	136 (51,9%)	126 (48,1%)	49	51	87	75
Já ficou bêbado?	139 (53,1%)	123 (46,9%)	52	48	87	75
Tem religião?	192 (73,3%)	70 (26,7%)	68	32	124	38
É praticante?	90 (34,4%)	172 (65,6%)	21	79	69	93
Já reprovou alguma vez?	72 (27,5%)	190 (72,5%)	37	63	35	127
Exerce alguma atividade remunerada?	56 (21,4%)	206 (78,6%)	30	70	26	136
Teve algum problema com a justiça?	16 (6,1%)	246 (93,9%)	12	88	4	158
Alguém da família faz uso de algum tipo de droga?	197 (75,2%)	65 (24,8%)	69	31	128	34
Você pratica algum esporte?	143 (54,6%)	119 (45,4%)	73	27	70	92
Faz alguma atividade extracurricular?	69 (26,3%)	193 (73,7%)	31	69	38	124

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Para aqueles participantes que responderam já ter experimentado algum tipo de droga alguma vez na vida, buscou-se verificar qual a frequência deste consumo. Na Tabela 4 é possível visualizar que o uso no último ano tem maior incidência, com 109 (41,60%) participantes respondendo positivamente, o que pode conduzir a uma ideia de apenas experimentação ou um uso esporádico, visto que quanto menor é o tempo e maior a quantidade de vezes de uso a ser verificado até o momento da aplicação da pesquisa é algo que também diminui a incidência dos que afirmam fazerem uso.

Tabela 4 - Frequência de consumo

Uso	Frequência de Consumo			
	Masc	Fem	Total	%
Um ano para cá				
Sim	42	67	109	41,60%
Não	58	95	153	58,40%
Um mês para cá				
Sim	27	37	64	24,40%
Não	73	125	198	75,60%
Mais de 6 vezes nos últimos 30 dias				
Sim	11	7	18	6,90%
Não	89	155	244	93,10%
Mais de 20 vezes nos últimos 30 dias				
Sim	8	2	10	3,80%
Não	92	160	252	96,20%

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Um dos itens do questionário solicitava aos participantes que referenciassem a idade de experimentação para cada tipo de droga, a fim de verificar qual a média de idade da primeira experimentação. Os resultados encontram-se sintetizados na Tabela 5.

Tabela 5 - Média de idade do primeiro uso de drogas

Média de idade de experimentação						
	Masc	Média	Fem	Média	Média Geral	DP
Álcool	77	14,57	128	14,3	14,4	1,88
Tabaco	21	14,62	39	14,31	14,42	2,4
Maconha	32	15,25	42	15,45	15,36	1,37
Cocaína	7	15,43	0	0	15,43	1,51
Crack	2	15	0	0	15	0
Outras	6	14,83	9	15	14,93	1,1

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Observa-se que algumas substâncias tiveram um número mais expressivo de participantes indicando a idade de sua experimentação, e a estas aplicou-se testes estatísticos para verificar se a diferença das médias de idade de acordo com o sexo eram significativas. Assim, a média de idade do sexo masculino atribuída ao álcool foi de 14,57 (DP=1,9), enquanto a média de idade do sexo feminino foi de 14,3 (DP=1,8). Pode-se constatar que os participantes, do sexo feminino atribuem idade menor para a experimentação desta substância. No entanto, o teste-*t* apresenta valores de variância assumida de $t=0,979$ e significância de 0,32 ($gl=203$), ou seja, esta diferença não apresentou nível de significância estatisticamente significativa.

Quanto ao tabaco, a média de idade do sexo masculino foi de 14,62 e para o sexo feminino foi de 14,31; também para esta substância houve a indicação para um uso mais precoce no sexo feminino. Verificou-se, por meio do teste mann-whitney, um nível de significância de 0,165, ou seja, uma diferença não significativa. Já a diferença expressa para a substância maconha, que apresentou média de idade de 15,25 para o sexo masculino e 15,45 para o sexo feminino, mostrou um início de uso mais precoce para sexo masculino e encontrou-se um nível de significância de 0,88, revelando também não ser estatisticamente significativa. Considerando-se ainda que drogas como a cocaína e o crack não aparecem com apontamento de experimentação pelo sexo feminino, o sexo dos participantes não aparece como um fator influenciador para a idade da primeira experimentação.

Para além da idade da primeira experimentação, buscou-se investigar a frequência de uso entre os sexos para as diversas substâncias, conforme pode-se observar na Tabela 6. Foi utilizado um questionamento em forma de variável ordinal e ainda foi disponibilizado um espaço para que pudessem descrever se houve o consumo de alguma outra droga que não estivesse contemplada na tabela. Dessa forma, houve 11 referências para o uso de drogas sintéticas, como ecstasy e LSD, que não estavam contempladas no questionamento, e duas ocorrências para medicações.

Tabela 6 - Frequência de uso para uma ou mais substâncias

	Nunca		Raramente		Às vezes		Muitas vezes		Sempre que posso		Experimentação
	<i>M</i>	<i>F</i>	<i>M</i>	<i>F</i>	<i>M</i>	<i>F</i>	<i>M</i>	<i>F</i>	<i>M</i>	<i>F</i>	
Álcool	25	41	25	47	31	35	13	14	5	25	195
Tabaco	83	139	11	14	3	4	0	1	3	4	40
Maconha	74	134	13	17	4	5	5	2	4	4	54
Cocaína	94	161	5	1	1	0	0	0	0	0	7
Crack	98	161	2	1	0	0	0	0	0	0	3
Outras	90	151	2	6	4	4	2	1	2	0	21

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Observa-se, ainda, que os dados revelam novamente uma incongruência, o número de adolescentes que apontaram em uma pergunta anterior no questionário sobre experimentação na vida, foi de 136, e nesta etapa podemos observar que, no que se refere especificamente ao álcool, o número da frequência de uso aumentou para 195 participantes, dados muito mais expressivos para a incongruência do que os anteriores. Novamente entra em voga as hipóteses já referidas sobre esta incongruência encontrada: o não reconhecimento do álcool como uma droga; não o considerarem uma droga, por ser lícito; ou mesmo haver dificuldades dos adolescentes para revelarem esta informação. No entanto, considerando a ordem, isto é, a disposição dos questionamentos no instrumento aplicado, a referência sobre o uso do álcool não no primeiro questionamento, mas no andamento do instrumento, parecem ser mais indicativos de falta de informação sobre o álcool ser uma droga ou não o considerarem como uma droga por ser lícita. No entanto, o fator medo de declarar pode ainda fazer sentido, verificando drogas como a cocaína e o crack, que aparecem com pequena incongruência entre os dois questionamentos, onde em um momento declararam positivamente e em outro momento não declararam.

5.3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE AS DROGAS

5.3.1 Tratamento e análise dos dados do teste de evocações livres

A Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), ou apenas técnica de evocação livre, proposta e desenvolvida por Vergès (1992), foi utilizada para realizar o levantamento dos possíveis elementos representacionais, a partir das respostas ao termo indutor “drogas”. Neste estudo, a técnica foi ampliada e aplicada em duas etapas, ocorrendo da seguinte forma: na primeira etapa do teste, os participantes eram solicitados para que evocassem livremente cinco palavras que lhe ocorressem ao ler o termo indutor, em seguida que realizassem uma escolha de duas palavras mais importantes dentre as cinco inicialmente lembradas, e, por fim, ampliando a técnica, que justificassem por escrito a escolha das duas palavras escolhidas como as mais importantes. As evocações produzidas pelos participantes foram, conforme orienta a técnica, registradas na ordem em que foram lembradas, para que, desse modo, pudesse-se contar com duas ordens de dados para a análise: a frequência de evocação de cada palavra ou expressão e a ordem média (OME) em que elas foram evocadas. O tratamento desses dados referentes às evocações livres foi realizado com o suporte do *software* de análise de matrizes IRaMuTeQ, já descrito no capítulo do método. Com este material não foram realizadas análises de conteúdo ou categorizações específicas das palavras evocadas, apenas procurou-se colocar, na medida em que foi possível, os adjetivos e os substantivos no masculino e no singular.

Para se realizar o tratamento dos dados desta primeira parte, como se pretendia verificar diferenças e semelhanças nas RS dos participantes no que se referia as variáveis sexo e a experiência ou não de consumo, optou-se por realizar primeiramente o tratamento com o *corpus* global e posteriormente as análises com o *corpus* em subgrupos. Desta forma, o *corpus* serão separados em subgrupos de acordo com as variáveis a serem analisadas.

Com relação ao conteúdo das RS sobre as drogas, ativado a partir do teste de evocações livres do *corpus* global, os resultados indicam que foram realizadas 1.301 evocações, de 325 palavras diferentes. Para obter-se uma visão inicial e mais geral das evocações, foi realizada a análise de frequência simples, que permite a apresentação das palavras de cada evocação separadamente. As palavras aparecem em ordem alfabética, mas para poder-se avaliar os dados e compará-los com outras tabelas e materiais, foi construída uma tabela ordenando as palavras por

frequência. Verificando-se a Tabela 7, evidencia-se que a palavra “vício” aparece 53 vezes na primeira evocação, ou seja, esta palavra foi a mais lembrada em primeiro lugar. Se considerarmos os *rangs*, na ordem das três primeiras evocações pode-se observar que as palavras “vício”, “morte” e “maconha” aparecem com alta frequência.

Tabela 7 - Análise de frequências simples

Evoc-Rang 1	f	%	Evoc-Rang 2	f	%	Evoc-Rang 3	f	%	Evoc-Rang 4	f	%	Evoc-Rang 5	f	%
vício	53	20.31 %	morte	21	8.05 %	maconha	15	5.75 %	morte	18	6.9 %	morte	16	6.23 %
maconha	30	11.49 %	vício	20	7.66 %	morte	15	5.75 %	maconha	12	4.6 %	crack	9	3.5 %
morte	16	6.13 %	maconha	14	5.36 %	vício	12	4.6 %	doença	9	3.45 %	família	9	3.5 %
dependência	11	4.21 %	tráfico	12	4.6 %	crack	9	3.45 %	tráfico	9	3.45 %	tristeza	9	3.5 %
tráfico	9	3.45 %	cocaína	10	3.83 %	família	8	3.07 %	vício	9	3.45 %	vício	9	3.5 %
destruição	8	3.07 %	doença	9	3.45 %	doença	7	2.68 %	depressão	7	2.68 %	cocaína	7	2.72 %
álcool	6	2.3 %	álcool	7	2.68 %	dependência	6	2.3 %	destruição	7	2.68 %	doença	7	2.72 %
doença	6	2.3 %	cigarro	6	2.3 %	tristeza	6	2.3 %	cocaína	6	2.3 %	tráfico	6	2.33 %
festa	6	2.3 %	crack	6	2.3 %	álcool	5	1.92 %	tristeza	6	2.3 %	ilícitas	5	1.95 %
remédios	5	1.92 %	dependência	6	2.3 %	cocaína	5	1.92 %	álcool	4	1.53 %	roubo	5	1.95 %
ruim	5	1.92 %	tristeza	5	1.92 %	tráfico	5	1.92 %	crack	4	1.53 %	cigarro	4	1.56 %
cocaína	4	1.53 %	destruição	4	1.53 %	adolescentes	4	1.53 %	influência	4	1.53 %	dependência	4	1.56 %
perdição	4	1.53 %	família	4	1.53 %	depressão	4	1.53 %	remédios	4	1.53 %	destruição	4	1.56 %
amigos	3	1.15 %	cadeia	3	1.15 %	problemas	4	1.53 %	roubo	4	1.53 %	festas	4	1.56 %
crack	3	1.15 %	dependente	3	1.15 %	solidão	4	1.53 %	amigos	3	1.15 %	lança perfu	4	1.56 %
dinheiro	3	1.15 %	ilícitas	3	1.15 %	cigarro	3	1.15 %	bala	3	1.15 %	loucura	4	1.56 %
vida	3	1.15 %	influência	3	1.15 %	pó	3	1.15 %	dor	3	1.15 %	álcool	3	1.17 %
violência	3	1.15 %	jovens	3	1.15 %	pobreza	3	1.15 %	família	3	1.15 %	bala	3	1.17 %
			morador rua	3	1.15 %	saúde	3	1.15 %	morador rua	3	1.15 %	dependente	3	1.17 %
			ruim	3	1.15 %	sofrimento	3	1.15 %	prisão	3	1.15 %	desespero	3	1.17 %
			saúde	3	1.15 %	violência	3	1.15 %	problemas	3	1.15 %	perigo	3	1.17 %
								solidão	3	1.15 %	saúde	3	1.17 %	
								traficantes	3	1.15 %	solidão	3	1.17 %	

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Analisando as palavras evocadas é possível perceber que há uma predominância de palavras que indicam ideias negativas em relação às drogas em todos os *rangs*. Para contemplar esta visão mais global e verificar o somatório das palavras, independentemente de sua ordem de evocação, realizou-se uma análise de frequência multivariada. Os dados foram dispostos na Tabela 8 e permite-nos verificar a frequência de cada palavra, não importando em que lugar das evocações ela foi lembrada, mas se foi lembrada dentro do teste como um todo. Excluiu-se as palavras de frequência um (1), equivalentes a 14,45% do *corpus* total, e obteve-se uma frequência média das palavras evocadas com valor igual a oito. Todas as palavras com frequência superior à média se encontram dispostas na Tabela 8. Verifica-se que o elemento “vício”, com a frequência maior, 103 evocações no total, confirma a primeira visualização das evocações, destacando-se dos demais elementos, porém outras palavras mostram-se com expressividade, como o elemento

“morte”, com 86 evocações, “maconha” com 73 evocações, “tráfico” com 41 evocações e “doença” com 38 evocações.

Tabela 8 - Análise de frequências multivariadas

<i>Evocações de maior frequência</i>				
<i>Palavra</i>	<i>f</i>		<i>Palavra</i>	<i>f</i>
vício	103	...	remédios	12
morte	86		roubo	12
maconha	73		solidão	12
tráfico	41		violência	12
doença	38		problemas	12
cocaína	32		influência	11
crack	31		morador de rua	10
dependência	29		dependente	10
tristeza	28		loucura	9
família	26		amigos	9
álcool	25		pó	9
destruição	25		feira	9
cigarro	17		vida	8
depressão	15		Proerd	8
ilícitas	14		abandono	8
ruim	13		lança perfume	8
saúde	13	...	prisão	8

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Vale destacar que, na análise de frequências simples, o termo “vício” apareceu 53 vezes na primeira evocação e, comparando com o geral das evocações com escore 103, isso é mais da metade das vezes em que este termo apareceu em primeiro lugar na lembrança dos respondentes. Essas análises com seus destaques já podem nos dar uma ideia de possíveis representações para as drogas, desse modo, para apurarmos de que forma estes elementos se estruturam serão realizadas análises prototípicas, tanto globais como em subgrupos.

5.3.2 Análise prototípica - teste de evocação - global

Conforme afirmam Flament, Guimelli e Abric (2006), e Wachelke e Wolter (2011), a análise prototípica é uma análise essencial aos estudos de RS, pois por meio da ordem das evocações e da frequência das palavras evocadas é capaz de se apresentar uma estrutura representacional. Desse modo, nesta seção serão estudadas as composições estruturais dos núcleos centrais e dos sistemas periféricos das representações das drogas. O cruzamento da frequência média de palavras evocadas com a média das

suas ordens de evocação possibilita configurar uma distribuição das evocações em quatro quadrantes.

No quadrante superior esquerdo fica disposta a chamada “Zona do Núcleo”, que se atribui como sendo o possível núcleo central dos elementos de uma RS, neste quadrante estão elencadas as palavras que têm alta frequência de evocação e que foram evocadas prontamente (chamado *rang*, ou linha), ou seja, apresentam baixa ordem nestas evocações. Neste quadrante as palavras evocadas estão entre a primeira e a terceira ordem de evocação e, pelas características descritas, elas têm maior probabilidade de pertencer ao sistema central.

No segundo quadrante, localizado no canto superior direito, fica a chamada “primeira periferia”. Neste espaço pode-se encontrar as palavras que possuem alta frequência de evocações, no entanto, a sua ordem de evocações também é mais alta, assim, elas não foram recordadas tão prontamente e foram escritas com *rang* entre a quarta e a sexta palavra, ou seja, elas possuem alta frequência, mas foram pensadas por último, portanto têm maior probabilidade de pertencer ao sistema periférico.

O terceiro quadrante, localizado no quadrante inferior esquerdo, apresenta a “zona dos elementos de contraste”, palavras evocadas entre a segunda e a terceira ordem de evocação, ainda no começo, porém com baixa frequência. Neste quadrante se encontram os temas enunciados por um pequeno número de pessoas, que os consideram como muito importantes. Este quadrante revela a existência de subgrupos minoritários, que possuem uma representação diferente.

Por fim, o quarto quadrante, do canto inferior direito, chamado de “segunda periferia”, apresenta palavras que tiveram menor frequência e maior ordem de evocação. São palavras que foram lembradas e escritas por último, apresentando os elementos menos presentes e menos importantes dentro do campo da representação. Esta conformação em quadrantes pode ser verificada na Figura 2 (Abric, 2003).

Logo, esta análise busca verificar, a partir das 1.301 evocações realizadas e das 325 palavras diferentes, como se estruturam as representações das drogas. A Figura 2 foi construída a partir da frequência média igual, maior ou menor do que 11 evocações, ou seja, a frequência média para distinguir elementos com frequência alta e baixa, sendo que a ordem média de evocação (OME) foi de 2,91. No primeiro quadrante (quadrante superior esquerdo), destacaram-se os elementos “vício”, “maconha”, “tráfico”, “dependência”, “álcool”, “destruição”, “ruim”, “remédios” e “violência”. Trata-se dos elementos com possibilidade de serem centrais, por terem frequência elevada em relação aos outros quadrantes e a mais baixa ordem média de evocação, indicando que logo

foi lembrado pelos participantes. Desta forma, tem-se uma primeira ideia das representações das drogas: o uso dessas substâncias é algo ruim que leva ao vício e que traz consequências como a violência e a destruição, podendo chegar ao tráfico. Ainda que em bem menor grau, há também um viés positivo, quando as drogas também são percebidas como remédios. Ainda assim, a maioria destes termos, enquanto elementos unificadores e estabilizadores das representações sociais das drogas, exprimem um caráter negativo que esse objeto representacional possui.

Evocações a partir do termo indutor “Drogas” (n=262)						
OME ≤ 2.91				OME > 2.91		
	Elemento	f	OME	Elemento	f	OME
f ≥ 11.53	vício	103	2	morte	86	3
	maconha	73	2.2	doença	38	3.1
	tráfico	41	2.8	cocaína	32	3.1
	dependência	29	2.4	crack	31	3.3
	álcool	25	2.6	tristeza	28	3.5
	destruição	25	2.8	família	26	3.5
	ruim	13	2.4	cigarro	17	3
	remédios	12	2.6	depressão	15	3.3
	violência	12	2.8	ilícitas	14	3.4
f < 11.53				saúde	13	3.1
				roubo	12	4.1
				solidão	12	3.5
				problemas	12	3.2
	amigos	9	2.6	influência	11	3.1
	festa	9	1.9	morador de rua	10	3.4
	vida	8	2.5	dependente	10	3.2
	perdição	7	2.1	loucura	9	3.8
	adolescentes	7	2.9	pó	9	3.4
	jovens	6	2.8	Proerd	8	3
	dinheiro	6	1.8	abandono	8	3.2
				lança perfume	8	4.1
				prisão	8	3.8
				pobreza	7	3.3
				sofrimento	7	3.1
				cadeia	7	3.3
				bala	7	4.3
			dor	7	3.4	
			perigo	7	3.4	
			festas	6	4	
			crime	6	3.3	
			agressividade	6	3.3	

Figura 2 - Análise prototípica - teste de evocação - global

Fonte: elaborada pela autora (2019).

No quadrante superior direito se encontram os elementos evocados que indicam elementos periféricos com alto grau de ativação. São os elementos: morte”, “doença”, “cocaína”, “crack”, “tristeza”, “família”, “cigarro”, “depressão”, “ilícitas”, “saúde”, “roubo”, “solidão” e “problemas”. Esses elementos remetem ao primeiro quadrante, com características predominantemente negativas, ou seja, aspectos que são os desdobramentos do vício, que leva à morte e acarreta doenças e problemas de saúde e com a família, quando o uso é de substâncias como o crack e a cocaína. Além disso, pode haver um indicativo para problemas de ordem social, quanto ao sentido da palavra “roubo”. Tais elementos objetivam e tornam pragmáticas as normas e valores presentes no núcleo da RS.

No terceiro quadrante aparecem termos que demonstram um sentido positivo sobre o objeto representacional, indicando a fase de vida de maior experimentação e motivos relacionados a isso. A oferta das drogas em festas e a influência de amigos pode acarretar na experimentação e seus desdobramentos, apesar dos riscos. Isso significa que há subgrupos minoritários de uma representação. A periferia longínqua se encontra no quarto quadrante, o inferior direito, contrastando com a zona do núcleo e trata-se das representações individuais ou de subgrupos, aspectos menos compartilhados da RS. Para visualizar a organização das representações sociais e confirmar a centralidade do elemento “vício”, foi realizada uma análise de similitude. Essa análise de coocorrência possibilita a visualização da organização da representação a partir da força com que os elementos se ligam uns aos outros (Vergès, 2002; Moliner, 1994). Assim, no intento de verificar a conexidade dos elementos, a análise apresentará grafos da relação dos principais elementos encontrados.

5.3.3 Análise de similitude - teste de evocação - global

Como forma de ir compondo o diagnóstico da estrutura da RS sobre as drogas, foi realizada uma análise de similitude global. Esta análise se baseia na teoria dos grafos identifica conexões entre as categorias evocadas a partir de uma matriz de coocorrências. O estudo da conexidade dos elementos permite visualizar a organização de uma RS (Marchand, & Ratinaud, 2012). Os resultados são ilustrados na árvore, que mostra as relações entre os elementos a partir do filtro de um número mínimo de coocorrências (Figura 3).

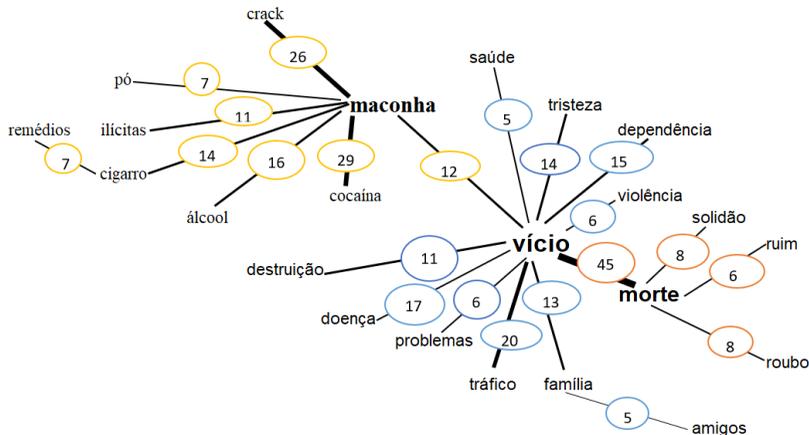


Figura 3 - Análise de similitude - teste de evocação - global
 Fonte: elaborada pela autora (2019).

Para esta análise, partiu-se de 325 evocações ao todo, e, por fim, após a seleção foram analisadas 29 palavras em suas coocorrências com frequência mínima igual a nove. O resultado da análise de similitude (Figura 3) mostra a árvore de conexões, onde os vértices com as palavras dispostas de formas maiores indicam as palavras com maior número de frequência, já as arestas, linhas de diferentes espessuras, representam as ligações e coocorrências entre as palavras evocadas, contendo sobre as ligações o número de coocorrências entre elas.

A análise de similitude apresenta em seus resultados, por meio dos vértices, que o elemento “vício” assume papel organizador da representação social das drogas, pois apresenta forte conexidade com as palavras “morte” e “maconha”, que organizam três comunidades ao seu entorno, palavras que se conectam a elas formando a estrutura maior. A partir destes elementos, os demais se organizam no entorno e adquirem sentido. Observa-se que, não apenas os elementos organizadores, mas também, com raras exceções, os elementos que compõem a árvore como um todo expressam um sentido negativo.

5.3.4 Análise das evocações livres em subgrupos

As evocações foram analisadas em relação às variáveis a serem investigadas neste estudo: evocações para verificar as RS e os subgrupos sexo masculino e feminino, e a experiência ou não experiência de consumo de drogas (Tabela 9). Para isso, foi construída uma tabela com

as disposições das palavras por ordem de frequência total, seguidas das frequências separadamente para cada subgrupo, ou seja, de acordo com a ocorrência para cada uma das variáveis a serem investigadas no estudo, esta tabela foi construída, realizando-se um aglutinamento das palavras considerando as suas semânticas. Verifica-se que, no geral, o elemento “vício” foi o de maior frequência, seguido por “morte”, “maconha”, “tráfico” e “doenças”, ratificando as análises anteriores, mesmo depois do aglutinamento.

No contexto de experiência ou não de consumo, observa-se um certo equilíbrio quanto ao número de evocações para cada subgrupo, no entanto, destacam-se discrepâncias nas frequências de algumas palavras a serem indicadas (a primeira indicação numeral acompanha a tabela e trata-se do subgrupo com experiência de consumo e a segunda referência ao subgrupo sem experiência de consumo). Assim, destacam-se algumas palavras como: “vício” (48 - 55), “morte” (41 - 49) e “tráfico” (23 - 24), por exemplo, que apresentam poucas diferenças nas frequências de suas evocações. Já as palavras “festa” (23 - 4); “álcool” (19 - 6); “remédios” (12 - 4); “válvula de escape” (11 - 5); “diversão” (12 - 2); “mau caminho” (3 - 10) e “crime” (3 - 8) apresentam mais discrepâncias. Observa-se, no destaque destas palavras, que os participantes com experiência de consumo evocam com maior frequência termos com sentidos positivos, enquanto que os participantes sem experiência de consumo apresentam maior frequência nas evocações dos termos negativos. Em relação à variável sexo, verifica-se que o subgrupo feminino, em geral, tem atribuições de frequências um pouco maiores, o que é esperado, devido ao fato de a amostra ser aproximadamente 12% maior em comparação com o sexo masculino, portanto, tomando cuidado diante destas análises, o que se encontra é que há um certo equilíbrio entre os sexos em algumas evocações representadas pelas seguintes palavras: “tráfico” (26 - 21); “cocaína” (20 - 21); “cigarro” (14 - 11), o que pode ser um indicativo de que o sexo masculino evoca mais estas palavras do que os participantes do sexo feminino. Em alguns termos, essa hipótese se torna consistente, como, por exemplo, a palavra “cadeia” que é evocada 11 vezes pelo sexo masculino e apenas 5 vezes pelo sexo feminino (11 - 5). Essas informações estão evidenciadas na Tabela 9.

Tabela 9 - Análise multivariada das evocações livres nos subgrupos

Distribuição de frequências das evocações (total e distribuídas por subgrupos)					
<i>Categorias</i>	<i>Freq total</i>	<i>Masc</i>	<i>Fem</i>	<i>Com exp cons</i>	<i>Sem exp cons</i>
Vício	103	38	65	48	55
Morte	90	33	57	41	49
Maconha	75	34	41	44	31
Tráfico	47	26	21	23	24
Doenças	45	11	34	18	27
Cocaína	41	20	21	23	18
Crack	36	15	21	22	14
Tristeza	31	9	22	14	17
Dependência	30	9	21	15	15
Destruição	28	9	19	12	16
Festas	28	11	17	23	5
Família	26	11	15	12	14
Álcool	25	12	13	19	6
Cigarro	25	14	11	11	14
Perdas	24	7	17	10	14
Ruim	22	9	13	12	10
Problemas	19	5	14	9	10
Cadeia	16	11	5	6	10
Desespero	16	3	13	8	8
Remédios	16	7	9	12	4
Roubar	16	4	12	8	8
Válvula de escape	16	6	10	11	5
Adolescentes	15	2	13	10	5
Dependentes	15	9	6	9	6
Depressão	15	6	9	10	5
Ilícitas	15	4	11	10	5
Saúde	15	5	10	7	8
Diversão	14	1	13	12	2
Influências	14	2	12	5	9
Mau caminho	13	5	8	3	10
Perigo	13	2	11	5	8
Solidão	13	4	9	4	9
Vida	13	2	11	4	9
Abandono	12	2	10	6	6
Morador de rua	12	2	10	7	5
Transtornos	12	3	9	6	6
Violência	12	2	10	4	8
Amigos	11	3	8	7	4
Crime	11	6	5	3	8
Loucura	11	4	7	7	4
Pobreza	11	5	6	8	3
Brigas	10	2	8	6	4
Ecstasy/bala	10	6	4	6	4

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Por fim, vale ressaltar que esta análise é um auxílio apenas como forma de apresentar um panorama, e que as análises prototípicas e de similitude poderão dar mais subsídios para estas evocações, delineando as estruturas das representações para cada grupo especificamente.

5.3.5 Análise prototípica para os subgrupos com e sem experiência de consumo

Com o objetivo de compreender se há distinções e semelhanças nas estruturas das RS das drogas em cada um dos subgrupos, “com” e “sem” experiências de consumo, foram realizadas análises estruturais (lexicográfica, prototípica e similitude) separadamente para cada subgrupo, a partir das evocações categorizadas. As Figuras 4 e 5, respectivamente, apresentam os dados com base no cruzamento dos critérios de frequência e OME, e fornecem indicações sobre a estrutura da RS das drogas para estes subgrupos de participantes.

A Figura 4, representativa dos participantes com experiência de consumo, foi construída a partir da frequência média igual, maior ou menor do que 8 participantes, numa ordem média de evocação (OME) em torno de 2,89. No primeiro quadrante, zona do núcleo, podemos ver as palavras “vício”, “maconha”, “cocaína”, “dependência”, “destruição” e “remédios”. Estes elementos trazem representações bastante similares, com a evocação global, sendo o elemento “vício” o mais significativo e que leva à destruição. O contraponto se dá com o elemento “remédios”, que traz a ideia de que algumas substâncias podem ajudar na saúde e não apenas ser algo destruidor.

Já na primeira periferia se observam palavras como “morte”, “tráfico”, “crack”, “álcool”, “doença”, “tristeza”, “depressão”, “ilícitas” e “cigarro”, o que mostra uma proximidade com a zona do núcleo, no entanto, trazendo em seus elementos apenas aspectos negativos, que seriam as consequências do uso de drogas. Na zona de contraste aparecem as palavras “ruim”, “festa”, “jovens”, “amigos”, “pobreza” e “problemas”, e elementos que trazem, em sua maioria, um aspecto positivo, como é o caso das palavras “festa” e “remédios”, que expressam uma ideia de cura e diversão. Novamente vale ressaltar que este quadrante traz ideias para pequenos subgrupos, ou seja, não representam a totalidade grupal, mas têm alto grau de importância para estes pequenos subgrupos.

Evocações a partir do termo indutor "Drogas" (n=136)						
Grupo com experiência de Consumo						
OME ≤ 2.89			OME ≥ 2.89			
	Elemento	f	OME	Elemento	f	OME
<i>f</i> ≥ 8.49	vício	48	1.9	morte	38	3.1
	maconha	42	2.2	tráfico	22	3
	cocaína	18	2.8	crack	20	3.3
	dependência	15	2.8	álcool	19	2.9
	destruição	11	2.6	doença	16	2.9
	remédios	9	2.4	tristeza	13	3.4
				família	12	3
			depressão	10	3.2	
			ilícitas	10	3.7	
			cigarro	9	3.4	
<i>f</i> < 8.49	ruim	8	2.6	morador de rua	7	3
	festa	8	2	loucura	7	3.9
	jovens	6	2.6	dependente	6	3.3
	amigos	6	2	festas	5	4.4
	pobreza	5	2.6	roubo	5	4
	problemas	5	2.2	saúde	5	3
				pó	5	3.2
			dor	5	3.4	

Figura 4 - Análise prototípica com experiência de consumo

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Evocações a partir do termo indutor "Drogas" (n=126)						
Grupo Sem experiência de Consumo						
OME ≤ 2.87			OME > 2.87			
	Elemento	f	OME	Elemento	f	OME
<i>f</i> ≥ 9.24	vício	55	2.2	doença	22	3.2
	morte	48	2.8	tristeza	15	3.7
	maconha	31	2.3	família	14	3.9
	tráfico	19	2.5	destruição	14	2.9
	dependência	14	1.9	cocaína	14	3.4
			crack	11	3.4	
<i>f</i> < 9.24	cigarro	8	2.5	solidão	9	3.7
	álcool	6	1.8	violência	8	3.1
	ruim	5	2	saúde	8	3.1
	vida	5	2.2	influência	7	3
	perdição	5	1.2	roubo	7	4.1
	cadeia	5	2.6	problemas	7	3.9
				crime	5	3
				sofrimento	5	3
				depressão	5	3.6
			perfume	5	4.4	

Figura 5 - Análise prototípica sem experiência de consumo

Fonte: elaborada pela autora (2019).

A Figura 5, representativa dos participantes sem experiência de consumo, foi construída a partir da frequência média igual, maior ou menor do que 9 participantes, numa ordem média de evocação (OME) em torno de 2,87. No primeiro quadrante, zona do núcleo, podemos ver as palavras “vício”, “morte”, “maconha”, “tráfico” e “dependência”; os elementos centralizadores continuam nesta análise, no entanto, fica evidente que, para este grupo, não há nenhum elemento positivo, todos os elementos dão o indicativo de representações das drogas como um caminho negativo e sem volta.

Os elementos da primeira periferia, “doença”, “tristeza”, “família”, “destruição”, cocaína” e “crack”, vão ao encontro dos elementos verificados na zona do núcleo, expressando consequências do uso de drogas em um primeiro momento. Já a zona de contraste apresenta alguns elementos que parecem estar associados a um uso mais intensivo, como é o caso das palavras “perdição” e “cadeia”, e demais palavras, como “cigarro”, “álcool”, “ruim” e “vida”, parecem estar mais associadas a coisas que fazem parte da vida. No entanto, observa-se que em todos os quadrantes as possíveis representações possuem uma conotação negativa.

Comparando os dois subgrupos quanto aos elementos, é possível verificar que as palavras “vício”, “maconha” e “dependência” aparecem igualmente na zona do núcleo, enquanto há neste quadrante cinco outras palavras que se diferem. Na primeira periferia verifica-se que há apenas duas palavras, “destruição” e “cocaína”, que não aparecem igualmente nos dois subgrupos. Na zona de contraste, apenas a palavra “ruim” aparece igualmente nos dois subgrupos, e na segunda periferia apenas a palavra “roubo” é comum entre elas. No entanto, é possível dizer que os dois grupos trazem bastante similaridades, porém o grupo com experiência de consumo expressa por meio da palavra “festa” um sentido positivo ao objeto, ainda que podendo ser de um subgrupo específico. Para confirmar os elementos dispostos nesta análise, realizou-se separadamente também a análise de similitude para os subgrupos.

5.3.6 Análise de similitude do subgrupo com experiência de consumo a partir das evocações

Para esta análise de similitude do subgrupo com experiência de consumo, partiu-se de 214 evocações ao todo e, após a seleção, foram analisadas 23 palavras em suas coocorrências com frequência mínima igual a 6. Conforme já explicitado, a representação gráfica da Figura 6 permite a visualização da RS em relação a sua estrutura.

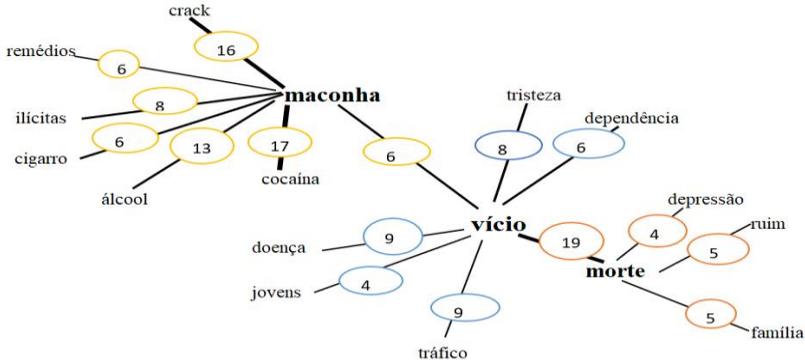


Figura 6 - Análise de similitude do subgrupo com experiência de consumo a partir das evocações

Fonte: elaborada pela autora (2019).

A análise de similitude do subgrupo com experiência de consumo apresenta-se estruturada mais fortemente a partir dos termos “vício” e “morte”, coocorrendo 19 vezes, seguidas da palavra “maconha”, que se conecta à palavra “morte”, com menos força, coocorrendo 6 vezes com a palavra “vício”, mas organiza uma comunidade bastante consistente com suas outras coocorrências. Assim, o termo “vício”, também para este subgrupo, parece ser o mais característico, no entanto, as outras palavras citadas também se apresentam como elementos centrais e organizadores da configuração da árvore e, assim, das RS para este subgrupo.

5.3.7 Análise de similitude do subgrupo sem experiência de consumo a partir das evocações

Para esta análise de similitude do subgrupo com experiência de consumo partiu-se de 209 evocações ao todo e, após a seleção, foram analisadas 27 palavras em suas coocorrências, com frequência mínima igual a 5 (Figura 7).

A análise de similitude do subgrupo sem experiência de consumo se apresenta estruturada a partir dos termos “vício” e “morte”, coocorrendo 26 vezes, e seguidos do termo “maconha”, que se conecta à palavra “morte”, mas com menos força, coocorrendo 6 vezes; nesta organização a comunidade organizada pela palavra “maconha” se apresenta mais frágil, com menor número de coocorrências com as palavras que a cercam, sendo que estas palavras se referem, em sua maioria, a outras drogas. Nesta estrutura, aparece, no entanto, a palavra

“morte” como elemento central, trazendo a noção de que a consequência do vício é o que estrutura esta representação.

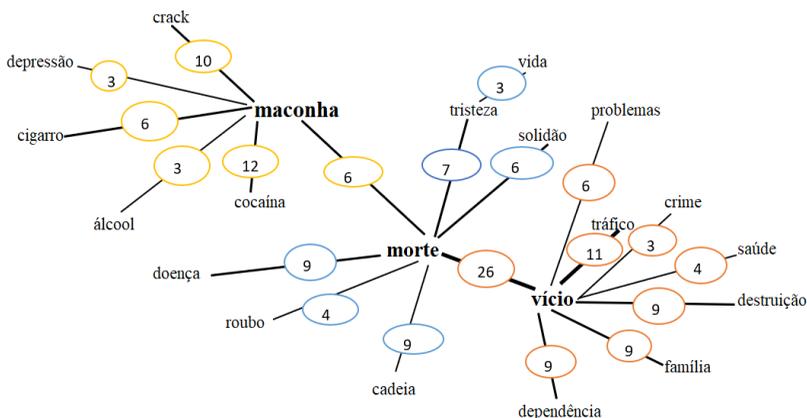


Figura 7 - Análise de similitude do subgrupo sem experiência de consumo a partir das evocações

Fonte: elaborada pela autora (2019).

A partir das análises comparativas entre os subgrupos “com” e “sem” experiência de consumo, foi possível perceber que há uma estrutura bastante semelhante, no que tange as palavras centrais e organizadoras das RS, no entanto, o grupo sem experiência traz como elemento central a palavra “morte”, diferentemente do grupo com experiência, que tem nesta posição o elemento vício.

5.3.8 Análise prototípica para os subgrupos sexo – masculino e feminino

Buscou-se realizar as mesmas análises para o subgrupo sexo, de modo a também verificar se há semelhanças ou divergências nas RS destes grupos. Desse modo, partiu-se da análise prototípica, a fim de verificar a estrutura destas representações.

A Figura 8, representativa dos participantes do subgrupo masculino, foi construída a partir da frequência média igual, maior ou menor do que 8 participantes, em uma ordem média de evocação (OME) em torno de 2,94. No primeiro quadrante desta análise, novamente o elemento “vício” aparece com maior índice, cercado de elementos que são tipos de drogas, seguido pelo elemento “tráfico”. No segundo quadrante aparecem elementos que parecem estar relacionados às

consequências do vício e uso de substâncias, como “morte”, “problemas familiares” e “doenças”. O terceiro quadrante traz apenas três elementos, com ênfase no elemento “destruição”, mas, de modo geral, todos trazem aspectos negativos. O único elemento que não possui uma ideia negativa é o elemento “proerd”, que aparece no quarto quadrante, mas, estruturalmente falando, pode-se dizer que não tem muita influência.

Evocações a partir do termo indutor “Drogas” (n=100)						
Grupo do sexo masculino						
OME ≤ 2.94			OME > 2.94			
	Elemento	f	OME	Elemento	f	OME
f >= 8.54	vício	38	1.9	morte	31	3.3
	maconha	34	2.2	crack	12	3.5
	tráfico	25	2.9	família	11	3.7
	cocaína	13	2.8	doença	9	3.6
	álcool	12	2.6	dependência	9	3
	cigarro	9	2.4			
f < 8.54	destruição	8	2.1	tristeza	8	4
	ruim	5	2.6	pó	7	3.4
	dinheiro	5	2	Proerd	6	3.2
				depressão	6	3.2
				lança perfume	5	4.4
				dependente	5	3.4
				prisão	5	3.8
				cadeia	5	3.2
				bala	5	4.2
				boca de fumo	5	3

Figura 8 - Análise prototípica - sexo masculino

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Evocações a partir do termo indutor “Drogas” (n=162)						
Grupo do sexo feminino						
OME ≤ 2.85			OME > 2.85			
	Elemento	f	OME	Elemento	f	OME
f >= 10.09	vício	65	2.1	doença	29	2.9
	morte	55	2.8	tristeza	20	3.4
	maconha	39	2.2	crack	19	3.2
	dependência	20	2.1	cocaína	19	3.3
	tráfico	16	2.6	destruição	17	3.1
	álcool	13	2.7	família	15	3.3
f < 10.09	violência	10	2.6	ilícitas	10	3.1
	ruim	8	2.2	roubo	10	4
	problemas	8	2.6	depressão	9	3.4
	amigos	7	2.3	influência	9	3
	vida	6	2.5	saúde	9	2.9
	perdição	6	1.7	morador de rua	8	3.6
	adolescentes	6	2.7	remédios	8	3
	jovens	5	2.8	solidão	8	3.4
	festa	5	1.4	cigarro	8	3.6
				abandono	6	3.8
				sofrimento	6	3.2
				loucura	6	3.7
				perigo	6	3.8
				festas	5	4.4
				desespero	5	4.4
				dependente	5	3
				agressividade	5	3.6
				dor	5	3.2
				irresponsabilidade	5	3.4

Figura 9 - Análise prototípica - sexo feminino

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Já a Figura 9, representativa dos participantes do subgrupo feminino, foi construída a partir da frequência média igual, maior ou menor do que 10 participantes, em uma ordem média de evocação (OME) em torno de 2,85. Esta estrutura apresenta, na zona do núcleo, as palavras “morte” e “dependência”, sendo que esta última dá ainda mais força ao elemento “vício”, presente com grande força. Na primeira periferia, apresentam-se palavras que parecem ter relação com as consequências do “vício”, como, por exemplo, as palavras “doença”, “tristeza” e “destruição”, seguidas de outras drogas. Um destaque está no terceiro quadrante, a palavra “festa”, que parece não ter uma conotação negativa.

Assim, comparando as duas análises, é possível verificar que no primeiro quadrante, zona do núcleo, podemos ver que as palavras “vício”,

“maconha”, “tráfico” e “álcool” são comuns às duas análises. Já na primeira periferia observa-se palavras semelhantes, como “crack”, “família” e “doença”; na zona de contraste, há apenas a palavra “ruim”, e na última periferia apenas as palavras “depressão” e “dependente” são comuns. Observa-se que, para ambos os grupos, as representações são de caráter negativo, fazendo com que os grupos se assemelhem neste sentido.

De modo a contemplar as análises prototípicas foram realizadas análises de similitude para verificar as estruturas e coocorrências dos elementos, buscando identificar os elementos que estruturam estas representações.

5.3.9 Análise de similitude do subgrupo sexo masculino a partir das evocações

Esta análise de similitude do subgrupo sexo masculino partiu de 177 evocações ao todo e, após a seleção, foram analisadas 24 palavras em suas coocorrências com frequência mínima igual a 5.

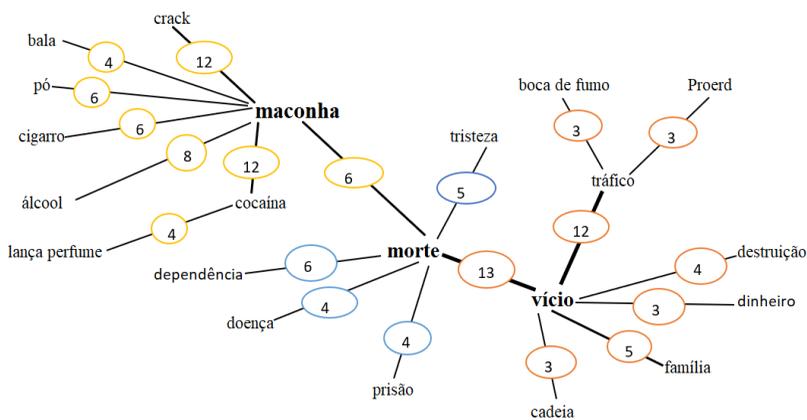


Figura 10 - Análise de similitude do subgrupo sexo masculino a partir das evocações

Fonte: elaborada pela autora (2019).

A análise de similitude do subgrupo sexo masculino apresenta as palavras “morte”, “vício” e “maconha” como elementos das RS para este grupo, como organizadoras da configuração da árvore, com destaque ao elemento “morte”, que assume papel central. A ligação mais consistente ocorre entre os termos “morte” e “vício”, de modo que a coocorrência é de 13 vezes. Observa-se que a associação entre as palavras “morte” e

“vício” é forte para os indivíduos do sexo masculino. A palavra maconha se conecta à palavra “morte” com menos força, cocorrendo 6 vezes, porém organiza uma comunidade bastante consistente com suas outras cocorrências (Figura 10). Estas palavras que cocorrem com o elemento “maconha” são predominantemente outras drogas, com exceção para as palavras “depressão”, “remédios” e “ilícitas”.

5.3.10 Análise de similitude do subgrupo sexo feminino a partir das evocações

Esta análise de similitude do subgrupo sexo feminino partiu de 244 evocações ao todo e, após a seleção, foram analisadas 25 palavras em suas cocorrências com frequência mínima igual a 7.

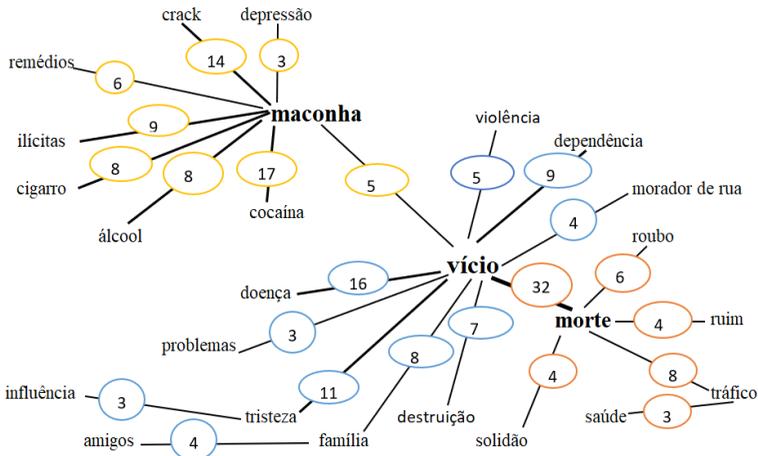


Figura 11 - Análise de similitude do subgrupo sexo feminino a partir das evocações

Fonte: elaborada pela autora (2019).

A partir da análise de similitude do subgrupo sexo feminino, foi possível compreender que sua estrutura é formada a partir dos termos “vício” e “morte”, cocorrendo 32 vezes. Na sequência, aparece a palavra “maconha”, que se conecta à palavra “morte”, com cocorrência de 5 vezes (Figura 11).

Comparando os dois subgrupos dos sexos masculino e feminino, é possível perceber que ambos compartilham de uma estrutura semelhante, no que tange as palavras centrais e organizadoras das RS, no entanto, apresentam uma conformação de árvore um pouco diferente. Em relação

ao sexo masculino, a palavra “maconha” apresenta sua estrutura mais sólida e, como elemento central, liga-se a palavra “morte”, que posteriormente se conecta à palavra “vício”. Já na árvore do subgrupo feminino, a palavra “maconha” se conecta em suas cocorrências primeiramente à palavra “vício”, que apresenta uma comunidade mais alargada, e somente depois se conecta à palavra “morte”, que aliada à palavra “vício”, também nesta análise e nestes subgrupos, continuam sendo as palavras organizadoras da estrutura das RS.

5.4 ANÁLISE DAS DUAS EVOCAÇÕES ESCOLHIDAS COMO AS MAIS IMPORTANTES

Realizou-se uma análise de frequência multivariada para verificar quais termos apareceriam com maior frequência, dando indícios de representações diante da tarefa de escolha de duas palavras mais importantes dentre as evocadas. Nesta tarefa, os participantes tinham maiores condições de avaliar as palavras evocadas e escolher as que fizessem mais sentido para representar as drogas. Pôde-se verificar, no entanto, conforme apresentado na Tabela 10, que os elementos seguem o mesmo fluxo das análises anteriores, com as maiores frequências para as palavras “vício” e “morte”.

Tabela 10 - Análise multivariada das duas palavras escolhidas como mais importantes

Evocações de maior frequência - 2 mais importantes			
<i>Palavra</i>	<i>f</i>	<i>Palavra</i>	<i>f</i>
Vício	56	Remédio	5
Morte	51	Jovens	5
Maconha	26	Amigos	5
Família	19	Violência	5
Dependência	15	Festa	5
Tráfico	14	Crime	4
Destruição	14	Sofrimento	4
Depressão	10	Adolescentes	4
Saúde	10	Câncer	4
Crack	9	Problemas	4
Tristeza	9	Cigarro	4
Doenças	8	Cadeia	4
Álcool	8	Bebidas alcoólicas	4
Cocaína	7	Perigo	4
Influência	7		

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Outro aspecto que é possível observar é que aparecem mais palavras com um sentido que não é apenas negativo, como por exemplo, os elementos “influência”, “amigos”, “remédios” e “festa”. Considerando que esta tarefa pode ser mais refletida, isso pode ser um indicativo de que, para este grupo, as drogas não tenham apenas um sentido negativo, mas também elementos que indicam aspectos positivos. De modo a verificar como estas palavras se estruturam e organizam suas representações, realizou-se a análise prototípica.

5.4.1 Análise prototípica das duas evocações mais importantes

A Figura 13, representativa da tarefa da escolha das duas palavras mais importantes, foi construída a partir da frequência média igual, maior ou menor do que 6 participantes, numa ordem média de evocação (OME) em torno de 1,5. No primeiro quadrante, zona do núcleo, podemos ver que as palavras “vício”, “família”, “destruição”, “doenças”, “álcool” e “influência”, e esta conformação na zona do núcleo aparece de modo um pouco diferente das análises anteriores, pois, apesar de a palavra “vício” continuar como elemento central, as outras palavras apontam não apenas para as consequências para o uso, mas também os motivos para a experimentação, a partir da palavra “influência”. Já na primeira periferia, observa-se as palavras semelhantes à palavra “morte” como a consequência do vício, entre outras com sentido negativo como, pode-se observar.

Evocações a partir do termo indutor “Drogas” (n=262)						
Duas palavras mais importantes						
OME ≤ 1.5			OME > 1.5			
	Elemento	f	OME	Elemento	f	OME
f ≥ 6.6	vício	56	1.3	morte	51	1.5
	família	19	1.4	maconha	26	1.5
	destruição	14	1.4	dependência	15	1.6
	doenças	8	1.1	tráfico	14	1.7
	álcool	8	1.4	depressão	10	1.7
	influência	7	1.4	saúde	10	1.6
f < 6.6				crack	9	1.7
	remédio	5	1	tristeza	9	1.8
	jovens	5	1.4	cocaina	7	1.7
	amigos	5	1.4	sofrimento	4	1.8
	violência	5	1.2	câncer	4	1.8
				cigarro	4	1.8
	festa	5	1.2	cadeia	4	1.8
	crime	4	1.2	bebidas		
	adolescentes	4	1.2	alcoólicas	4	1.5
	problemas	4	1.2	perigo	4	1.5

Figura 12 - Análise prototípica da escolha das duas palavras mais importantes
Fonte: elaborada pela autora (2019).

Na zona de contraste, apenas a palavra “ruim”, e na última periferia apenas as palavras “depressão” e “dependente” são comuns. Verifica-se que em todo o restante há divergências e as palavras transitam entre os quadrantes das diferentes análises, no entanto, o sentido semântico de caráter negativo é também expressado nesta análise. Há porém a na zona de contraste elementos que expressam um sentido não negativo, como, por exemplo, “festa” e “amigos”, o que denota que, para pequenos grupos, as drogas podem estar tendo outros sentidos que não apenas os negativos. A fim de confirmar estas análises, optou-se novamente pela análise de similitude para verificar a estrutura e suas coocorrências.

5.4.2 Análise de similitude das duas evocações mais importantes

Esta análise de similitude, referente às duas palavras escolhidas como as mais importantes do teste de evocações, contou com 188 evocações ao todo e, após a seleção, foram analisadas 15 palavras em suas coocorrências com frequência mínima igual a 7.

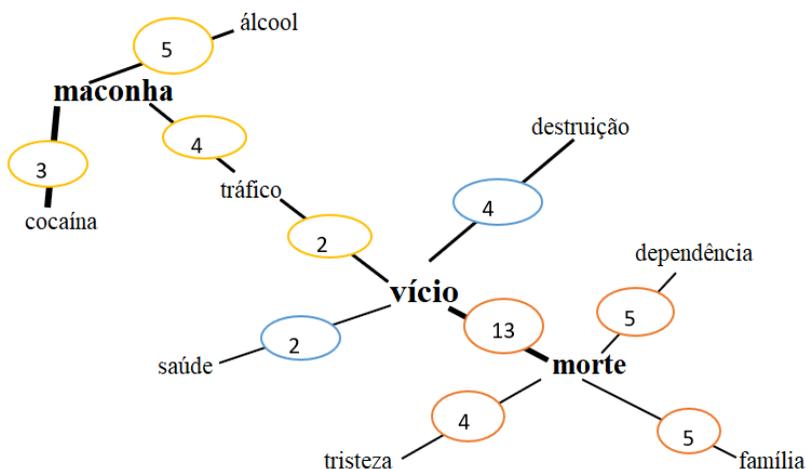


Figura 13 - Análise de similitude da escolha das duas palavras mais importantes
Fonte: elaborada pela autora (2019).

Na conformação, disposta na Figura 12, as palavras “morte” e “vício” coocorrem 13 vezes e continuam assumindo caráter central na estrutura das RS. Nesta estrutura a palavra “tráfico” aparece como um conector entre as palavras “maconha” e “vício”. O que pode estar

indicando que este é o meio pelo qual se tem acesso às drogas que causam o vício e acarretam desdobramentos negativos.

5.4.3 Análise classificação hierárquica descendente - *corpus* “justificativa”

As justificativas dos participantes à escolha das palavras evocadas como mais importantes foram reunidas no *corpus* “Justificativa”. Para este material textual aplicou-se, por meio do software IRaMuTeQ, a análise chamada Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que possibilita a análise lexical deste *corpus*, trazendo ainda os contextos (classes lexicais) que são formados por vocabulários específicos e por segmentos de textos que compartilham este mesmo vocabulário (Camargo, 2005; Camargo & Justo, 2013).

Por se tratar de textos curtos, respostas a perguntas abertas, a análise foi realizada com o comando de “simples sobre textos”, assim sendo, foram tratados 262 textos, os quais se desdobraram em 304 segmentos de texto, obtendo-se um aproveitamento de 238 STs (90,84%). Emergiram 9.990 ocorrências (palavras, formas ou vocábulos), sendo 1.519 palavras distintas e 808 palavras com ocorrência única.

O conteúdo analisado foi categorizado em cinco classes: Classe 1, com 63 ST (26,47%); Classe 2, com 50 ST (21,01%); Classe 3, com 42 ST (17,33%); Classe 4, com 46 ST (19,33%), e Classe 5, com 37 ST (15,55%). Na primeira partição do *corpus*, a classe 5 (15,55%) diferenciou-se do restante do material textual. Na segunda partição, a classe 1 (31%) se diferenciou das classes 2 (19%) e 3 (16%); e, na terceira partição, as classes 2 (19%) e 3 (16%) diferenciaram-se entre si, de modo que a CHD distinguiu cinco classes.

Foram consideradas na análise as palavras com $\chi^2 \geq 3,84$, com $gl = 1$ e $p < 0,001$, uma indicação, portanto, de que a confiabilidade da associação das palavras entre as classes é superior a 95%, ou seja, as palavras com o menor valor ficaram com $p < 0,001$, com o maior valor ficando em $p = 0,04$, corroborando para uma forte ligação entre as classes, evidenciando os títulos das 5 classes com as RS e suas associações. A classe 2 aparece com maior associação ao sexo feminino, a classe 4 aparece associada aos participantes sem experiência de consumo e a classe 5 está associada ao sexo masculino e também aos participantes com experiência de consumo. O dendrograma referente à análise encontra-se representado na Figura 14, onde podem ser observadas as palavras mais significativas, a frequência e o χ^2 de cada palavra na classe.

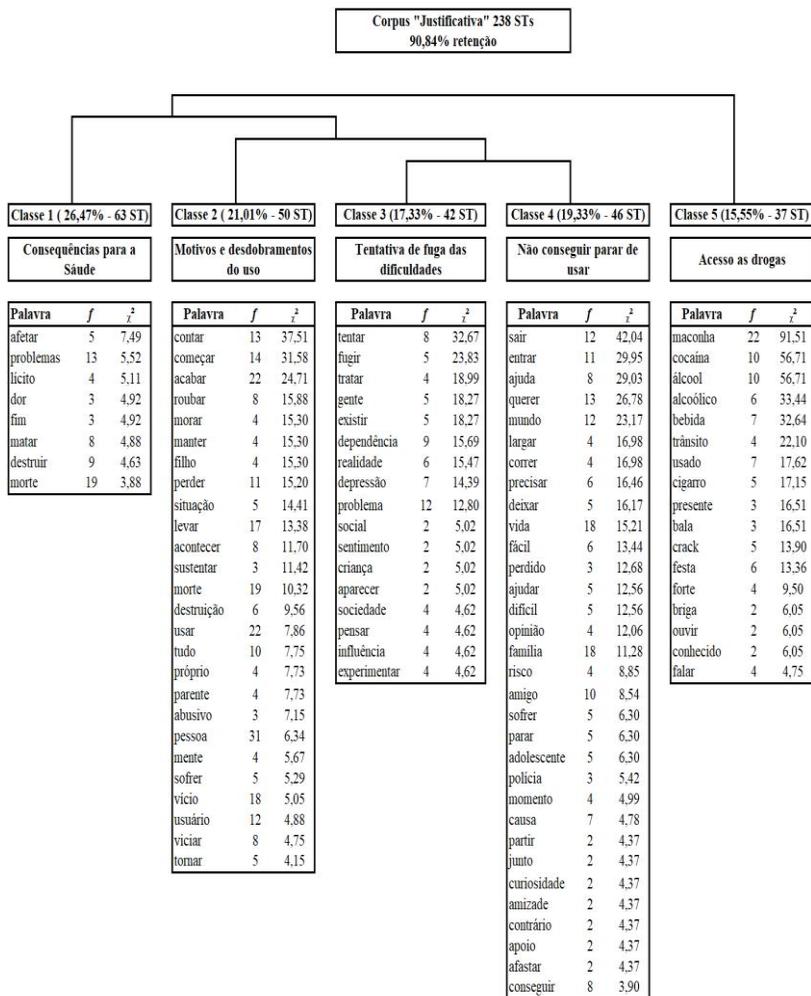


Figura 14 - Dendrograma da CHD do *corpus* "Justificativa"
Fonte: elaborada pela autora (2019).

A classe 5 é a de menor volume de segmentos de textos, com 15,55 %, e apresenta-se associada ao sexo masculino e a participantes com experiência de consumo. Esta classe está associada aos tipos de drogas, especificamente, e onde são encontradas, consumidas e trazem algumas ideias sobre o que acontece quando as pessoas as usam. Fica ilustrada essa ideia nas respostas: “nos dias de hoje, o uso de diversas drogas, como maconha, LSD, balas, uso abusivo de bebidas alcoólicas, cigarros,

cocaína é muito frequente entre os jovens, principalmente em baladas e casas de show, muitos jovens acabam se envolvendo com pessoas erradas para conseguir as drogas e muitas vezes acabam mortos.”; “toda festa que vou não importa se é a mais simples, sempre tem todo tipo de drogas, desde a maconha até bala e é sempre em festas que rola mais isso”; “as drogas, cocaína é muito maléfica para o organismo de um ser humano, pode destruir a pessoa e dentre as drogas que eu citei, acredito que cocaína é uma das mais fortes por causar forte dependência”; e “maconha e álcool são as duas que utilizam com frequência, as duas mais acessíveis também, são elas que a maioria dos jovens já usou ou ainda usa, o álcool é a causa de muitas mortes no trânsito e a maconha é a droga que você pode encontrar até no fumo”.

A classe 1, com 26,47%, é a classe mais próxima da classe 5, e está associada à ideia das mais diversas consequências do uso de drogas para a saúde de quem as usa e a problemas familiares. O conteúdo destas ideias podem ser ilustradas a partir das seguintes justificativas: “prejudica a saúde... além de prejudicar, é ruim para o seu corpo, para a sua família”; “doenças e problemas psicológicas, é isso que as drogas nos trazem, vários problemas e doenças que surgem quando você consome as drogas”; e “destruição, pois os vícios destroem as pessoas e a sua família”.

A classe 2 parece estar mais próxima semanticamente da classe 1, está mais associada aos participantes do sexo feminino e demonstra haver uma forte relação com os motivos e desdobramentos do uso de drogas e podem ser verificadas a partir dos seguintes trechos: “quando uma pessoa usa drogas, ela se torna violenta e, muitas vezes, começa a roubar para conseguir comprar mais drogas para sustentar o seu vício”; “a pessoa acaba se entregando às drogas, perde tudo que tem, vai morar nas ruas e acaba morrendo”; “solidão é a palavra certa, as pessoas sempre acabam sozinhas, mesmo estando rodeadas de pessoas, é um vazio que vem do fundo e as pessoas preenchem com as drogas”; e “a pessoa começa a usar drogas por causa de um trauma ou aquilo vai se tornar um trauma mais para frente e depois de usar a pessoa vicia na sensação causada”.

A classe 3 é a mais próxima da classe 2, classes que foram subdivididas por último. Esta classe traz a ideia de que o uso de drogas pode ser para tentar fugir das dificuldades e da realidade. Ilustra-se o seu conteúdo pelas justificativas a seguir: “muitas pessoas só usam algum tipo de droga porque as pessoas tentam acabar com a tristeza usando algo com a ilusão que irá passar”; “pessoas usam drogas porque lá no fundo sentem uma imensa dor ou depressão que as força a recorrer às drogas para preencher o vazio”; “porque o maior meio de chegar às drogas é a depressão, as pessoas usam como uma fuga da realidade de tristeza”; e

“fuga, porque é o que os jovens de hoje em dia fazem, drogas são meio que uma forma de fuga de problemas familiares e sociais”.

Por último, a classe 4 se apresenta mais associada aos participantes que não têm experiência de consumo de drogas. Parece estar associada a dificuldades para interromper o uso e à necessidade de ajuda da família para isso. Esta associação pode ser expressa a partir dos seguintes trechos: “quando alguém entra no mundo das drogas, a família e amigos são as pessoas mais importantes que se pode ter para poder ter ajuda, aconselhar e sair dessa vida e voltar a ser o que era antes”; “o mundo das drogas, ainda que fácil de entrar, é difícil de sair... em algum momento vai virar um vício e, quando menos imaginamos, estamos muitas vezes destruindo famílias que sofrem com esse mal”; “porque se você se envolve com algum tipo de drogas você afeta a sua família junto e, com isso, eles vão tentar te ajudar a sair, mas você já está perdido nas drogas e acaba se afastando da família”; e “já convivi com pessoas que usavam drogas e a maioria queria sair desse vício, mas não conseguia, e isso trazia a infelicidade por não conseguir e por ver as famílias e amigos sofrendo junto de si, algumas pessoas que conheci também entraram em depressão por não se sentirem capazes de largar o vício”.

5.4.4 Análise similitude *corpus* “justificativa”

Esta análise de similitude, referente ao *corpus* “Justificativa”, partiu de 337 evocações e, posteriormente à seleção, foram analisadas 22 palavras em suas coocorrências com frequência mínima igual a 17.

Nesta análise é possível verificar que há mais elementos que entram em destaque e apresentam uma estrutura com conformação bastante diferente do que o mesmo tipo de análise que tratava da escolha das duas palavras mais importantes (Figura 15). Observa-se que nesta estrutura as palavras “morte”, “vício” e “usar” aparecem como centrais na estrutura das RS, onde “morte” coocorre 16 vezes a “vício” e esta coocorre 22 vezes à palavra “usar”, no entanto outras palavras aparecem também como organizadoras de comunidades específicas, como é caso da palavra “problema”, “família” e “uso”. A palavra “vício” apresenta-se na centralidade, organizando a árvore como um todo e colocando as drogas como um caminho sem volta, mas a palavra “usar” traz as ideias positivas e negativas. As ideias positivas consistem no uso para diversão em festas e na companhia de amigos, ao passo que isso também diz sobre a influência dos amigos para o uso. Ideias como fuga da realidade e dos problemas também podem ser vistas sob este carácter para os

adolescentes, ainda que a maior força apareça no fato de que o uso e o vício levem à morte.

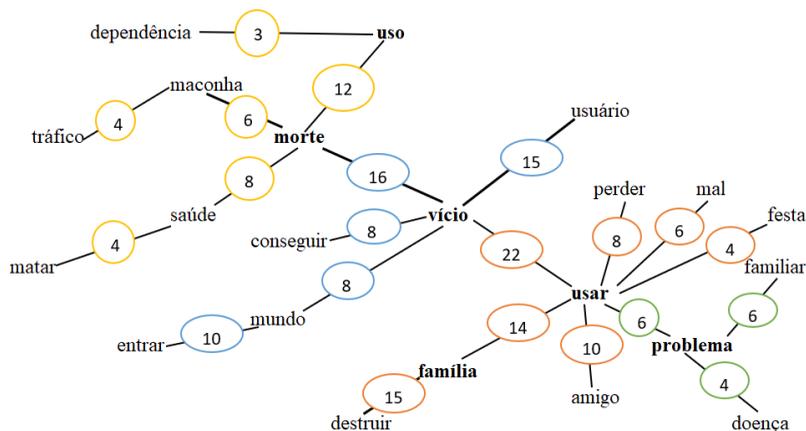


Figura 15 - Análise de similitude do corpus "Justificativa"

Fonte: elaborada pela autora (2019).

5.5 ANÁLISE CLASSIFICAÇÃO HIERÁRQUICA DESCENDENTE - "O QUE PENSA SOBRE AS DROGAS"

A partir das transcrições das respostas dadas à pergunta "O que você pensa sobre as drogas" foi elaborado um corpus "O que pensa sobre drogas", que foi submetido a uma CHD, composto por 262 textos, que se desdobraram em 365 segmentos de texto. Com a análise, foram aproveitados 321 STs, um percentual de 85,60% de retenção na CHD, índice acima dos 75% considerados ideais para análise deste tipo de material utilizando a CHD (Reinert, 1990).

O tratamento da CHD gerou 3 classes, sendo que a primeira partição do corpus, a classe 3 (46,4%), diferenciou-se do restante do material textual. Na segunda partição, as classes 1 (23,7%) e 2 (29,9%) se diferenciaram entre si.

Na análise foram consideradas as palavras com frequência acima da média e $\chi^2 \geq 3,94$ com $gl = 1$ e $p < 0,001$, uma indicação, portanto, de que a confiabilidade da associação das palavras entre as classes é superior à 95%, ou seja, as palavras com o menor valor ficaram com $p < 0,001$ e o maior valor ficando em $p = 0,04$, corroborando para uma forte ligação entre as classes, evidenciando os contextos dos títulos das 3 classes com

as RS. Na Figura 16 podem ser observadas as palavras mais significativas e a frequência de cada uma das palavra na classe seguidas do χ^2 .

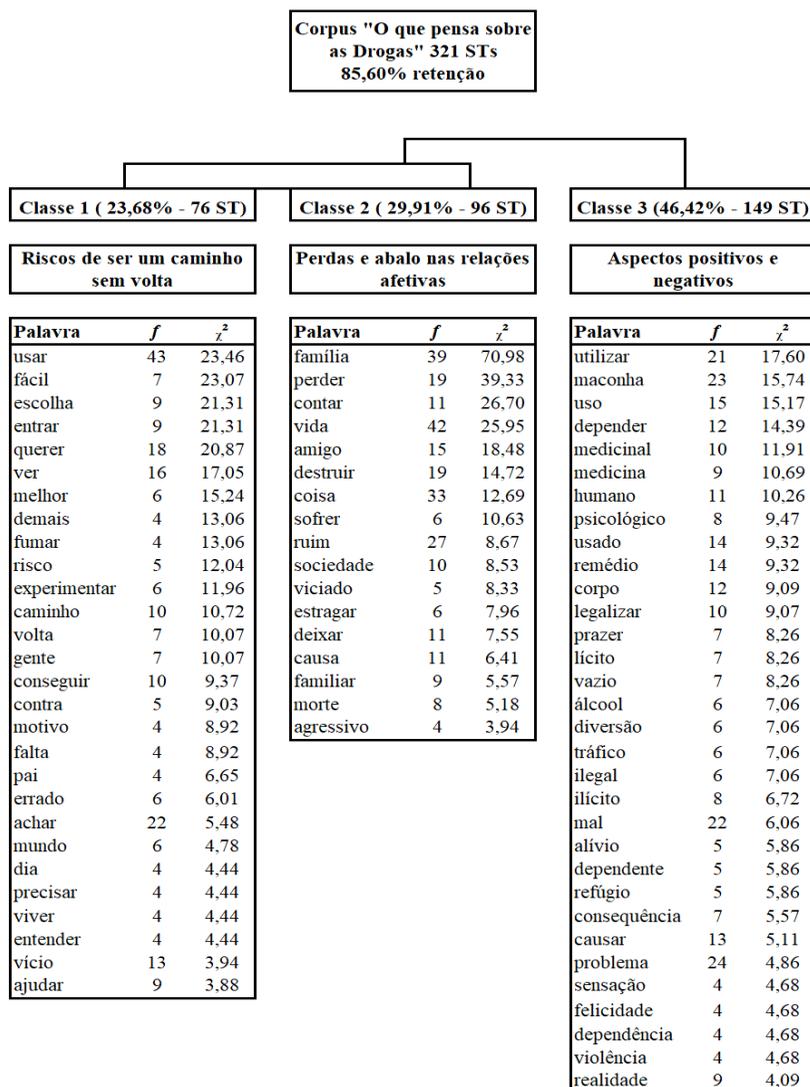


Figura 16 - Dendrograma da CHD do corpus "O que pensa sobre drogas"

Fonte: elaborada pela autora (2019).

A classe 3 particionou-se primeiro, ficando, assim, mais distante das demais, sendo também a classe com maior volume, com um percentual de 46,42%, e, ademais, ela está mais relacionada com participantes do sexo masculino e com aqueles que têm experiência de consumo. Esta classe associa-se a aspectos negativos das drogas, no sentido de que elas podem fazer muito mal à saúde, mas também revela que, para este grupo estudado, há aspectos positivos, como efeitos medicinais de drogas ilícitas e também os medicamentos. As falas a seguir ilustram estas ideias: “tem pessoas que só se sentem bem usando drogas, tem umas drogas que acabam com o ser humano e outras, como, por exemplo, a maconha... é medicinal como se fosse remédio”; “muitas delas fazem muito mal para a saúde, para a sociedade e para as pessoas que consomem, pra elas e as que estão ao seu redor, porém algumas delas são medicinais, como a maconha”; “pode fazer e faz muito bem para quem tem algum tipo de doença, como os remédios”; e “drogas matam se forem utilizadas de formas erradas e, se não matar, vão causar a dependência, que é algo ruim, drogas causam vários efeitos negativos no corpo e no cérebro”.

A classe 1 é a classe mais próxima da classe 2, e está associada aos pensamentos de que as drogas oferecem diversos perigos e que, se a pessoa começar a utilizar, pode se tornar um caminho sem volta. Estas ideias estão expressas nos trechos a seguir: “penso que é algo tentador, mas nem um pouco bom, pois isso pode acabar com a minha vida; uma vez usando drogas não se sabe o caminho de volta e se pode ou não conseguir voltar”; “é um caminho que você escolhe para destruição, não só com a sua família, mas com você mesmo que entra nesse caminho e a coisa mais difícil é sair dele, porque são raras as pessoas que conseguem escapar do vício das drogas”; “é um caminho sem volta, mas existem muitas pessoas que não têm como buscarem algo melhor e, por isso, entram nessa vida, mas as drogas não são futuro para ninguém”; e “penso que drogas são um caminho sem volta em que, na maioria dos casos, quem experimenta drogas sempre quer começar a usar elas mais frequentemente”.

A classe 2 parece mais próxima semanticamente da classe 1, esta também mais associada aos participantes sem experiência de consumo, e demonstra haver uma forte relação com as perdas que o uso de drogas pode causar e com as dificuldades com as relações afetivas, principalmente em relação à família. Isto pode ser verificado a partir dos seguintes trechos: “é uma coisa horrível, porque ela causa muita coisa ruim na sua vida, família, amigos, trabalho é tudo comprometido pelas drogas”; “as drogas que fazem você perder tudo, até mesmo deixar sua

família”; e “ela te leva para caminhos horríveis e faz você perder sua família e amigos”.

5.5.1 Análise de similitude *corpus* “O que pensa sobre as drogas”

Para esta análise de similitude, referente ao *corpus* “O que pensa sobre as drogas”, partiu-se de 337 evocações ao todo e, após a seleção, foram analisadas 21 palavras em suas coocorrências, com frequência mínima igual a 12.

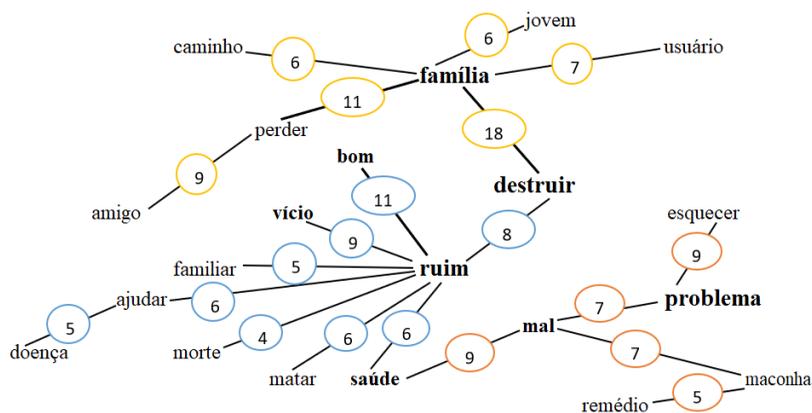


Figura 17 - Análise de similitude do *corpus* “O que pensa sobre as drogas”
Fonte: elaborada pela autora (2019).

Observa-se que, na configuração que se apresenta, o elemento centralizador das representações é o termo “destruir”, dando ênfase também ao termo “família”, termos que possuem forte coocorrência, com um total de 18 vezes. Assim, as drogas são vistas como algo destruidor, principalmente das relações familiares, e trazem coisas ruins e consequências de perdas, morte e doenças. No entanto, aparece também uma justificativa para o seu uso, pois ficam fortemente vinculadas ao esquecimento dos problemas. Destaca-se, ainda, uma certa dubiedade no caráter dessas representações, com a palavra “bom”, coocorrendo 11 vezes com a palavra “ruim” (Figura 17).

5.5.2 Análise de contraste *corpus* “O que pensa sobre as drogas”

No *corpus* “O que pensa sobre as drogas”, foi realizada ainda uma análise por contraste entre modalidades da variável experimentação de droga, com o intuito de explorar de modo comparativo as ideias dos participantes com experimentação e sem experimentação em relação ao tema, a fim de favorecer a compreensão das semelhanças e diferenças identificadas no *corpus*. As respostas referentes ao questionamento “O que você pensa sobre as drogas” gerou um *corpus* que correspondeu a 262 textos, e que, após o tratamento realizado pelo *software* IRaMuTeQ, originaram 326 segmentos de textos. Na Tabela 20 apresentam-se as palavras mais características dos participantes com experimentação e dos participantes sem experimentação, de acordo com a frequência e qui-quadrado.

Tabela 11 - Análise de contraste - palavras mais características para os participantes com e sem experiência de consumo

<i>Com experiência de consumo</i>			<i>Sem experiência de consumo</i>		
<i>Palavra</i>	<i>f</i>	<i>χ²</i>	<i>Palavra</i>	<i>f</i>	<i>χ²</i>
Usar	96	26.08	Usar	58	18.23
Poder	66	17.93	Vida	55	17.29
Fazer	61	16.57	Fazer	52	16.35
Pensar	55	14.94	Pensar	46	14.46
Vida	48	13.04	Poder	44	13.83
Ruim	39	10.59	Família	38	11.95
Acabar	32	8.69	Acabar	37	11.63
Mal	30	8.15	Ruim	27	8.49
Família	26	7.06	Problema	26	8.17
Querer	24	6.52	Destruir	23	7.23
Problema	23	6.25	Vício	22	6.92
Maconha	20	5.43	Saber	22	6.92
Vício	20	5.43	Mal	17	5.34
Bom	20	5.43	Querer	16	5.03
Existir	18	4.89	Bom	15	4.72
Usuário	17	4.62	Perder	13	4.09
Ajudar	17	4.62	Maconha	12	3.77
Uso	17	4.62	Usuário	12	3.77
Utilizar	16	4.35	Sair	12	3.77
Saber	16	4.35	Existir	11	3.46
Amigo	15	4.07	Utilizar	11	3.46
Deixar	15	4.07	Amigo	11	3.46
Perder	15	4.07	Uso	10	3.14
Saúde	14	3.8	Conseguir	10	3.14

Fonte: elaborada pela autora (2019).

A Tabela 11 apresenta os resultados referentes à análise de contraste entre os subgrupos com e sem experiência de consumo em resposta à pergunta “O que pensa sobre drogas?”. Dentre as ideias centrais dos participantes com experimentação, há primeiramente referência a um propósito ilusório com o uso, onde o sujeito considera que irá escapar dos problemas. Desta forma, há o destaque para a ideia de fuga da realidade, alienação. Há, ainda, como ideia geral, o pensamento de que o uso deve ser feito de modo controlado e que, assim, não acarretará danos, sendo que o perigo consista no vício. Aliada a esta ideia, também há a associação da maconha como uma erva de uso medicinal, que pode trazer benefícios. Observa-se que há conexão entre a primeira e a segunda ideia, já que muitos afirmaram que seria possível um escape dos problemas por meio do uso, e que não traria malefícios caso o uso fosse moderado.

As ideias centrais referentes à análise por contraste dos participantes sem experimentação envolveram as consequências negativas do uso, para si, para a família e para a sociedade. Deste modo, há o entrelaçamento das ideias de “prejuízos” e de “caminho sem volta”, situando o uso de drogas como um vício que faz mal, traz problemas a todos e do qual é difícil de se sair.

Referente ao mesmo *corpus*, realizou-se outra análise por contraste, desta vez entre modalidades da variável sexo, com o intuito de demonstrar de modo comparativo as ideias dos participantes do sexo masculino e dos participantes do sexo feminino em relação ao tema, com a mesma finalidade da análise da outra modalidade, novamente buscando favorecer a compreensão das diferenças e semelhanças encontradas no *corpus*. Na Tabela 12 apresentam-se as palavras mais características dos participantes do sexo masculino e do sexo feminino de acordo com a frequência e qui-quadrado.

Por meio desta análise por contraste foi possível identificar que a ideia geral dos participantes do sexo masculino refere-se ao consumo e à legalidade das drogas, ponderando-se benefícios e malefícios, principalmente da maconha, caracterizando os malefícios como advindos do excesso de consumo da droga e não de seu consumo apenas. Assim, a forma de uso é que faria mal, já que a maconha é vista como uma erva medicinal e deveria, portanto, ser legalizada.

Tabela 12 - Análise de contraste - participantes sexo masculino e feminino

<i>Sexo Masculino</i>			<i>Sexo Feminino</i>		
<i>Palavra</i>	<i>f</i>	<i>χ²</i>	<i>Palavra</i>	<i>f</i>	<i>χ²</i>
Usar	57	43.38	Usar	97	38.85
Vida	38	28.92	Pensar	67	26.83
Pensar	34	25.88	Vida	65	26.03
Mal	26	19.79	Coisa	63	25.23
Coisa	25	19.03	Acabar	50	20.02
Ruim	24	18.26	Família	44	17.62
Família	20	15.22	Ruim	42	16.82
Maconha	20	15.22	Problema	32	12.82
Acabar	19	14.46	Vício	32	12.82
Problema	17	12.94	Destruir	29	11.61
Usuário	16	12.18	Querer	26	10.41
Querer	14	10.65	Levar	23	9.21
Utilizar	13	9.89	Quando	22	8.81
Ajudar	11	8.37	Mal	21	8.41
Levar	11	8.37	Existir	21	8.41
Uso	11	8.37	Perder	19	7.61
Morte	10	7.61	Amigo	18	7.21
Vício	10	7.61	Ficar	18	7.21
Prazer	10	7.61	Causa	17	6.81
Substância	10	7.61	Sair	17	6.81

Fonte: elaborada pela autora (2019).

A análise por contraste referente aos participantes do sexo feminino revelou que a ideia geral parece estar relacionada ao medo das drogas, de experimentá-las, viciar-se e, assim, não conseguir parar, acarretando consequências graves para sua saúde e vida como um todo. Desta forma, tem-se a noção de drogas como prejudiciais à saúde e à família, sendo que ninguém deveria experimentar, pois, caso experimente, não conseguirá mais parar.

5.6 ANÁLISE CLASSIFICAÇÃO HIERÁRQUICA DESCENDENTE - “O QUE LEVA ALGUÉM A USAR DROGAS”

Por meio das transcrições das respostas dadas à pergunta “O que leva alguém a usar drogas”, construiu-se um *corpus* com mesmo indicador, e este foi então submetido a uma CHD. Com a análise, obteve-se informações da composição deste *corpus*, composto por 262 textos, que se desdobraram em 326 segmentos de textos, e destes foram aproveitados 303 STs, um percentual de aproveitamento de 92,94% na CHD.

Do tratamento do *corpus* foram geradas 3 classes, desta forma, a primeira partição do *corpus*, a classe 3 (49,17%), diferenciou-se do restante do material textual. Já a segunda partição do *corpus* diferenciou-se entre si, gerando a classe 1 (21,78%) e a classe 2 (29,04%).

Foram consideradas na análise as palavras com frequência acima da média e $\chi^2 \geq 4,2$ com $gl = 1$ e $p < 0,001$, uma indicação, portanto, de que a confiabilidade da associação das palavras entre as classes é superior à 95%, ou seja, as palavras com o menor valor ficaram com $p < 0,001$ e o maior valor ficando em $p = 0,04$, evidenciando uma forte ligação entre as classes. A Figura 18 contém as informações referentes a análise e pode-se verificar as palavras mais significativas, a frequência de cada uma das palavras na classe, seguidas do χ^2 de cada uma delas.

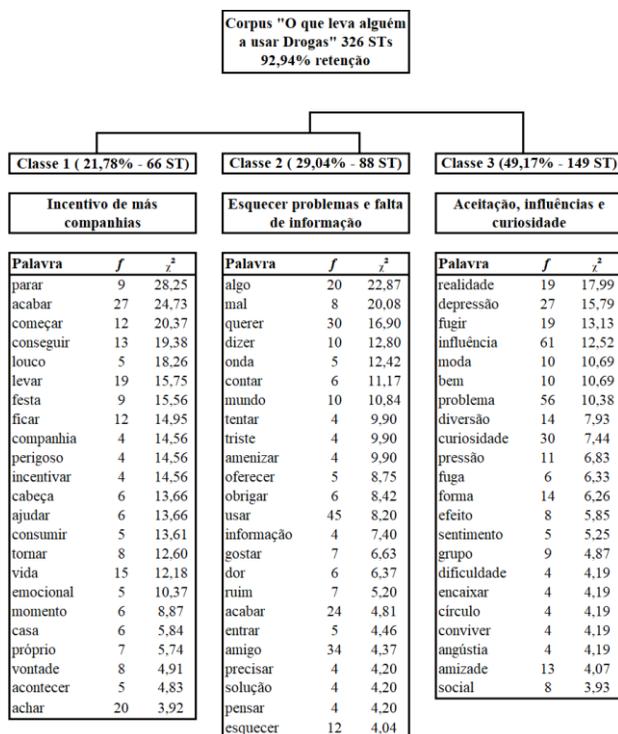


Figura 18 - Dendrograma da CHD do *corpus* “O que leva alguém a usar drogas”
Fonte: elaborada pela autora (2019).

A classe 3 foi a primeira partição do *corpus*, diferenciando-se das demais. Esta classe revela seu conteúdo, no sentido de que o que leva alguém a utilizar drogas é a aceitação nos grupos, as influências de amigos

e a curiosidade de experimentar. Ilustra-se o seu conteúdo pelas justificativas a seguir: “muitas coisas, como a curiosidade de experimentar, ou por influência de amigos”; “não há um motivo específico, pode ser curiosidade, pressão social para se integrar com um grupo, pode ser uma forma de tentar escapar da realidade”; “a curiosidade de experimentar coisas novas ou a influência de pessoas do seu círculo social”; e “problemas familiares, sociais, círculo social, aprovação social, diversão e outras milhares de coisas”.

A classe 1 está mais associada a participantes que não tiveram experiência de consumo e traz a noção de que o mais significativo para que as pessoas experimentem seja a vontade deliberada de experimentar, além da influência de más companhias. O conteúdo destas ideias pode ser ilustrado a partir das seguintes justificativas: “eu acho que muitas das vezes o que acaba levando são as más companhias, mas também pode vir de parentes próximos”; “pode ser desde as companhias que a pessoa tem, ter deixado com que essas companhias a influenciem”; e “incentivo de amigos, lugar onde mora, ver alguém usando e sentir à vontade de experimentar e aí acaba experimentando, e já vicia naquilo e não consegue mais largar”.

A classe 2 parece estar mais relacionada com a classe 1. Esta classe revela a ideia de que a experimentação se dá por falta de informações e como um refúgio para esquecer os problemas. Estas ideias podem ser verificadas a partir dos seguintes trechos: “às vezes pode ser por influência dos amigos e às vezes a falta de informação”; “quando acontece algo ruim e a pessoa quer esquecer ou não aguenta o fardo e acaba usando drogas para ajudar a superar, mas muitas vezes acaba se viciando”; e “muitos vão por influências, porque cedem para experimentar e acabam gostando, mas também entram nas drogas por outros motivos, porque acham que a droga pode ajudar a esquecer os problemas.”.

5.6.1 Análise similitude *corpus* “O que leva alguém a usar”

Esta análise de similitude, referente ao *corpus* “O que leva alguém a usar”, partiu de 275 evocações ao todo e, após a seleção, foram analisadas 32 palavras em suas coocorrências, com frequência mínima igual a 8.

É possível verificar, diante da disposição da árvore, que as palavras “problema”, “amigo” e “influência” assumem papel de centralidade, organizando as comunidades ao seu entorno (Figura 19). Ligadas fortemente ao termo “influência” estão os termos “experimentar” e

“curiosidade”, que exprimem uma necessidade da fase de desenvolvimento dos participantes e do esperado diante do desconhecido. Em outras palavras, os amigos e as companhias podem influenciar para sanar a curiosidade da experimentação.

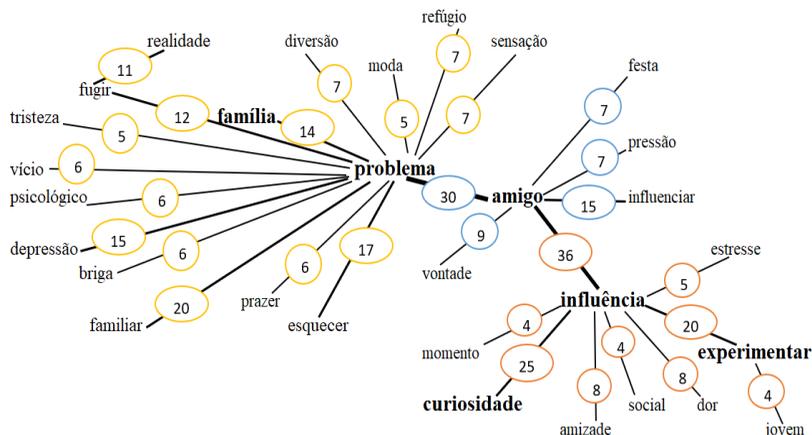


Figura 19 - Análise de similitude *corpus* “O que leva alguém a usar drogas”
Fonte: elaborada pela autora (2019).

A palavra “problema” organiza uma comunidade que parece trazer de modo amplo dois aspectos representacionais, um deles são os tipos de problemas ocasionados pelo uso das drogas e o outro traz aspectos positivos, como o uso para esquecer os problemas, para se divertir, enturmar-se, a sensação de prazer trazida pelo uso etc.

5.7 ANÁLISE CLASSIFICAÇÃO HIERÁRQUICA DESCENDENTE - “POR QUE EXPERIMENTOU”

A partir das transcrições das respostas elaboradas para a pergunta, “Se você experimentou algum tipo de droga, quais foram os motivos?”, foi constituído um *corpus* que também foi submetido à CHD. Este *corpus* foi composto por 174 textos, o *software* desmembrou o *corpus* em 178 segmentos de textos (ST) e aproveitou 169 ST do segmento de texto, o que representou uma retenção de 94,94% do total.

O dendrograma (Figura 20) elenca as palavras com frequência acima da média e $\chi^2 \geq 5,33$ com $gl = 1$ e $p < 0,001$, havendo, portanto, uma indicação de que a confiabilidade da associação das palavras entre as classes é superior a 95%, ou seja, as palavras com o menor valor

ficaram com $p < 0,001$ e o maior valor ficando em $p = 0,04$, evidenciando, assim, uma forte ligação entre as classes geradas.

O tratamento da CHD gerou 3 classes, sendo que a primeira partição do *corpus*, a classe 3 (33,73%), diferenciou-se do restante do material textual. Na segunda partição, as classes 1 (40,24%) e 2 (22,04%) diferenciaram-se entre si. Na Figura 20 podem ser observadas as palavras mais significativas, a frequência de cada uma das palavra na classe, seguidas do χ^2 .

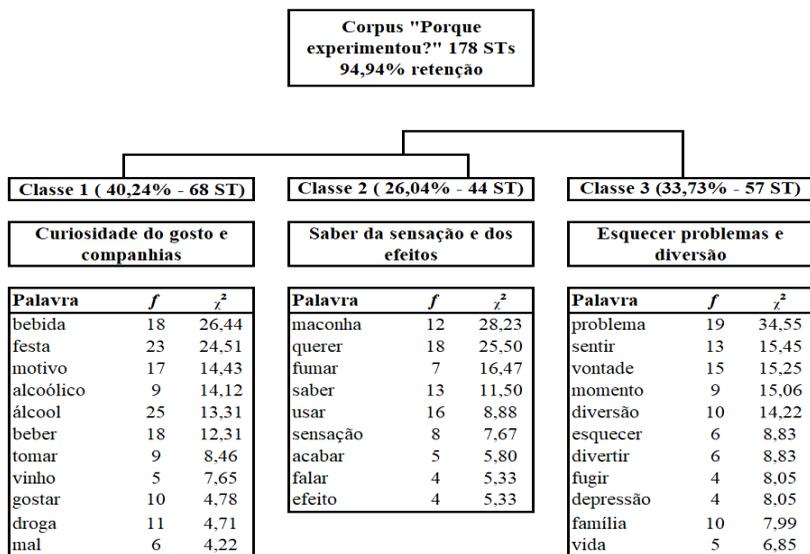


Figura 20 - Dendrograma da CHD do *corpus* "Por que experimentou?"

Fonte: elaborada pela autora (2019).

A classe 3 foi a que sofreu a primeira partição, separando-se do restante do *corpus* e, portanto, está mais diferenciada das demais, estando mais associada à classe "participantes do sexo masculino e com experiência de consumo". Esta classe traz a ideia de que os motivos para a experimentação são mais relacionados com ao fato de quererem esquecer de seus problemas e em menor proporção, mas também aparece como uma justificativa para a diversão. Ilustra-se o seu conteúdo pelas justificativas a seguir: "pressão psicológica, problemas em casa, tudo se acumulando, acho que em parte foi isso, talvez a vontade a sensação também ajudaram, mas em grande parte é mais a pressão psicológica mesmo, uma forma de esquecer os problemas"; "foi simplesmente para me desligar do mundo e dos problemas"; "queria procurar algo que

puдesse me distrair dos meus problemas familiares, ou atэ comigo mesmo, e era algo que me distraia e me tirava desse mundo, me sentia muito triste e procurava meios para me sentir mais alegre ou nem saber o que estava fazendo”; “em festas, porque era algo que estava me satisfazendo no momento, estava me fazendo esquecer os problemas”; e “já experimentei e usei várias vezes drogas, não usei porque sou viciada, mas sim por diversão, por querer sentir outros tipos de coisas enquanto estou me divertindo”.

A classe 1 dividiu-se da classe 2 e, portanto, elas estão mais próximas semanticamente. Esta classe tem mais associaao com os participantes do sexo feminino e participantes que não tiveram experiência de consumo. As justificativas dos participantes para a experimentaao estão na curiosidade de saber qual é o gosto das substâncias e na influência das companhias. O conteúdo destas ideias podem ser ilustradas a partir das seguintes justificativas: “gostava de experimentar os sabores de diferentes bebidas”; “eu experimentei porque é coisa da idade, a pessoa vai crescendo e quer conhecer o mundo e tudo nele... eu estava em uma festa com a minha namorada”; “apenas já experimentei bebida alcoólica para saber qual era o gosto, pois todos ao meu redor já haviam provado”; e “já experimentei porque tinha curiosidade em saber se era bom ou não”.

A classe 2 está mais próxima semanticamente da classe 1, está mais associada aos participantes com experiência de consumo e, de modo geral, traz uma ideia central do desejo e curiosidade de se saber sobre as sensaoes e os efeitos causados pelas drogas. Estas ideias podem ser verificadas a partir dos seguintes trechos: “a maconha para experimentar e ver a sensaao”; “eu fumei e experimentei por curiosidade própria eu queria saber qual era a sensaao”, “queria so experimentar para saber o gosto a sensaao e os efeitos que iria causar em mim, mesmo sabendo o que poderia acontecer”; “o álcool foi somente por vontade de saber como é, qual a sensaao, qual o gosto e acabei gostando; a cocaína foi por influência de outras pessoas que insistiram para que eu provasse e eu acabei caindo na tentaao”; “usei para ver qual é o resultado e quais as mudanças, querendo saber o efeito delas”; e “para provar e sentir os efeitos que poderia causar em mim, mas não usei uma grande quantidade”.

5.7.1 Análise similitude *corpus* “Por que experimentou”

Esta análise de similitude, referente ao *corpus* “Por que experimentou”, partiu de 305 evocaoes ao todo e, após a seleao, foram

analisadas 20 palavras em suas coocorrências com frequência mínima igual a 15.

A Figura 21 apresenta a árvore de similitude do *corpus* “Por que experimentou”. A partir desta figura é possível observar que, nesta análise, os elementos “festa”, “amigo” e “álcool” aparecem como organizadores. A ligação mais forte é observada entre as palavras “festa” e “álcool”, com coocorrência de 13 vezes. Destaca-se, ainda, a forte coocorrência entre as palavras “amigo” e “influência”, ligando-se 12 vezes.

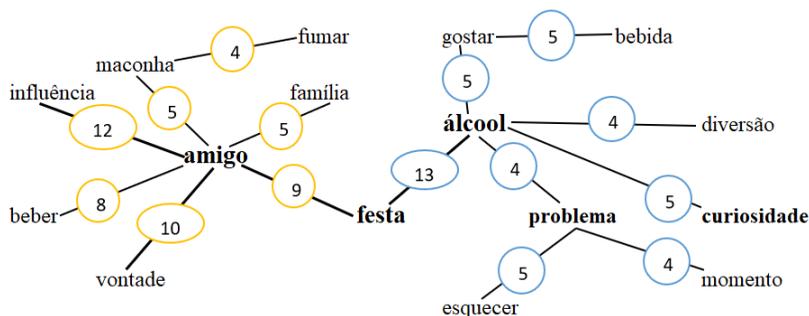


Figura 21 - Análise de similitude *corpus* “Por que experimentou”

Fonte: elaborada pela autora (2019).

As representações parecem estar associadas à influência de amigos para a experimentação, à curiosidade de saber qual é a sensação e à vontade própria diante de determinadas situações, como em uma festa para se divertir e enturmar-se, ou diante de algum tipo de problema, visto que há uma forte representação neste sentido de as drogas serem percebidas com potencial de alívio, fuga da realidade, uma maneira mais fácil de lidar com os problemas e as sensações causadas por eles. Assim, denota-se que estas representações assumem uma característica positiva e que estes aspectos também apareceram em outras análises, no entanto, parecem ser aspectos representacionais ainda velados.

6 DISCUSSÃO

Por meio de um estudo comparativo e descritivo de levantamento de dados, objetivou-se, com o presente estudo, investigar as representações sociais elaboradas por estudantes adolescentes acerca das drogas. A fim de alcançar o objetivo proposto e organizar a discussão dos dados deste estudo, esta seção será apresentada em subdivisões. Inicialmente, será apresentada uma caracterização do grupo de participantes, em termos de conhecimento, experimentação e idade de experimentação das drogas. Em seguida serão descritos: os conteúdos e a estrutura das representações sociais sobre as drogas de estudantes adolescentes; comparar, quanto ao sexo dos participantes, as representações sociais de estudantes adolescentes acerca as drogas; e verificar a existência de diferenças e/ou semelhanças nas representações sociais das drogas entre estudantes de dois grupos distintos: grupo de estudantes adolescentes com experiência de consumo de algum tipo de droga e estudantes adolescentes sem experiência de consumo; e, por fim, verificar em que os adolescentes ancoram e objetificam as suas representações acerca do objeto estudado. Destarte, as seções subsequentes referem-se à discussão desses objetivos, a fim de contemplá-los a partir dos dados obtidos na pesquisa, à luz do cabedal teórico em que são embasadas as representações sociais.

6.1 CONHECIMENTO, EXPERIMENTAÇÃO E IDADE DE EXPERIMENTAÇÃO DAS DROGAS

A grande maioria dos participantes deste estudo (96,2%) referenciou conhecer alguém que faz uso de algum tipo de substância, sendo que, destes, 75% afirmaram ter algum familiar que faz uso, assim, trazem indícios de convivência ou, ao menos, proximidade com alguém que faz uso. Diante disso, cabe mencionar que o estudo de Silva e Padilha (2013) mostra que a convivência com um familiar que faz uso de substâncias propicia aos adolescentes a aprendizagem do uso, principalmente quando se deparam com problemas que induziram este familiar ao uso. No entanto, o uso de substâncias não pode ser visto como decorrência de um fator unicausal, mas como resultado da combinação de vários elementos, perpassando pelos fatores genéticos, psicológicos, familiares, socioeconômicos e culturais (Martini & Furegato, 2008).

Quando questionados sobre o uso de substâncias, 51,9% dos adolescentes participantes deste estudo afirmaram, em um primeiro momento, já terem experimentado algum tipo de droga, e 48,1% negaram

essa experiência. Foi encontrada, no entanto, uma incongruência quanto a essa assertiva, pois em questionamentos subsequentes do instrumento verificou-se que, principalmente em relação à substância álcool, os dados para a experimentação encontrados passam para 74,4%, ou seja, são muito mais expressivos do que os inicialmente declarados. Aventou-se possíveis explicações para a diferença encontrada nos dados, dentre as possibilidades, a que parece melhor explicar é o não reconhecimento do álcool como uma droga por parte dos adolescentes, o que pode ser por falta de informação atrelada ao fato de ser o álcool uma droga lícita. Sobre isso, Vargas, Bittencourt, Rocha e Oliveira (2013) afirmam que, por serem consideradas drogas lícitas, o uso de álcool e tabaco é mais frequente, naturalizado e perde seu status social negativo, sendo assim permitido pela sociedade e, muitas vezes, incentivado pela mídia. Ademais, por ser consumida por vários povos e culturas diferentes, fazendo parte de inúmeras festividades e relações sociais, a bebida alcoólica adquiriu alguns significados positivos na população mundial, pois, por meio de sensações, como as de relaxar e de se divertir, o indivíduo abstrai a ideia de “bom” no consumo do álcool (Maciel, Oliveira, & Melo, 2012; Silva & Padilha, 2013).

No que se refere às substâncias de modo geral, não foram encontrados pontos discrepantes; e quanto à média de idade para a experimentação de cada droga especificamente, verificou-se que o sexo feminino apresenta menores médias quanto ao álcool, tabaco e drogas sintéticas (ecstasy e LSD), enquanto que as outras drogas são experimentadas mais precocemente pelos participantes do sexo masculino, considerando-se ainda que drogas como a cocaína e o crack na amostra estudada, não aparecem com apontamento de experimentação pelo sexo feminino. Os índices encontrados são bastante sutis, considerando que, de acordo com a Organização Mundial de Saúde, cerca de 10% da população dos centros urbanos de todo o mundo faz uso abusivo de alguma substância psicoativa independente de sexo, idade, nível social e de instrução (OMS, 2001).

6.2 CONTEÚDO E ESTRUTURA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE AS DROGAS

Antes de discutir as RS nos subgrupos do estudo, considera-se importante caracterizar as RS sobre as drogas apresentadas por todo o grupo de participantes. As RS serão apresentadas a partir do teste de evocações e conteúdo construído pelos participantes acerca das drogas diante dos questionamentos abertos do instrumento aplicado. Este

material também será utilizado com o intuito de identificar as ancoragens e objetivações dessas representações. Os questionamentos do instrumento foram criados pela pesquisadora e dizem respeito às drogas. Apresentar-se-á a estrutura e o conteúdo das RS revelados a partir da análise do material coletado. Destaca-se a relevância do estudo do fenômeno das drogas à luz da teoria das representações sociais, na medida em que esta é capaz de compreender os fenômenos para além da dimensão individual e psicológica, auxiliando no processo de esclarecer os conhecimentos partilhados e valorizados socialmente (Jodelet, 1994). Ademais, a teoria proposta por Moscovici (2015) revela sua importância na análise de aspectos psicossocioculturais que permeiam o processo saúde/doença, bem como pelos atos de comunicação social e fenômenos coletivos que contribuem para a formação de condutas e de normas que regem o pensamento social.

A análise da estrutura das representações foi efetuada em dois níveis. O primeiro nível foi baseado no cruzamento das frequências de ocorrência dos conceitos associados ao objeto “drogas” com a sua ordem de evocação, o que permitiu determinar os elementos mais compartilhados do núcleo central e do sistema periférico, de forma livre e espontânea. Estes foram confirmados ou não no nível seguinte, a partir da importância que essas evocações possuem para o indivíduo em termos das representações. Desse modo, o primeiro nível representa a disponibilidade da informação na mente dos participantes e o segundo representa o processamento controlado das informações relativas ao objeto das drogas.

A partir do teste de evocações livres, verificou-se que o termo “vício” apresentou-se como o principal organizador da RS sobre as drogas, pois este elemento apareceu com frequência elevada, tanto na primeira evocação (*rang* 1), sendo ativada prontamente 53 vezes, como também apresentou, por meio da análise multivariada, onde consideramos apenas a frequência independentemente da posição em que uma palavra foi lembrada, uma frequência de 103 evocações, ou seja, além de seu destaque pela alta frequência, o termo se destaca das demais palavras por aparecer mais da metade das vezes em primeiro lugar na ordem de evocações. Seguidamente, outros elementos mostram-se com expressividade, como o elemento “morte”, com 86 evocações, “maconha” com 73 evocações, “tráfico” com 41 evocações e “doença” com 38 evocações, no entanto, o elemento “vício” evidencia sua centralidade a partir da análise de similitude, onde a árvore que representa as coocorrências ilustra claramente o papel central do elemento “vício” como principal organizador da representação social das drogas,

estruturando comunidades e apresentando forte conexão com as palavras “morte” e “maconha”, que organizam outras comunidades ao seu entorno (Figura 3). Os demais elementos evocados pelos participantes se ligam a algum destes três elementos que organizam em torno de si as comunidades que são ordenadas pelo termo “vício”, o qual atribui sentido aos demais elementos das RS, além de conferir estabilidade às RS (Abric, 2003). A centralidade do elemento “vício” confere às RS das drogas um caráter de causalidade, consequência, no sentido de que as drogas são percebidas como algo negativo e que, se usadas, causam severos danos, podendo levar à morte, sendo que esta morte tanto pode ser física quanto pode ter um sentido subjetivo, dando às drogas um caráter de aniquilamento dos componentes que compõe as diversas esferas da vida. Como no estudo de Santos *et al.* (2012), a forte associação entre as drogas e morte está antes vinculada à dependência/vício. Por meio desta noção organizadora, desdobram-se os elementos periféricos das RS, os quais apresentam as nuances das representações, sendo elas de ordem subjetivas ou objetivas, atreladas tanto aos aspectos mais individuais como também ao convívio social.

Quanto aos dados encontrados na análise prototípica proposta por Verges *et al.* (2002), localizados no primeiro quadrante, com possibilidade de serem elementos do núcleo central por suas frequências elevadas e baixa ordem média de evocação, encontram-se os elementos “tráfico”, “destruição”, “ruim”, “violência”, “maconha” e “álcool”, os quais indicam consequências malélicas e progressivas ao uso de drogas, assim, o uso de substâncias que causam dependência é algo ruim que traz graves consequências, como a violência e a destruição, podendo chegar a extremos para conseguir as substâncias, como o tráfico. Para além disso, estes termos podem ainda ser apontados como responsáveis pelas perdas afetivas, familiares e materiais, noções ancoradas a partir do elemento “vício”. Estes termos, enquanto elementos unificadores e estabilizadores das representações sociais das drogas, exprimem o caráter negativo atribuído a este objeto representacional. Conforme Abric (1993), os elementos do núcleo central são determinados pelas condições históricas e ideológicas, e são também responsáveis pela continuidade, consistência e permanência da representação.

Outro elemento com possibilidade de ser central é o elemento “remédios”, o qual explicita outra dimensão das RS das drogas, com um caráter positivo, também expressa em outras análises. Esta dimensão é mais associada a uma função social das drogas, de modo que este elemento ultrapassa a ideia de medicamentos socialmente aceitos e

conhecidos, tratando-se da atribuição da ação medicinal de algumas drogas, mais precisamente a maconha.

No quadrante superior direito encontram-se os elementos evocados que indicam ser elementos do sistema periférico com alto grau de ativação. Estes elementos do sistema periférico são responsáveis pela concretização do sistema central, no que se refere a tomadas de posição e de condutas; orientam, assim, as práticas dos usuários do presente estudo (Abric, 2001). Desse modo, desdobram a conotação negativa dos elementos do núcleo central da representação social das drogas. São os elementos: “morte”, “doença”, “cocaína”, “crack”, “tristeza”, “família”, “cigarro”, “depressão”, “ilícitas”, “saúde”, “roubo”, “solidão” e “problemas”. Observa-se que estes termos remetem aos elementos potenciais do núcleo, trazendo sentidos e características predominantemente negativas, ou seja, aspectos que são os desdobramentos do vício, que levam à morte e acarretam em doenças e problemas de saúde e com a família, quando o uso é de substâncias como o crack e a cocaína. Além disso, extrapolando as questões de ordem individual, aparece um indicativo que chama a atenção para questões de ordem social que se materializa na palavra “roubo”. Tais elementos objetivam e tornam pragmáticas as normas e valores presentes no núcleo da RS.

Enquanto os elementos centrais em geral são mais abstratos e possuem natureza normativa, os elementos periféricos referem-se a scripts de práticas concretas, de natureza mais funcional, que descrevem e determinam ações (Abric, 2003; Flament, 2001), configurando assim a RS como um todo. Os elementos mais concretos são característicos da periferia e, ao estarem ligados aos elementos centrais, permitem que as representações sociais sejam um guia prático de leitura para a realidade, relacionando-se com eventos do cotidiano dos atores sociais (Campos, 2003). Deste modo, pode-se verificar que a partir das quais decorrem outras normas mais abstratas e, então, noções mais concretas, RS das drogas se estabelecem predominantemente por meio das consequências negativas atribuídas a este objeto a relativas à estrutura das drogas, sua interação com o meio e as consequências que isso pode trazer ao indivíduo.

As drogas constituem elementos que favorecem a reflexão acerca da construção social de uma problemática que atravessa tempo, espaços, culturas e gerações, estabelecendo uma memória social que vem carregada de compreensões e concepções ideológicas dominantes essenciais para a sua difusão e construção de representações sociais. As substâncias psicoativas, popularmente conhecidas como drogas, fazem-se

presentes no mundo e alimentam compreensões diversas acerca de seus efeitos no indivíduo e na sociedade, ou seja, evidenciam seu caráter de ação orgânico, psicológico e também sua importância social para os indivíduos (Soares-Filho, 2017).

Nesse sentido, em relação aos estudos das RS, Wagner (1994) propõe dois níveis de avaliação fundamentais no estudo, sendo eles: o nível individual e o nível social. O nível individual envolve os fenômenos de domínio subjetivo, referentes a percepções, atitudes ou crenças, isto é, características do indivíduo, e que, em certa medida, revelam as RS de determinado grupo social. O nível social, por sua vez, avalia as crenças e variáveis que refletem as características das sociedades, das culturas e dos grupos diretamente. Neste estudo busca-se abarcar ambos os níveis, no intento de elucidar os aspectos presentes neste balanço entre o social, para tanto, lança-se um olhar atento também para elementos que aparecem timidamente ou ainda não aparecem; ademais, aquelas RS que aparecem como de subgrupos ou como individuais podem ser indicativos de elementos velados. Sobre isso a abordagem estrutural trouxe contribuições com a ideia de zonas mudas das RS (Abric, 2003). A zona muda é componente das RS que faz parte da consciência e é reconhecida pelos indivíduos, no entanto, não pode ser expressa, uma vez que é composta por elementos contra - normativos. Possivelmente, mostra um posicionamento velado e é determinada essencialmente pela situação social na qual a RS é produzida (Abric, 2005). Contudo, Almeida (2009) declara a possibilidade de os estudos de RS conectarem o individual ao coletivo, buscarem uma articulação de explicações de ordem individual com explicações de ordem social, demonstrando que os processos de que os indivíduos se utilizam para funcionar em sociedade são também orientados por dinâmicas sociais, desta forma, evidencia-se que nem todos os processos podem ser explicitados em todas as situações.

No que diz respeito à tarefa de elencar as duas palavras mais importantes das evocações, evidenciou-se, no teste de frequência multivariada (Tabela 10), que os elementos seguem o mesmo fluxo das análises anteriores, com as maiores frequências atribuídas aos termos “vício” e “morte”. No entanto, a ocorrência de termos como “influência”, “amigos”, “remédios” e “festa” notadamente declara que, considerando que esta tarefa pode ser mais refletida, isso pode ser um indicativo de que, para este grupo, as drogas não tenham apenas um sentido negativo, mas também elementos que indicam aspectos positivos.

Na zona do núcleo, a palavra “vício” continua como elemento central, no entanto, os demais elementos apontam, não apenas para as consequências para o uso, mas também os motivos para a

experimentação. Quanto à similitude, a estrutura das RS se centra, como em outras análises, nas palavras “morte” e “vício”, com significativa coocorrência (13 vezes). Nesta estrutura, a palavra “tráfico” aparece como um conector entre as palavras “maconha” e “vício”. O que pode estar indicando que este é o meio pelo qual se tem acesso às drogas que causam o vício e acarretam em desdobramentos negativos.

Quanto ao *corpus* “Justificativa”, as classes apresentam ideias, como os tipos de drogas e onde elas são encontradas, consumidas e as consequências para o uso, em relação à saúde, a destruição familiar e laços afetivos, ademais, são novamente trazidos, nesta análise, aspectos relativos aos motivos para o uso, assim como as dificuldades de interromper o uso dessas substâncias. Na análise de similitude deste *corpus* obteve-se resultados que apenas ratificaram os demais. De modo geral, as ideias mais abrangentes para este teste trouxe um viés que consiste em uma visão mais positiva, no uso para diversão em festas e na companhia de amigos, ao passo que isso também diz sobre a influência dos amigos para o uso. Ideias como fuga da realidade e dos problemas também podem ser vistas sob este carácter para os adolescentes, ainda que a maior força apareça no fato de que o uso e o vício levem à morte.

A CHD referente ao *corpus* “O que pensa sobre as drogas” evidenciou três contextos lexicais (Nascimento-Schulze & Camargo, 2000), indicando as três principais manifestações dos participantes em relação às drogas. O maior deles indica a percepção das drogas em polaridades de bom e ruim, aspectos positivos e aspectos negativos. Os aspectos negativos das drogas referem-se aos malefícios causados à saúde, tanto em aspectos biológicos quanto psicológicos. Já os aspectos positivos aparecem sob as formas de prazer, diversão e principalmente sob o prisma dos medicamentos e efeitos medicinais de algumas drogas.

Em outro contexto, há a referência ao fato de as drogas oferecem diversos perigos, de maneira que, se a pessoa começar a utilizar se viciará e tomará um caminho, percebido por este grupo de participantes, como um caminho sem volta. Ao encontro desse contexto, Silva e Padilha (2013) afirmam que uma das características dos adolescentes consiste na percepção de que nada de mal lhes acontecerá e de que são capazes de controlar todas as situações. Esse aspecto acarreta uma menor percepção do risco e pode aumentar o uso de drogas. Dessa forma, ainda que as sensações obtidas durante o efeito de drogas no organismo sejam prazerosas, a busca por novas e intensas sensações pode tornar o jovem um dependente químico. O terceiro contexto revela as drogas como algo ruim e demonstra haver uma forte relação com as perdas que o uso de

drogas pode acarretar, com as dificuldades e perdas das relações afetivas, principalmente a destruição e/ou a ruptura de vínculos familiares.

A análise de similitude confirma, em partes os resultados encontrados na CHD referente a este *corpus*, destacando-se a forte coocorrência das palavras “família” e “destruir”, de modo que “destruir” possui também significativa coocorrência com a palavra “ruim”. Observa-se mais claramente a indicação para as consequências negativas nas relações familiares. Infere-se, assim, que o sentido da conexão entre as palavras possa ir ao encontro dos resultados obtidos por Araújo, Oliveira, Rodrigues e Souza (2012): a relação entre “família” e “drogas” traz duas ideias associadas, de modo que ora a família é vista como vítima do uso problemático das drogas por algum integrante da família e ora é indicada como algoz pelo envolvimento de alguém com as drogas. Assim, de qualquer modo, a família está inserida e sofre as consequências quando o consumo é abusivo.

A análise da CHD referente ao *corpus* “O que leva alguém a usar drogas” indica as razões pelas quais os sujeitos da pesquisa consideram que o uso de drogas se inicia. Os resultados apresentaram três contextos lexicais e o maior deles, representando praticamente metade da amostra, refere-se ao desejo de querer ser aceito e integrar-se nos grupos, o papel importante das influências de amigos para estes comportamentos e, ainda, outro aspecto relevante é a curiosidade de experimentar. Observa-se que, dentre as justificativas elencadas, duas delas estão relacionadas ao convívio social e também à pressão social imposta para integrar e ser aceito em grupos, enquanto que um terceiro fator, a curiosidade de experimentar, é algo individual que, apesar das influências ambientais, é particular do indivíduo.

Outra classe, que se apresenta bastante relacionada com a primeira, aponta também para as influências, no entanto, a justificativa que apresenta demonstra um caráter mais negativo em relação às influências, pois vem acompanhada de “más companhias”. Outro aspecto refere-se à vontade deliberada de experimentar, que, de outra forma, corresponde à curiosidade expressa, apesar de trazer ainda mais a noção de responsabilidade para o indivíduo. No terceiro contexto, os pesquisados consideram que a experimentação ocorre por carência de informações a respeito do assunto e, também, como uma forma de se refugiar para esquecer os problemas.

Observa-se que o primeiro e o segundo contexto apresentam semelhanças, sendo que “influências de amigos” e “influência de más companhias” apresentam, em comum, a influência grupal como fator que corrobora para a experimentação. A “curiosidade de experimentar”,

presente no primeiro contexto, e a “vontade deliberada”, presente no segundo, também apresentam semelhanças, partindo-se da ideia de que a experimentação ocorre por ação que parte de desejo do próprio indivíduo que experimenta. Ao encontro dos dados obtidos, Silva e Padilha (2013) afirmam que os sujeitos de sua pesquisa, ao serem indagados a respeito da motivação para alguém se aproximar da bebida alcoólica, relatam problemas de caráter familiar ou social. Deste modo, nos trechos de relatos citados dos participantes há a atribuição da experimentação a fatores tais como a fuga de problemas, a influência social e a busca por prazer. Neste sentido, a “vontade deliberada” refere-se à busca por prazer.

A análise de similitude demonstra dois grandes vieses a partir das palavras “problema”, “amigo” e “influência”, estes elementos apresentam duas ideias principais das RS, os principais fatores que os participantes da pesquisa elencaram como causadores do uso. O primeiro traz como referência o elemento problema, que se conecta às questões familiares, à fuga da realidade, ao esquecimento das dificuldades e ao sentimento de tristeza, ou seja, um refúgio capaz de curar coisas negativas. O outro refere-se às ideias de que a vontade de experimentar, influenciada pelos amigos, está atrelada ao sentir-se bem nos ambientes de convivência, a busca pela diversão e sensações de prazer.

De acordo com Souza (2017), o reconhecimento, por participantes de outras pesquisas, das sensações positivas e do prazer como motivador do consumo de diferentes drogas vai ao encontro da hipótese de que o prazer gerado pelo consumo de drogas consiste em uma dimensão do objeto que é socialmente reconhecida e consensual. A ilegitimidade, entretanto, atribuída ao consumo de drogas para fins hedonistas, provoca tomadas de posição que não são consensuais. Deste modo, reconhecer o prazer como constituindo o objeto não implica, necessariamente, a adesão a atitudes positivas. Nesse sentido, há a associação que alguns indivíduos fazem entre o prazer e o desenvolvimento da dependência.

A análise referente ao *corpus* “Por que experimentou” representa os motivos que levaram os sujeitos da pesquisa, que já fizeram uso de drogas, a terem experimentado pela primeira vez algum tipo de droga. No primeiro contexto, os motivos elencados para que tenha ocorrido a experimentação consistem na vontade de esquecer seus problemas e, também, porém em menor proporção, há a justificativa do uso com propósito de diversão. No segundo contexto, há uma ideia central de desejo e curiosidade de saber sobre as sensações e os efeitos causados pelas drogas. Por fim, no último contexto, as justificativas dos participantes para a experimentação residem na curiosidade de saber qual é o gosto das substâncias, bem como na influência das companhias.

Observa-se, a partir das palavras centrais, que nas representações, dentre os sujeitos que já fizeram uso, as razões para o primeiro uso ter ocorrido foram associadas à influência de amigos, à curiosidade de saber qual é a sensação e à vontade de experimentar diante de determinadas situações, como uma festa, na busca em se divertir e fazer parte do círculo ou diante de algum tipo de problema, visto que há uma forte representação neste sentido de as drogas serem percebidas com potencial de alívio, fuga da realidade, uma maneira mais fácil de lidar com os problemas e as sensações causadas por eles, expressam, assim, um caráter positivo.

6.3 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES ADOLESCENTES ACERCA DAS DROGAS QUANTO AO SEXO DOS PARTICIPANTES

No presente estudo, a variável sexo foi a variável de delineamento que menos teve efeito nas RS. Apesar de amostra ter maior proporção de participantes do sexo feminino, aproximadamente 12% maior, observou-se algumas diferenças nas representações das drogas entre os participantes do sexo masculino e feminino, as quais serão apresentadas e discutidas.

Dentre as semelhanças entre os subgrupos “sexo masculino” e “sexo feminino”, encontra-se a ordem de frequência entre as evocações livres em que ambos apresentaram o elemento “vício” com a maior frequência e, com a segunda maior frequência, o elemento “morte”. Em relação à análise multivariada, observou-se que há um equilíbrio quanto à frequência de evocações entre os sexos, no entanto, algumas palavras, principalmente as que nomeiam as drogas, foram mais evocadas pelo sexo masculino, assim como houve um destaque para os elementos “tráfico” e “cadeia”, que aparecem com maiores evocações neste grupo (Tabela 9).

Quanto à análise prototípica do sexo masculino, com possibilidade de pertencer ao núcleo central aparece o elemento “vício”, com maior índice, e também cercado de elementos que são tipos de drogas, seguido pelo elemento “tráfico”. No segundo quadrante aparecem elementos que parecem estar relacionados às consequências do vício e ao uso de substâncias, como “morte”, “problemas familiares” e “doenças”. Quanto ao sexo feminino, há uma estrutura parecida à do sexo masculino, evidenciando, na zona do núcleo, as palavras “vício” e tipos de drogas, no entanto, destaca-se a presença do elemento “morte”, que na análise do sexo masculino aparece na periferia. Com exceção do elemento “morte”, a periferia deste grupo, é bastante similar à do sexo masculino, pois apresentam palavras que parecem ter relação com as consequências do

“vício”, como, por exemplo, as palavras “doença”, “tristeza” e “destruição”, seguidas de outras drogas. Observa-se que, para ambos os grupos, as representações são de caráter negativo, fazendo com que eles se assemelham neste sentido.

A análise de similitude do subgrupo sexo masculino apresenta as palavras “morte”, “vício” e “maconha” como elementos das RS para este grupo, como organizadoras da configuração da árvore, com destaque para o elemento “morte”, que assume papel central. A ligação mais consistente ocorre entre os termos “morte” e “vício”, de modo que a coocorrência é de 13 vezes. Observa-se que a associação entre as palavras “morte” e “vício” é forte para os indivíduos do sexo masculino. Da mesma forma, para o grupo do sexo feminino pode-se compreender que sua estrutura é formada a partir dos termos “vício” e “morte”, coocorrendo 32 vezes (Figura 11). Assim, verifica-se que os dois grupos compartilham de uma estrutura semelhante em relação às palavras centrais e organizadoras das RS, no entanto, o grupo feminino se diferencia no que tange a palavra “morte” no núcleo central, que significa a consequência mais grave do elemento vício.

Por meio da análise por contraste, identificou-se que a ideia geral dos participantes do sexo masculino refere-se ao consumo e à legalidade das drogas, ponderando-se benefícios e malefícios, principalmente da maconha, caracterizando os malefícios como advindos do excesso de consumo da droga e não apenas de seu consumo, que, segundo eles, poderia ser controlado. Este aspecto indica que não são as drogas que fazem mal, mas a forma como elas são utilizadas, ademais, eles percebem a maconha como uma erva medicinal e que, portanto, deveria ser legalizada.

Já os participantes do sexo feminino se diferenciam ao revelarem uma ideia geral relacionada ao medo das drogas, de experimentá-las, viciarem-se e, assim, não conseguirem parar, acarretando consequências graves para sua saúde e para a vida como um todo. Para este grupo, a percepção das drogas é integralmente negativa, sendo vistas como prejudiciais à saúde e à família, e com alto potencial de vício. Verifica-se, assim, que os subgrupos diferem, de modo que os do sexo masculino indicam ideias políticas e são mais flexíveis quanto ao uso, já que as drogas não fariam mal, se usadas com moderação. O subgrupo do sexo feminino mostra-se mais focado em prejuízos à saúde e à família, sendo mais rígido e afirmando que qualquer experimentação levaria ao vício.

Observa-se, ao comparar esses últimos dados que diferenciam os subgrupos, que eles vão ao encontro dos dados obtidos no estudo de Giacomozzi (2011). A autora, em seu trabalho, observou uma

significativa diferenciação nas representações do álcool e outras drogas entre homens e de mulheres. Para os homens, há uma associação com prazer, sexo e desespero, sendo que para as mulheres há a noção do arrependimento diante das lembranças e a preocupação com as consequências para a família. Deste modo, os estudos convergem nos aspectos que revelam a ponderação feminina em relação ao consumo, considerando aspectos negativos e uma tendência masculina a considerar também os aspectos positivos. Corroborando com tal ideia em relação às representações sociais das drogas para as mulheres, duas categorias emergiram como representação social da droga na pesquisa de Oliveira, Porcino, Rodrigues, Reale (2016) com mulheres: a destruição de laços afetivos e a morte.

6.4 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES ADOLESCENTES ACERCA DAS DROGAS QUANTO À EXPERIÊNCIA DE CONSUMO DOS PARTICIPANTES

De acordo com Sousa (2017), há marcadores na forma como cada sujeito se relaciona com as normas sociais e, como exemplo, há o grau de familiaridade e a implicação dos sujeitos com o campo (práticas de consumo, nível de informação sobre o tema), a idade, as pertencas grupais, entre outros aspectos. Desse modo, a experiência dos indivíduos e a forma como eles organizam as informações, sentidos e valores atrelados ao campo desempenha essencial função no modo como interpretam, comunicam-se com o outro e lidam com a normalização do uso de drogas. Desvela-se, desta forma, a relevância de se analisar as experiências de consumo dos participantes. Foram identificadas, a partir das análises realizadas, diferenças e semelhanças entre os grupos com e sem experiência de consumo, as quais serão agora melhor ilustradas para que se possa discuti-las.

Verificou-se que, para ambos os grupos, nas evocações sobre as drogas, o elemento “vício” sobressaiu-se com maior frequência, seguido por “morte”, “maconha”, “tráfico” e “doenças”. Desta maneira, foram identificadas semelhanças nas evocações, com ressalvas para algumas palavras, apresentadas a seguir com a sua frequência de evocação (a primeira indicação numeral se trata do subgrupo com experiência de consumo e a segunda é a referência ao subgrupo sem experiência de consumo). Desse modo, destacam-se as palavras “festa” (23 - 4); “álcool” (19 - 6); “remédios” (12 - 4); “válvula de escape” (11 - 5); “diversão” (12 - 2); “mau caminho” (3 - 10) e “crime” (3 - 8) por apresentarem mais discrepâncias. Observou-se, no destaque destas palavras, que há uma

tendência de os participantes com experiência de consumo evocarem com maior frequência termos com sentidos positivos, enquanto que os participantes sem experiência de consumo apresentam maior frequência nas evocações dos termos negativos.

Ao encontro dos dados obtidos, para Lopez-Quintero e Neumark (2010), os adolescentes com experiência de consumo possuem crenças e percepções de menos perigo e risco de vício para o uso de drogas e, provavelmente, este é um dos fatores que tenha precipitado a tomada de atitude para a experimentação, assim, este grupo tem menos preocupação com atitudes preventivas. Já os adolescentes sem experiência de consumo não percebem um distanciamento tão grande entre eles próprios e os outros indivíduos com uso problemático de drogas, caso eles façam experimentação, e, assim, são mais precavidos e calculam o nível de risco, evitando experimentar.

Comparando-se os dois subgrupos, quanto a análise prototípica, é possível verificar que as palavras “vício”, “maconha” e “dependência” aparecem igualmente na zona do núcleo nos dois grupos, no entanto, os outros elementos diferem. No grupo com experiência de consumo há presença do termo “remédios”, aludindo a um aspecto positivo no núcleo. Já no grupo sem experiência de consumo, o termo “morte”, presente na zona do núcleo, traz a ideia de RS das drogas com consequências severas e sem volta. É possível dizer que os dois grupos apresentam bastante similaridades, porém, apesar de ambos darem conotação negativa às RS das drogas, alguns aspectos diferem, no sentido de que o grupo com experiência de consumo traz elementos mais positivos, como é o caso do elemento “remédios” que parece estar ligado a uma ideia de cuidados, enquanto que o grupo sem experiência de consumo representa as drogas de forma mais negativa. Nesse sentido, Trigueiros (2014) afirma que o grupo de pares influencia na tomada de decisão de experimentação das drogas e fortalece o grupo que já experimentou, para que se possa explicar as sensações agradáveis obtidas com a experimentação e revelar uma percepção menos negativa e fatalista do consumo. Deste modo, eles compartilham suas experiências e desenvolvem uma tendência a minimizar os riscos da experimentação e considerá-la algo não tão grave ou reprovável, tal como é visto socialmente. Contudo, é necessário considerar a fase do desenvolvimento estudada, pois na adolescência os pares ocupam um papel extremamente importante.

Observou-se, entre os subgrupos com e sem experiência de consumo, uma estrutura bastante semelhante no que tange as palavras centrais e organizadoras das RS. Há, entretanto, uma divergência: o grupo sem experiência traz como elemento central a palavra “morte”,

diferentemente do grupo com experiência, que tem nesta posição o elemento “vício”.

As ideias centrais referentes às respostas dos participantes sem experimentação envolveram as consequências negativas do uso, para si, para a família e para a sociedade. Desse modo, há o entrelaçamento das ideias de “prejuízos” e de “caminho sem volta”, situando o uso de drogas como um vício que faz mal, traz problemas a todos e do qual é difícil de sair.

O subgrupo com experiência de consumo, em resposta à pergunta “O que pensa sobre drogas”, apresentou como ideia central a referência a um propósito ilusório com o uso, onde o indivíduo considera que irá escapar dos problemas. Desta forma, há o destaque para a ideia de fuga da realidade, alienação. Há, ainda, como ideia geral para esse subgrupo, o pensamento de que o uso deve ser feito de modo controlado, pois assim não acarretará danos, sendo que o perigo consiste no vício. Aliada a esta ideia, também, há a associação da maconha como sendo uma erva de uso medicinal, que pode trazer benefícios. Observa-se que há conexão entre a primeira e a segunda ideia, já que muitos afirmaram que seria possível um escape dos problemas por meio do uso, e que não haveria malefícios, caso o uso fosse moderado. Sobre tal questão, Ames, Sussman e Dent (1999) afirmam que os riscos associados ao consumo de substâncias não se relacionam apenas a crenças sobre a experimentação, mas também aos resultados obtidos com a experimentação, para aqueles que já experimentaram. Deste modo, os “mitos” associados às drogas, as atitudes relacionadas ao sentimento de injustiça e a busca de novas sensações impulsionam significativamente e aumentam a probabilidade de novo consumo e, por consequência, uma visão das drogas mais branda.

Considerando-se as análises realizadas neste estudo, constatou-se, por meio comparação entre os dados advindos dos subgrupos com e sem experiência, que as diferenças apresentadas são relevantes.

6.5 ANCORAGEM E OBJETIFICAÇÃO ACERCA DO OBJETO ESTUDADO - DROGAS

Moscovici (2009) afirma que as representações são constituídas a partir de dois processos sociocognitivos interdependentes: a objetificação e a ancoragem. A objetificação consiste em um processo que transforma um conceito em uma imagem ou em um núcleo figurativo, privilegiando certas informações do objeto em detrimento de outras, simplificando e dissociando-as do contexto original. Trata-se de concretizar aquilo que é da ordem do abstrato, a partir de determinadas características, ou seja,

selecionam-se alguns conteúdos do objeto provenientes das próprias dinâmicas grupais, a partir daquilo que é relevante aos contextos em que o objeto se insere. Já a ancoragem se caracteriza pela inserção do objeto em um sistema de pensamentos preexistentes, estabelecendo uma rede de significações em torno deste. Esse processo se inicia no momento em que o objeto é nomeado, isto é, quando ele é classificado linguisticamente e vinculado a outras categorias já conhecidas. Moscovici (2015) ainda chama a atenção para o fato de que o processo de transformar palavras não familiares, ideias ou seres, em palavras usuais, próximas e atuais não é simples ou fácil. É preciso, para que se dê a eles uma feição familiar, que sejam colocados em funcionamento os dois mecanismos de um processo de pensamento sustentado em memórias e em conclusões passadas.

De acordo com Sousa (2017), a droga pode ser entendida como uma categoria de ancoragem para diferentes substâncias, ao mesmo tempo em que essas últimas objetivam a própria noção de droga; é preciso, antes de tudo, considerar quais são os objetos assim classificados pelos participantes. Dentre os dados obtidos no estudo, observou-se que, embora 51,9% dos adolescentes participantes tenham afirmado já ter experimentado algum tipo de droga e 48,1% negarem essa experiência, 74,4% relataram haver consumido álcool. A incongruência observada pode ser analisada a partir de sua formação por meio de objetificação e ancoragem. Deste modo, para além de objetificar o álcool enquanto substância psicoativa, infere-se que ancoragem da droga ocorra, por vezes, perpassando questões políticas, como a licitude da substância; ponderando-se, assim, que é provável que o álcool não seja considerado droga por ser lícito.

A partir das análises realizadas neste estudo, foi possível constatar que as RS dos adolescentes acerca das drogas convergem para elementos principais: o “vício” e a “morte”. Considerando-se que a ancoragem, de acordo com Moscovici (2011), consiste em um mecanismo que busca reduzir ideias estranhas a categorias e a imagens comuns, de modo a inseri-las em um contexto familiar, infere-se que os aspectos referentes ao vício e à morte consistem em consequências negativas do consumo de drogas e, ao mesmo tempo, ancoram outros aspectos das RS. Pondera-se que a ancoragem em consequências tem fundamento no conhecimento científico, médico-jurídico, patológico e criminalizante que difundiu as consequências do consumo de drogas, relacionadas ao ciclo do vício e à fatalidade, e, nesse sentido, objetificam-se nas terminologias de cunho negativo e na própria nomenclatura de substâncias que se enquadram no sistema maior da categoria “das drogas”.

Outro aspecto que se revela neste trabalho é a forma como a maconha surge como objetificação, revelando, para além de uma questão política referente à legalidade da droga, seu atrelamento e ancoragem nas justificativas de seus efeitos medicinais e contribuições sociais para a saúde. Tal aspecto parece tornar menos tácitos outros aspectos relativos às drogas, evidenciando o “prazer” e a “diversão” como objetificações que se ancoram em aspectos, sensações e consequências positivas. Observa-se, ainda, que há aspectos das representações que remetem a fuga da realidade, das dificuldades e o alívio de sensações e emoções desagradáveis e difíceis de lidar que parecem ser objetificações que se ancoram na resolução fácil e imediata dos problemas. Ademais, o desejo de sentir-se incluso, ser aceito nos grupos sociais, além da vontade de experimentação e de sanar a curiosidade, são objetificações que estão ancoradas em situações resolutivas concernentes principalmente à fase da adolescência. Tais aspectos parecem evidenciar uma expansão para os efeitos positivos causados pelas substâncias e, possivelmente, trazendo à luz o movimento de transformação constante das RS; uma evidência que pode ser ferramenta útil na elaboração de políticas públicas que, respeitando as diversidades e os contextos específicos de um país como o Brasil, poderiam tornar-se efetivas.

Diante de uma conjuntura de experimentação mais precoce, observou-se que raras foram as menções a uma visão de aspectos positivos das substâncias encontradas na revisão integrativa realizada para colaborar com este trabalho. Encontrou-se apenas uma maioria de apontamentos para a criação de políticas públicas que pudessem dar conta do cenário atual e somente dois trabalhos que dão voz aos adolescentes. Desse modo, as possíveis objetificações e ancoragens aventadas aqui podem fornecer um norte para futuros trabalhos, para além de sugerirem políticas públicas, no sentido de como estas poderiam ser elaboradas, vislumbrando sua efetividade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação apresentada teve como objetivo investigar as representações sociais elaboradas por estudantes adolescentes acerca das drogas, à luz da Teoria das Representações Sociais. Ao abordar esta temática e investigar o processo de construção das RS das drogas, este trabalho pretendeu contribuir com pesquisas deste campo de conhecimento. Visto que o fenômeno do uso e abuso de drogas tem suscitado inúmeras discussões sobre a problemática, principalmente no que se refere às motivações que contribuem para o início do uso e o início de uso cada vez mais precoce, destaca-se, assim, que a utilização do referencial teórico das Representações Sociais de Moscovici, que propõe, de acordo com o exposto, que as RS são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, tendo como função a construção de uma realidade comum a um conjunto social, algo que poderia contribuir para investigar o fenômeno, identificando as construções das RS de adolescentes a respeito das drogas. A partir daí, buscou-se investigar, compreender e descrever os conteúdos, as estruturas e a organização das RS elaboradas por adolescentes sobre as drogas. Além disso, buscou-se comparar semelhanças e diferenças entre os sexos dos participantes e entre os subgrupos com e sem experiência de consumo, e ainda verificar em que os adolescentes ancoram e objetificam as suas representações acerca do objeto estudado.

Observou-se que, ao delinear alguns conhecimentos e o perfil da amostra a ser estudada, foram encontrados resultados que se mostraram incoerentes e contraditórios, principalmente no que se refere à experimentação e ao consumo de álcool, mais especificamente. Ponderou-se então hipóteses de que o álcool não fosse reconhecido como uma droga por parte dos adolescentes, e isso poderia ser devido ao fato de o álcool ser uma droga lícita, ou ainda, mesmo com todos os cuidados da pesquisa, certificando o anonimato e individualidade, os participantes podem ter encontrado dificuldades, medo de revelarem a verdade. Ou seja, destaca-se que os níveis relatados de experimentação e consumo de álcool, principalmente, poderão não corresponder à realidade, mas, para além de desconhecimento, medo ou a questão da licitude das drogas, outros fatores podem ter interferido e poderiam explicar melhor estes resultados, pois as respostas poderão ter sofrido a influência do fenômeno da desejabilidade social, que, conforme Almiro (2017), a teoria desenvolvida por Edwards em 1957 e Marlowe-Crowne em 1960/61 pode ser classicamente definida como uma tendência presente nos sujeitos para atribuírem a si próprios atitudes ou comportamentos com valores

socialmente desejáveis, e para rejeitarem em si mesmos a presença de atitudes ou comportamentos com valores socialmente indesejáveis, quando respondem aos questionários e geram enviesamento de respostas. Nesse sentido, em detrimento do contexto e/ou das características da personalidade (traços de personalidade), alguns indivíduos tendem a responder aos itens dos instrumentos de acordo com o que consideram ser o mais correto, adequado, aceitável ou desejável, a fim de satisfazerem a sua necessidade de aprovação social e/ou ainda a manifestarem comportamentos condizentes com as normas e os valores da cultura vigente. Assim, esta teoria, como a teoria da dissonância cognitiva de Festinger de 1957, ou ainda outras teorias de tomadas de decisão, poderiam explicar melhor os resultados encontrados. Ademais, é necessário considerar que, por mais que se tenha assegurado o anonimato e a confidencialidade dos dados, a coleta foi realizada em ambiente escolar.

Com relação aos testes de evocações que buscou contemplar a investigação das RS das drogas e a sua estrutura amparada na abordagem estrutural, encontrou-se como elemento central mais característico o elemento “vício”, que esteve presente em todos os testes e confere às RS das drogas um caráter negativo, convergindo com este outros elementos centrais que foram encontrados na periferia, elementos que denotam um ciclo de causalidades e consequências negativas. Desta forma, as RS das drogas são essencialmente negativas, com exceção do elemento “remédios”, que explicita outra dimensão das RS das drogas, associada a uma função social positiva delas. No entanto, este elemento ultrapassa a ideia de medicamentos socialmente aceitos e conhecidos, parecendo se tratar da atribuição da ação medicinal de drogas ilícitas, mais precisamente a maconha. Quanto a tarefa de elencar as duas palavras mais importantes das evocações, os elementos não diferem muito das análises anteriores, com as maiores frequências atribuídas aos termos “vício”, “morte” e “maconha”, novamente representações exprimindo caráter negativo, ainda que esta tarefa possa ser mais refletida do que a anterior.

As representações obtidas por meio das análises lexicais apresentaram aspectos que sugerem maior abrangência, ou seja, mais variáveis foram evidenciadas, declarando aspectos que podem ser reconhecidos como negativos, mas, sob algumas perspectivas, também como positivos em algumas análises. As justificativas da escolha das duas palavras mais importantes da evocação apresentaram ideias de dificuldades para interromper o uso dessas substâncias, aspectos relacionados ao vício, mas também consequências para o uso no que tange a saúde, a destruição familiar e dos laços afetivos. Quanto ao pensamento

dos participantes sobre as drogas, surgiram representações referentes aos malefícios causados à saúde, tanto em aspectos biológicos quanto psicológicos, e problemas familiares. Já os aspectos positivos aparecem sob as formas de prazer, diversão e o desejo de querer ser aceito e integrar-se nos grupos, o papel importante das influências de amigos para estes comportamentos e, ainda, a curiosidade de experimentar, que é outro aspecto relevante. Os efeitos medicinais de algumas drogas também foram evidenciados. Houve ainda a referência ao fato de as drogas oferecem diversos perigos, de maneira que, se a pessoa começar a utilizar se viciará e tomará um caminho, percebido por este grupo de participantes, como um caminho sem volta. O questionamento de o que leva alguém a usar drogas fez com que emergissem representações, principalmente no que tange o convívio e influência social, a curiosidade, o prazer, a diversão e o desejo de experimentar, atrelados às companhias e à necessidade de aceitação nos grupos. Outro aspecto abrangente refere-se à dificuldade em lidar com problemas das mais diversas ordens e encontrar no uso das substâncias um refúgio. Os motivos elencados para que tenha ocorrido a experimentação fez com que emergissem representações que vão ao encontro dos motivos que leva alguém a usar drogas, que consistem na diversão, desejo e curiosidade de saber sobre as sensações e os efeitos causados pelas drogas; e também uma forma de fuga dos problemas e da realidade.

Quanto às divergências e convergências das representações relativas ao sexo dos participantes, verificou-se que os dois grupos compartilham de RS negativas quanto as drogas, no entanto, o subgrupo feminino apresenta representações mais fatalistas sobre o uso. Os participantes do sexo masculino referem-se ao consumo e à legalidade das drogas, ponderando aspectos também positivos e não apenas negativos. Eles ponderam os efeitos medicinais e a legalização da maconha e caracterizam os efeitos negativos como advindos não do consumo das drogas, mas do excesso de consumo, que, segundo eles, poderia ser controlado. Este aspecto indica que, para o subgrupo masculino, não são expressamente as drogas que fazem mal, mas a forma como são utilizadas. Os participantes do subgrupo feminino se diferenciam, pois revelam representações de medo das drogas, a ideia fatalística de que quem experimenta se vicia e, assim, não consegue parar, acarretando consequências graves para sua saúde e para a vida como um todo. Para este grupo, a percepção das drogas é integralmente negativa, sendo elas vistas como prejudiciais à saúde e à família, e com alto potencial de vício. Verifica-se, assim, que os subgrupos diferem, de modo que os do sexo masculino indicam ideias políticas e são mais flexíveis quanto ao uso. O

subgrupo do sexo feminino mostra-se mais focado em prejuízos à saúde e à família, sendo mais rígido.

Quanto às representações dos subgrupos com e sem experiência de consumo, estes apresentam representações mais dispares no que se refere às drogas. As representações do subgrupo com experiência de consumo são de controle de uso para não acarretar em vício, sendo o problema este, não o uso em si. Há ponderações quanto aos motivos para o uso como a fuga da realidade, desta forma, para este grupo seria possível um escape dos problemas por meio do uso e que não haveria malefícios, caso o uso fosse moderado. Aliada a esta ideia, também há a associação da maconha como sendo uma erva de uso medicinal, que pode trazer benefícios. As representações dos participantes sem experiência de consumo envolveram as consequências negativas do uso, para si, para a família e para a sociedade. Deste modo, há o entrelaçamento das ideias de “prejuízos” e de “caminho sem volta”, situando o uso de drogas como um vício que faz mal, traz problemas a todos e do qual é difícil de se sair.

As possíveis ancoragem parecem se sustentar nos fundamentos do conhecimento científico, médico-jurídico, patológico e criminalizante que difundiu as consequências do consumo de drogas, relacionadas ao ciclo do vício e à fatalidade, nesse sentido, objetificam-se nas terminologias de cunho negativo e na própria nomenclatura de substâncias que se enquadram no sistema maior da categoria “das drogas”. Como a objetificação da maconha e sua legalidade que se ancora nas justificativas medicinais.

Diante dos resultados encontrados, vale ressaltar que Jodelet (1984) afirma que a elaboração representativa de um objeto consiste em mais que a apreensão de ideias, noções, imagens, modelos que concretizam as representações sociais, e que há apreensão dos quadros categoriais e classificatórios que consistem nos princípios de ordem que garantem a articulação entre o sistema de pensamento e ação. A elaboração representativa de um objeto, portanto, refere-se também à apreensão das modalidades coletivas em que os membros da sociedade ou de um de seus grupos religam os elementos representativos em suas operações de pensamento. Deste modo, todas estas representações sobre as drogas, na verdade, convergem para um cerne, a busca pela sensação de bem-estar, a busca de sentimentos e emoções positivas, ou seja, ampliando-se o olhar, as drogas são essencialmente percebidas por estes participantes como positivas, no sentido em que são capazes de trazer estas sensações aos indivíduos imediatamente, desse modo, estes aspectos certamente adquirem mais força do que os conhecimentos sobre possíveis desdobramentos negativos a longo prazo; o medo do vício, da morte, das

perdas e da destruição da vida acabam perdendo na hierarquia das atitudes tomadas pelos indivíduos.

O estudo realizado apresenta limitações concernentes ao material, ao método e ao foco de análise. Nesse sentido, considera-se que alguns aprimoramentos podem ser válidos para futuros estudos. Em relação ao presente trabalho, elenca-se que o fato de a pesquisadora ser do sexo feminino e abordar diferentes grupos escolares, de ambos os sexos, pode ser considerado um fator limitador. Contudo, contar com pesquisadores do sexo feminino e masculino, poderia propiciar uma situação mais harmônica para o contexto de pesquisa sem gerar algum tipo de viés. Ademais, verificou-se também certa hierarquia implícita, estabelecida pelos colaboradores das instituições que eram visitadas, de modo a fornecerem um tipo diferenciado de tratamento à pesquisadora, considerando sua profissão e a instituição de que era proveniente. Desta forma, embora as questões tenham sido tratadas com maior diligência, pondera-se que houve certo distanciamento entre os agentes envolvidos na pesquisa, desdobrando-se em fatores podem ter influenciado, principalmente nos respondentes e, portanto, nos resultados obtidos.

Ponderando-se possíveis soluções, a serem empregadas em trabalhos futuros, considera-se profícua uma interação mais horizontal na apresentação e no contato, principalmente com os respondentes, a fim de evitar tais circunstâncias limitadoras. Visto que o contexto que se articulou pode ter gerado um distanciamento entre participantes e pesquisadores, exercendo maior pressão normativa, deixando os participantes menos à vontade para se expressarem nos questionários preenchidos em situação coletiva. A conformação dada para a coleta dos dados, obedecendo-se todas as etapas previstas e as condições preestabelecidas, levou à dificuldade de acesso às escolas e aos participantes, tornando o processo moroso e impossibilitando o controle de variáveis, como, por exemplo, a variável sexo, o que pode ser também considerado um fator limitador. Por fim, o fato de não ter sido possível parear a variável sexo pode ter influenciado na realização de análises estatísticas que poderiam trazer maior confiabilidade aos dados obtidos. Deste modo, é possível que um maior esclarecimento sobre tais procedimentos por parte da pesquisadora e o tempo necessário para o aprendizado e desenvolvimento destas análises contribuiriam para melhorar os resultados.

Apesar das limitações relatadas, não se pode negar que, a partir do estudo realizado, foram encontrados importantes indícios a respeito das RS das drogas, os quais contribuem ao campo teórico das RS. O fenômeno das drogas vem sendo considerado e estudado a partir da

perspectiva da TRS, de acordo com sua demanda social. Entretanto, nas buscas realizadas para sustentar este trabalho, foram encontrados apenas dois estudos que abordam e trazem os adolescentes como respondentes, visto que é nesta faixa etária que se encontra o maior foco de situações a serem descobertas. Cabe ressaltar que novos estudos ainda são necessários para que se possa melhor compreender a complexidade envolvida nesse fenômeno e no funcionamento da cognição social.

Diante dos resultados obtidos neste estudo, o que se verificou no processo de sua elaboração desvelou ainda mais a sua relevância social, no sentido de ratificar a necessidade de propostas de políticas públicas capazes de trabalhar a temática das drogas de forma efetiva, como apontada por diversos estudos encontrados durante a realização da revisão integrativa. Ademais, considerando-se os dados do estudo, encontrou-se, como ação que trabalhe com os adolescentes sobre as drogas, apenas a menção do programa PROERD, sem muita ênfase. Pondera-se, entretanto, que mesmo levando-se em consideração os méritos do programa, há limitações significativas, pois ele é desenvolvido de modo pontual e traz como base de sustentação o fator medo. Contudo, o medo dos desdobramentos negativos do uso de drogas que emergem inicialmente como RS não é páreo para fatores como a de falta de informação, a curiosidade de experimentação, a influência de amigos, as drogas vistas como válvula de escape para problemas - como capacidade de resolução rápida de problemas -, o alívio e as sensações de prazer imediatas. Sendo assim, os programas existentes enfatizam o medo da morte, do vício e da destruição, sem se atentarem para os elementos positivos atribuídos às drogas.

A fim de contribuir para a mudança da realidade atual, são necessárias ações adaptadas para a realidade brasileira que trabalhem o tema de modo transversal nas escolas, buscando envolver os familiares, tratando o assunto com naturalidade e versando sobre as suas mais diversas possibilidades, tanto positivas como negativas, abarcando também o cunho informacional. Além disso, percebe-se que as dificuldades nas relações, nos vínculos afetivos e em lidar com situações adversas na vida são potencializadores para a busca de uso, pois, diante do sentimento de incapacidade em lidar com emoções negativas, os indivíduos tornam-se propensos a buscarem a anulação imediata destas emoções por meio de sensações de prazer, de emoções positivas que lhes proporcionem a fuga da realidade adversa.

Desse modo, consideram-se profícuos trabalhos que viabilizem discussões diretas e indiretas sobre o tema, tangenciando-o e abarcando os contextos, de maneira que o assunto deixe de ser um tabu. Seriam

benéficos, também, neste sentido, trabalhos que tratassem das possibilidades de como lidar com sentimentos e emoções negativas, formas mais saudáveis de se relacionar consigo mesmo e com o meio, sem considerar como única possibilidade o subterfúgio das drogas. Uma alternativa plausível que vai ao encontro destes pensamentos consiste nas “habilidades de vida”¹ propostas pela OMS (1997), no entanto, parece haver dificuldade para uma adaptação para a realidade brasileira, de modo a se conseguir viabilidade de aplicação abrangente e efetiva, situação que poderia ser revista ao se pensar em ações com menor grau de complexidade a ponto de facilitarem a sua execução.

Conforme Jodelet (2007), ao identificar os elementos que constituem os conjuntos complexos das RS, deve-se ter como um dos principais objetivos ultrapassar as simples descrições ou constatações de um estado de fenômenos observado. A compreensão do funcionamento cognitivo humano e seu funcionamento social podem possibilitar progresso e avanço científico, no que se refere aos campos de aplicação da psicologia social. Assim, verificar as RS das drogas em outros grupos adolescentes e contextos diferentes, ou mesmo utilizar e combinar outras técnicas e teorias para a investigação, seriam pesquisas que poderiam contribuir para descortinar as nuances deste fenômeno necessárias para o desenvolvimento desta área de conhecimento.

¹ Habilidades de vida – programa instituído pela OMS (1997) voltado para a promoção de saúde.

REFERÊNCIAS

- Abric, J. C. (1993). Central system, peripheral system: their functions and roles in the dynamics of social representations. *Papers on Social Representations*, 2(2), 75-78.
- Abric, J. C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. In A. S. P. Moreira, & D. C. Oliveira (Orgs.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. (pp. 27-38). Goiânia: AB.
- Abric, J. C. (2003). Abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes. In P. H. F. Campos, & M. C. da S. Loureiro (Orgs.). *Representações sociais e práticas educativas*. (pp. 37-57). Goiânia: UCG.
- Abric, J. C. (2003). La recherche du noyau central et de la zone muette des représentations sociales. In J. C. Abric (Org.). *Méthodes d'étude des représentations sociales*. (pp. 59-80). Ramonville Sant-Agne: Érès.
- Agra, C. (1997). Droga: dispositivo crítico para um novo paradigma. In *Droga: situação e novas estratégias*. Atas do seminário promovido pelo Presidente da República. Lisboa, Portugal, Imprensa Nacional, Casa da Moeda.
- Ajzen, I. (2001). Nature and operation of attitudes. *Annual Reviews of Psychology*, 52, 27-58.
- Ajzen, I. (2005). *Attitudes, personality and behavior*. New York: Open University Press.
- Almeida, A. M. O. (2009). Abordagem societal das representações sociais. *Sociedade e Estado*, 24(3), 713-737.
- Almiro, P. A. (2017). Uma nota sobre a desejabilidade social e o enviesamento de respostas. *Avaliação Psicológica*, 16(3), 253-386.
- Alves, V. S., & Lima, I. M. S. O. (2013). Atenção à saúde de usuários de álcool e outras drogas no Brasil: convergência entre a saúde pública e os direitos humanos. *Revista de Direito Sanitário*, 13(3), 9-32.

Ames, S., Sussman, S., & Dent, C. (1999). Pro-drug-use myths and competing constructs in the prediction of substance use among youth at continuation high schools: a one-year prospective study. *Personality and Individual Differences*, 26, 987-1003.

Andrade, S. F. O., Alves, R. S. F., & Bassani, M. H. P. A. (2018). Representações sociais sobre as drogas: um estudo com adolescentes em conflito com a lei. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(3), 437-449. *(24)

Araldi, J. C., Njaine, K., Oliveira, M. C., & Ghizoni, A. C. (2012). Representações sociais de professores sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas na adolescência: repercussões nas ações de prevenção na escola. *Interface Comunicação Saúde Educação*, 16(40), 135-46. *(7)

Araújo, A. J. S., Oliveira, J. F., Rodrigues, A. S., Silva, J. R. A., Serra, R. S., & Souza, S. S. (2012). Problemática das drogas: representações sociais de estudantes de Curso Técnico de Enfermagem. *Revista Baiana de Enfermagem*, 26(2), 510-522. *(9)

Araújo, L. F., Gontíes, B., & Nunes Júnior, J. (2007). Representações sociais da cocaína: estudo comparativo entre universitários das áreas de saúde e jurídica. *Estudos de Psicologia*, 24(3), 315-323.

Araújo, M. R., & Moreira, F. G. (2006). História das drogas. In D. X. Silveira, & F. G. Moreira. *Panorama atual de drogas e dependência* (pp. 9-14). São Paulo: Atheneu.

Ariza, C., García-Continente, X., Villalbí, J. R., Sánchez-Martínez, F., Pérez, A., & Nebot, M. (2014). Consumo de tabaco de los adolescentes en Barcelona y tendencias a lo largo de 20 años. *Gaceta Sanitaria*, 28(1), 25-33.

Arruda, A. (2002). A teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, 117, 127-147.

Ayres, J. R. C. M. (1996). O jovem que buscamos e o encontro que queremos ser. In J. R. C. M. Ayres. *Vulnerabilidade e avaliação de ações preventivas* (pp. 4-9). São Paulo: Casa de Edição.

Azevedo, C. S., & Silva, R. S. (2013). A importância da família no tratamento do dependente químico. *Encontro Revista de Psicologia*, 16(25).

Banchs, M. A. (2000). Aproximaciones procesuales y estructurales al estudio de la representaciones sociales. *Paper on Social Representations*, 9, 3.1- 3.15.

Barbetta, P. A. (2012). *Estatística aplicada às ciências sociais* (8a ed.). Florianópolis: Ed. UFSC.

Bauer, M. (1994). A popularização da ciência como imunização cultural: a função das representações sociais. In S. Jovtchelovitch, & P. Guareschi. *Textos em Representações Sociais* (pp. 229-257). Petrópolis: Vozes.

Bertoni, L. M., Dias, A. M. S., & Silva, A. X. (2012). O papel da escola, as representações sociais e o consumo de drogas entre alunas do curso de pedagogia. *Anais do Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – ENDIPE*, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 16.

Bonfim, Z., & Almeida, S. (1991). Representações sociais: conceituação, dimensão e funções. *Revista de Psicologia*, 9(1), 75-89.

Brasil. (2003). Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Coordenação Nacional de DST/Aids. *A Política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas*. Brasília: Ministério da Saúde.

Brendl, C. M., Markmann, A. B., & Messner, C. (2005). Indirectly measuring evaluations of several attitude objects in relation to a neutral reference point. *Journal of Experimental Social Psychology*, 41(4), 346-368.

Bucher, R. (1986). O consumo de drogas: evoluções e respostas recentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 2(2), 132-44.

Bushman, B. J., & Bonacci, A. M. (2004). You've got mail: using e-mail to examine the effect of prejudiced attitudes on discrimination against Arabs. *Journal of Experimental Social Psychology*, 40(6), 753-759.

Camargo, B. V., & Bertoldo, R. (2006). Comparação da vulnerabilidade de estudantes da escola pública e particular em relação ao HIV. *Estudos de Psicologia*, 23(4), 369-379.

Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, 21(2), 513-518.

Camargo, B. V., Giacomozzi, A. I., Wachelke, J. F. R., & Aguiar, A. (2010). Vulnerabilidade de adolescentes afrodescendentes e brancos em relação ao HIV/Aids. *Estudos de Psicologia*, 27(3).

Campos, E. A., & Reis, J. G. (2010). Representações sobre o uso de álcool por mulheres em tratamento em um centro de referência da cidade de São Paulo – Brasil. *Interface - Comunicação, Saúde e Educação*, 14(34), 539-550. *(5)

Campos, P. H. F. (2003). A abordagem estrutural e o estudo das relações entre práticas e representações sociais. In P. H. F. Campos, & M. C. da S. Loureiro (Orgs.). *Representações sociais e práticas educativas* (pp. 22-36). Goiânia: UCG.

Campos, P. H. F., & Rouquette, M.-L. (2003). Abordagem estrutural e componente afetivo das representações sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), 435-445.

Carlini, E. L. A., Noto, A. R., Sanchez, Z. V. M., Carlini, C. M. A., Locatelli, D. P., Abeid, L. R., Amato, T. C., Opaleye, E. S., Tondowski, C. S., & Moura, Y. G. (2010). *VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras*. São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo.

Carneiro, H. (2005). *Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas: histórias e curiosidades sobre as mais variadas drogas e bebidas*. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier.

Carvalho, J. N. (1986). Atitude e consumo de tabaco, álcool e droga: implicações para a prevenção. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 2, 89-95.

Carvalho, S. (2007). *A política criminal de drogas no Brasil: estudo criminológico e dogmático* (4a ed.). Rio de Janeiro: Lumen Juris.

Chaves, A. M., & Silva, P. L. (2011). Representações Sociais. In L. Camino, A. R. Torres, M. E. O. Lima, & M. E. Pereira (Orgs.). *Psicologia Social: temas e teorias* (pp. 299-350). Brasília: Technopolitik.

Cole, A. G., Leatherdale, S. T., & Burkhalter, R. (2013). An examination of different smoking patterns among Canadian youth: new insight for tobacco control programming. *Addictive Behaviors*, 38, 1610-1615.

Crawford, M. T., & McCrea, S. M. (2004). When mutations meet motivations: attitude biases in counterfactual thought. *Journal of Experimental Social Psychology*, 40(1),65-74.

Czeresnia, D. (2003). O conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção. In: Czeresnia, D., & Freitas, C. M. (Orgs.). *Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências* (pp. 39-53). Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz.

Diehl, A., Cordeiro, D. C., & Laranjeira, R. (2011). *Dependência química: prevenção tratamento e políticas públicas*. Porto Alegre: Artmed.

Doise, W. (2001). Atitudes e representações sociais (L. Ulup, Trad.). In D. Jodelet (Org.). *As representações sociais* (pp.187-203). Rio de Janeiro: EdUERJ.

Escohotado A. (1996). *Aprendiendo de las drogas: usos, abusos, prejuicios y desafios*. Barcelona: Editorial Anagrama.

Escotado A. (1998). *História de las drogas*. Madrid: Alianza Editorial.

Espíndula, D. H. P., Trindade, Z. A., & Santos, M. F. S. (2009). Representações e práticas educativas de mães referentes a filhos atendidos pelo conselho tutelar. *Psicologia em Estudo*, 14(1), 137-147.
*(3)

Essau, C. A. (2011). Comorbidity of substance use disorders among community based and high-risk adolescents. *Psychiatry Research*, 185, 176-184.

Facundo, G. (2005). Adquisición del uso de alcohol en un grupo de adolescentes mexicanos: el efecto de la relación con amigos. *SMAD - Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, 1(2), 1-13.

Fierro, A. (1995). Desenvolvimento da personalidade na adolescência. In C. Coll, J. Palácios, & A. Marchesi. *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva* (pp. 288-305). Porto Alegre: Artes Médicas.

Fishbein, M., & Ajzen, I. (1975). *Belief, attitude, intention and behavior: an introduction to theory and research*. Reading: Addison-Wesley.

Flament, C. (1994). Consensus, salience and necessity in social representations – technical note. *Papers on Social Representations*, 3, 97-106.

Flament, C. (2001). Estrutura e dinâmica das representações sociais. In D. Jodelet (Org.). *As representações sociais* (pp. 173-186). Rio de Janeiro: UERJ.

Flament, C., Guimelli, C., & Abric, J.-L. (2006). Effets de masquage dans l'expression d'une représentation sociale. *Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale*, 69, 15-31.

Fraga, S., Sousa, S., Ramos, E., Dias, S., & Barros, H. (2011). Alcohol use among 13-year-old adolescents: Associated factors and perceptions. *Public Health*, 125, 448-456.

Gawronski, B., Walther, E., & Blank, H. (2005). Cognitive consistency and the formation of interpersonal attitudes: cognitive balance affects the encoding of social information. *Journal of Experimental Social Psychology*, 41(6), 618-626.

Giacomozi, A. I., Itokasu, M. C., Figueiredo, C. D. S., Luzardo, A. R., & Vieira, M. (2012). Levantamento sobre uso de álcool e outras drogas e vulnerabilidades relacionadas de estudantes de escolas públicas participantes do Programa Saúde do Escolar/Saúde e Prevenção nas escolas no município de Florianópolis. *Saúde e Sociedade*, 21(3), 612-622.

Giacomozi, A. I. (2011). Representações sociais da droga e vulnerabilidade de usuários de CAPSad em relação às DST/HIV/AIDS. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 11(3). *(6)

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6a ed.). São Paulo: Atlas.

Goulart, D. C. S., & Soares, A. C. N. (2013). Famílias e dependência de drogas: interfaces com as políticas públicas. *Anais do Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais - "expressões socioculturais da crise do capital e suas implicações para a garantia dos direitos sociais"*, Belo Horizonte, MG, 3.

Halpern, E. E., & Leite, L. M. C. (2012). Representações de adoecimento e cura de pacientes do Centro de Dependência Química do Hospital Central da Marinha. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(4), 1079-1089. *(10)

Harrevel, F. van, & Pligt, J. van der (2004). Attitudes as stable and transparent constructions. *Journal of Experimental Social Psychology*, 40(5), 666-674.

Hemphill, S. A., Heerde, J. A., Herrenkohl, T. I., Patton, G. C., Toumbourou, J. W., & Catalano, R. F. (2011). Risk and protective factors for adolescent substance use in Washington State, the United States and Victoria, Australia: a longitudinal study. *Journal of Adolescent Health*, 49, 312-320.

Henchoz, Y., Dupuis, M., Deline, S., Studer, J., Baggio, S., N'Goran, A. A., Daeppen, J. B., & Gmel, G. (2014). Associations of physical activity and sport and exercise with at-risk substance use in young men: a longitudinal study. *Preventive Medicine, 64*, 27-31.

Henriques, B. D., Rocha, R. L., & Reinaldo, A. M. S. (2016). Uso de crack e outras drogas entre crianças e adolescentes e seu impacto no ambiente familiar: uma revisão integrativa da literatura. *Texto Contexto Enfermagem, 25*(3), e1100015.

Jesuino, J. C. (2011). Um conceito reencontrado. In A. M. O. Almeida, M. F. S., Santos, & Z. A. Trindade (Orgs.). *Teoria das representações sociais: 50 anos* (pp. 33-57). Brasília: Technopolitik.

Jodelet, D. (1984). Répresentation sociale: phénomènes, concept et théorie. In S. Moscovici (Ed.). *Psychologie sociale* (pp. 363-384). Paris: P. U. F.

Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In D. Jodelet (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

Jodelet, D. (2008). Social representations: the beautiful invention. *Journal for the Theory of Social Behaviour, 38*(4), 411-430.

Kaai, S. C. (2013). Using student and school factors to differentiate adolescent current smokers from experimental smokers in Canada: a multilevel analysis. *Preventive Medicine, 57*, 113-119.

Kristjansson, A. L., Sigfusdottir, I. D., Allegrante, J. P., & Helgason, A. R. (2008). Social correlates of cigarette smoking among Icelandic adolescents: a population-based cross-sectional study. *BMC Public Health, 8*(1), 86.

Laar, C. von, Levin, S., Sinclair S., & Sidanius, J. (2005). The effect of university room mate contact on ethnic attitudes and behavior. *Journal of Experimental Social Psychology, 41*(4), 329-345.

Lei 8.069, de 13 de julho de 1990 (2012). Estatuto da criança e do adolescente (9a ed.). Versão atualizada. Brasília: Ministério da Justiça.

- Leite, C. R. (2015). *Fatores associados ao consumo de drogas por adolescentes do ensino médio da região da grande Florianópolis*. Dissertação de mestrado, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Levin, K. A., Dundas, R., Miller, M., & McCartney, G. (2014). Socioeconomic and geographic inequalities in adolescent smoking: a multilevel cross-sectional study of 15 year olds in Scotland. *Social Science & Medicine*, *107*, 162-170.
- Lima, L. P. (2006). Atitudes: estrutura e mudança. In J. Vala, & M. B. Monteiro (Orgs.). *Psicologia Social* (7a ed.) (pp. 187-225). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lopez-Quintero, C., & Neumark, Y. (2010). Effects of risk perception of marijuana use on marijuana use and intentions to use among adolescents in Bogotá, Colombia. *Drug and Alcohol Dependence*, *(109)*, 65-72.
- Lorencini, A. J. R. (1998). Enfoque contextual das drogas: aspectos biológicos, culturais e educacionais. In J. G. Aquino (Org.). *Drogas na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus.
- Maciel, S. C. (2007). *Exclusão/inclusão social do doente mental/louco: representações e práticas no contexto da reforma psiquiátrica*. Tese de doutorado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Maciel, S. C., Oliveira, R. C. C., & Melo, J. R. F. (2012). Alcoolismo em indígenas potiguara: representações sociais dos profissionais de saúde. *Psicologia: Ciência e Profissão*, *32*(1), 98-111. *(8)
- MacRae, E. (2001). Antropologia: aspectos sociais, culturais e ritualísticos. In S. D. Seibel, & A. Toscano. *Dependência de drogas* (pp. 25- 34). São Paulo: Atheneu.
- Macrae, E. (2010). *Aspectos socioculturais do uso de drogas e políticas de redução de danos*. NEIP - Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos. Recuperado em 14 outubro, 2017, de www.neip

MacRae, E. (2013). A história e os contextos socioculturais do uso de drogas. In SENAD. *Prevenção do uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias* (5a ed.). Brasília: SENAD - Secretária Nacional de Políticas sobre Drogas.

Malta, D. C., Mascarenhas, M. D. M., Porto, D. L., Barreto, S. M., & Neto, O. L. M. (2014). Exposição ao álcool entre escolares e fatores associados. *Revista de Saúde Pública*, 48(1), 52-62.

Malta, D. C., Mascarenhas, M. D. M., Porto, D. L., Duarte, E. A., Sardinha, L. M., Barreto, S. M., & Neto, O. L. M. (2011). Prevalência do consumo de álcool e drogas entre adolescentes: análise dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 14(1 supl.), 136-46.

Malta, D. C., Sardinha, L. M. V., Mendes, I., Barreto, S. M., Giatti, L., Castro, I. R. R., Moura, L., Dias, A. J. R., & Crespo, C. (2010). Prevalência de fatores de risco e proteção de doenças crônicas não transmissíveis em adolescentes: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), Brasil, 2009. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(supl. 2), 3009-3019.

Marques, A. C. P. R., & Cruz, M. S. (2000). O adolescente e o uso de drogas. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 22(supl. 2).

Martini, J. G., & Furegato, A. R. F. (2008). Representações sociais de professores sobre o uso de drogas em uma escola de ensino básico. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 16(especial). *(1)

Medeiros, K. T., Maciel, S. C., & Sousa, P. F. (2017). A mulher no contexto das drogas: representações sociais de usuárias em tratamento. *Paidéia*, 27(supl. 1), 439-447. *(23)

Medeiros, K. T., Maciel, S. C., Sousa, P. F., Tenório-Souza, F. M., & Dias, C. C. V. (2013). *Representações sociais do uso e abuso de drogas entre familiares de usuários*. *Psicologia em Estudo*, 18(2), 269-279. *(12)

Medeiros, K. T., Maciel, S. C., Sousa, P. F., & Vieira, G. L. S. (2015). Vivências e representações sobre o crack: um estudo com mulheres usuárias. *Psico-USF*, 20(3), 517-528. *(19)

Mello I. M. (2008). *Enfermagem psiquiátrica e de saúde mental na prática*. São Paulo: Atheneu.

Melo, J. R. F., & Maciel, S. C. (2015). Representações sociais do crack elaboradas por usuários em tratamento. *Psicologia em Estudo*, 20(1), 23-32.

Melo, J. R. F. (2013). Representações sociais de dependentes químicos acerca do crack, do usuário de drogas e do tratamento. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

Melo, J. R. F., & Maciel, S. C. (2016). Representação social do usuário de drogas na perspectiva de dependentes químicos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(1), 76-87. *(20)

Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto Contexto - Enfermagem*, 17(4), 758-764.

Minto, E. C., Pedro, C. P., Netto, J. R. C., Bugliani, M. A. P., & Gorayeb, R. (2006). Ensino de habilidades de vida na escola: uma experiência com adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 561-568.

Moliner, P., & Gutermann, M. (2004). Dynamique des descriptions et des explication das une representation sociale. *Papers on Social Representations*, 13, 2.1-2.12.

Moscovici, S. (1961/1976/2012). *A psicanálise: sua imagem, seu público*. Petrópolis: Vozes.

Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise* (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

Moscovici, S. (1981). On social representations. In Forgas, J. P. *Social cognition*. London: Academic Press.

Moscovici, S. (2003/2007/2011). *Representações sociais: investigações em Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes.

- Mugny, G., Quinzade, A., & Tafani, E. (2001). Dynamique représentationnelle et influence sociale. In P. Moliner (Org.). *La dynamique des représentations sociales* (pp. 123-161). Grenoble: Press Universitaire de Grenoble.
- Nappo, S. A., Carlini, E. L. A., Araújo, M. D., & Moreira, L. F. S. M. (2010). Prescription of anorectic and benzodiazepine drugs through notification B prescriptions in Natal, Rio Grande do Norte, Brazil. *Brazilian Journal of Pharmaceutical Sciences*, 46(2), 297-303.
- Nascimento, A. B. (2006). Uma visão crítica das políticas de descriminalização e de patologização do usuário de drogas. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 185-190,
- Nascimento, J. R., & Jesuíno, J. C. (2003). *Atitudes e representações sociais em saúde*. OPSS - Observatório Português dos Sistemas de Saúde, 1-15. Recuperado em 15 outubro, 2017, de www.observaport.org
- Nascimento, L. R., & Jesuíno, J. C. (2001). Atitudes e representações sociais em saúde. In A. S. P. Moreira (Org.). *Representações sociais: teoria e prática* (pp. 147-172). João Pessoa: Editora Universitária da UFPB.
- Neiva, E. R., & Mauro, T. G. (2011). Atitudes e mudança de atitudes. In E. R. Neiva, & C. V. Torres (Orgs.). *Psicologia Social: principais temas e vertentes* (pp. 171-203). Porto Alegre: Artmed.
- Nery-Filho, A., Miranda, M., & Medina, M. G. (1995). Estudo da alcoolemia numa amostra da população urbana de Salvador. *Seminário Internacional: o uso e o abuso de drogas*. Salvador: CETAD.
- Neto, M. L. A., & Santos, M. F. S. (2015). As máscaras da pobreza: o crack como mecanismo de exclusão social. *Psicologia em Estudo*, 20(4), 611-623. *(18)
- Neto, M. L. A., & Santos, M. F. S. (2016). Os usos de crack em um contexto de vulnerabilidade: representações e práticas sociais entre usuários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(3), 1-9. *(22)

Neumann, R., Hulsenbeck, K., & Seibt, B. (2004). Attitudes towards people with aids and avoidance behavior: automatic and reflective bases of behavior. *Journal of Experimental Social Psychology*, 40(4), 543-550.

NIDA - National Institute On Drug Abuse (2003). *Preventing drug use among children and adolescent: a research-based guide* (2a ed.). Bethesda, Maryland (USA): NIH Publications.

Nobrega, S. M. (2003). Sobre a teoria das representações sociais. In A. S. P. Moreira, & J. C. Jesuino (Orgs.). *Representações sociais: teoria e prática*. Joao Pessoa: Ed. Universitaria/UFBP.

Noto, A., Baptista, M., Silene, M., Faria, T., Nappo, S., Galduróz, J., & Carlini, E. (2003). Drogas e saúde na imprensa brasileira: uma análise de artigos publicados em jornais e revistas. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(1), 69-79.

Novaes, P. S. (2014). O tratamento da dependência química e o ordenamento jurídico brasileiro. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(2), 342-356.

OBID - Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas. (2007). *Informações sobre drogas/ definição e histórico*. Brasília: Ministério da Justiça do Brasil. Recuperado em 2 novembro, 2017, de <http://www.obid.senad.gov.br>

Oliveira, F. O., & Werba, G. C. (1998). Representações sociais. In M. N. Strey. *Psicologia social contemporânea* (pp. 104-117). Petrópolis: Vozes.

Oliveira, J. F., McCallum, C. A., & Costa, H. O. G. (2010). Representações sociais de Agentes Comunitários de Saúde acerca do consumo de drogas. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 44(3), 611-618. *(4)

Oliveira, J. F., Rodrigues, A. S., Porcino, C. A., & Reale, M. J. O. U. (2016). Imaginário de presidiárias sobre o fenômeno das drogas. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 18. *(21)

Oliveira, W. F., & Carneiro, O. H. (2014). *Álcool e outras drogas da coerção à coesão - Universidade Federal de Santa Catarina Universidade Aberta Do SUS – UNASUS - Módulo Governo Drogas e Sociedade Florianópolis UFSC*. Florianópolis: UFSC.

Oliveira, W. F., & Carneiro, O. H. (Orgs.) (2014). Brasil. *Álcool e sociedade [Recurso eletrônico] / Universidade Federal de Santa Catarina*. Florianópolis: Departamento de Saúde Pública/UFSC, 2014. Recuperado em 29 outubro, 2017, de <https://unasus.ufsc.br/alcooleoutrasdrogas>.

Oliveira-Campos, M., Nunes, M. L., Madeira, F. C., Santos, M. G., Bregmann, S. R., Malta, D. C., Giatti, L., & Barreto, S. M. (2014). Comportamento sexual em adolescentes brasileiros. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012). *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 17(supl. 1), 116-130.

Olivenstein, C. (1983). A infância do toxicômano. In C. Olivenstein (Org.). *A vida do toxicômano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Pedersen, M-A. B., Poulin, F., Kiesner, J., & Dishion, T. J. (2013). A longitudinal examination of alcohol, marijuana, and cigarette perceived norms among middle school adolescents. *Drug and Alcohol Dependence*, 133, 647-653.

Peixoto, A. C. S., Fonseca, H. O., & Oliveira, R. M. S. R. (2013). Ancoragem. *Cadernos Cespuc*, (23), 8-12.

Pimentel, C. E., Coelho Júnior, L. L., & Aragão, T. A. (2009). Atitudes frente ao uso de álcool, maconha e outras drogas: verificando relações de predição e mediação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(1), 29-35.

Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. (2011). O processo saúde-doença e a dependência química: interfaces e evolução. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(2), 203-211.

Puente, D., Zabaleta-del-Olmo, E., Pueyo, M. J., EsteveSaltó, E., Marsalbe, J. R., & Bolívar, B. (2013). Prevalencia y factores asociados al consumo de tabaco en alunos de enseñanza secundaria de Cataluña. *Atención Primaria*, 45(6), 315-323.

Rateau, P. (1995). Dimensions descriptive, fonctionnelle et evaluative des representations sociales. *Textes sur les Représentations Sociales*, 4, 133-146.

Ratinaud, P. (2009). IRAMUTEQ: *Interface de R pour les analyses multidimensionnelles de textes et de questionnaires* [Computer software].

Reinert, M. (1990). Alceste, une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurélia de Gerard de Nerval. *Bulletin de Méthodologie Sociologique*, (28), 24-54.

Rezende, M. M., & Pelicia, B. (2013). Representação da recaída em dependentes de crack. *SMAD - Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, 9(2), 76-81. *(14)

Richardson, R. J. (2009). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.

Rodrigues, A. S., Oliveira, J. F., Paiva, M. S., Oliveira, D. S., & Marinho, M. N. (2015). Representações sociais de discentes técnicos de enfermagem sobre drogas. *Revista da Escola de Enfermagem Anna Nery*, 19(2), 226-232. *(16)

Rodrigues, A., (2009). Atitudes: conceito, formação e mudança. In A. Rodrigues, E. Assmar, & B. Jablonsky, B. (Orgs.). *Psicologia social* (21a ed.) (pp. 204-243). Petrópolis: Vozes.

Rodrigues, D. R. S. R., Conceição, M. I. G., & Iunes, A. L. S. (2015). Representações sociais do crack na mídia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(1), 115-123. *(17)

Sá, C. P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: UERJ.

Sá, C. P. de. (1996). *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Vozes.

Salesses, L. (2005). Effet d'attitude dans le processus de structuration d'une representation sociale. *Psychologie Française*, 50, 471-485.

- Sanchez, Z. M., Santos, M. G., Pereira, A. P., Nappo, S.A., Carlini, E. A., Carlini, C. M., & Martins, S. S. (2013). Childhood alcohol use may predict adolescent binge drinking: a multivariate analysis among adolescents in Brazil. *The Journal Of Pediatrics*, 163(2).
- Santos, J. A. T., & Oliveira, M. L. F. (2012). Políticas públicas sobre álcool e outras drogas: breve resgate histórico. *Journal of Nursing and Health*, 1(2), 82-93.
- Santos, M. F. S., & Almeida, L. M. (2005). *Diálogos com a teoria da representação social*. Recife: UFPE, Editora Universitária.
- Santos, M. F. S., Acioli Neto, M. L., & Sousa, Y. S. O. (2012). Representações sociais do crack na imprensa pernambucana. *Estudos de Psicologia*, 29(3), 379-386. *(11)
- Santos, M. A., & Pratta, E. M. M. (2012). Adolescência e uso de drogas à luz da psicanálise: sofrimento e êxtase na passagem. *Tempo Psicanalítico*, 44(1), 167-182.
- Schultes, R. E., & Hofmann, A. (2000). *Plantas de los dioses: orígenes del uso de los alucinógenos*. México, DF: Fondo de Cultura Económica.
- Seleghim, M. R., Marangoni, S. R., Marcon, S. S., & Oliveira, M. L. F. (2011). Vínculo familiar de usuários atendidos em uma unidade de emergência psiquiátrica. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 19(5).
- Silva, C. E. (2013). *Características de um projeto governamental de prevenção do uso de drogas e coerência delas com os conceitos de prevenção e comportamento-objetivo*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Silva, P. L. (2007). *As representações sociais do uso de drogas entre familiares de usuários em tratamento*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BH.
- Silva, S. E. D., & Padilha, M. I. (2011). História de vida e o alcoolismo: representações sociais de adolescentes. *Revista Mineira de Enfermagem*, 15(1), 70-78.

Silva, S. E. D., Araújo, J. S., Vasconcelos, E. V., Oliveira, J. M. B., Alves, P. S., Cunha, N. M. F., & Filgueira, G. P. (2014). As representações sociais de adolescente sobre as drogas e implicações para o cuidado de si. *Interfaces Científicas - Saúde e Ambiente*, 3(1), 9-18.

Silva, S. É. D., & Padilha, M. I. (2013). O alcoolismo na história de vida de adolescentes: uma análise à luz das representações sociais. *Texto & Contexto – Enfermagem*, 22(3), 576-84. *(15)

Silva, T. T. M. (2015). *Adaptação transcultural da escala de representações sociais do consumo de álcool e drogas em adolescentes para o Brasil*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE.

Silveira, D. X., & Moreira, F. G. (2006). Reflexões preliminares sobre a questão das substâncias psicoativas. In D. X. Silveira, & F. G. Moreira. *Panorama atual de drogas e dependência* (pp. 3-7). São Paulo: Atheneu.

Sinclair, S., Dunn, E., & Lowery, B. (2005). The relationship between parental racial attitudes and children's implicit prejudice. *Journal of Experimental Social Psychology*, 41(3), 283-289.

Soares, C. B. (2003). *Família e desinstitucionalização: impacto da representação social e da sobrecarga familiar*. Dissertação de mestrado, Universidade Católica do Goiás, Goiânia, GO.

Soares Filho, W. (2017). *Memória e representações sociais sobre drogas e redução de danos de usuários e equipe multiprofissional de um CAPS AD*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA.

Sobral, C. A., & Pereira, P. C. (2012). A co-dependência dos familiares do dependente químico: revisão da literatura. *Revista Fafibe On-Line*, 5(5).

Soldera, M., Dalgalarondo, H. R. C. F., & Silva, C. A. M. (2004). Uso de drogas psicotrópicas por estudantes: prevalência e fatores associados. *Revista de Saúde Pública*, 38(2), 277-283.

- Sousa, Y. S. O. (2017). *Drogas e normalização uma análise psicossocial desde a perspectiva das representações sociais*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE.
- Souza, M. R. R., & Oliveira, J. F. (2009). Fenômeno das drogas: análise de reportagens veiculadas em um jornal de salvador. *Revista Baiana de Enfermagem, Salvador, 22/23*(1, 2, 3), 145-156. *(2)
- Souza, M. T., Silva, M. D. S., & Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein, 8*(1),102-106.
- Souza, S. L., Ferriani, M. G. C., Silva, M. A. I., Gomes, R., & Souza, T. C. (2010). A representação do consumo de bebidas alcoólicas para adolescentes atendidos em uma Unidade de Saúde da Família. *Ciência & Saúde Coletiva, 15*(3), 733-741.
- Swahn. M. H., Bossarte, R. M., Ashby, J. S., & Meyers, J. (2010). Pre-teen alcohol use initiation and suicide attempts among middle and high school students: findings from the 2006 Georgia Student Health Survey. *Addictive Behaviors, 35*, 452-458.
- Toscano, A. (2001). Um breve histórico sobre o uso de drogas. In S. D. Seibel, & A. Toscano. *Dependência de drogas* (pp. 7- 23). São Paulo: Atheneu.
- Trigueiros, F. S. L. (2014). *Crenças associadas ao uso de drogas comparando consumidores e não consumidores*. Tese de doutorado, Universidade de Algarve, Portugal.
- United Nations Office on Drugs and Crime. (2017). *World drug report*. Recuperado em 19 outubro, 2017, de <http://www.unodc.org>.
- UNODC (ONU). (2008). *Relatório Anual do Escritório das Nações Unidas sobre drogas e crimes*. Recuperado em 15 outubro, 2017, de http://www.unodc.org/documents/wdr/WDR_2008/WDR_2008_eng_web.pdf
- Vala, J., & Castro, P. (2013). Pensamento social e representações sociais. In J. Vala, & M. B. Monteiro (Coords.). *Psicologia Social* (pp. 569-602). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Vala, J. (1993). Representações sociais. In J. Vala, & M. B. Monteiro (Eds.). *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vala, J. (2006). Representações sociais e a psicologia social do conhecimento cotidiano. In J. Vala, & M. B. Monteiro (Orgs.). *Psicologia social* (7a ed.) (pp. 457-502). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vargas, D., Bittencourt, M. N., Rocha, F. M., & Oliveira, M. A. F. (2013). Representação social de enfermeiros de Centros de Atenção Psicossocial em Álcool e Drogas (CAPS Ad) sobre o dependente químico. *Revista da Escola de Enfermagem Anna Nery*, 17(2), 242-248. *(13)
- Veloz, M. C. T., Nascimento-Schulze, C. M., & Camargo, B. V. (1999). Representações sociais do envelhecimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(2), 470-50.
- Vergès, P., Scano, S., & Junique, C. (2002). *Ensembles de programmes permettant l'analyse des evocations*. Aix en Provence: Université Aix en Provence (Manual).
- Wachelke, J. F. R., & Camargo, B. V. (2007). Representações sociais, representações individuais e comportamento. *Revista Interamericana de Psicologia*, 41, 379-390.
- Wagner, W. (1998). Sócio-gênese e características das representações sociais. In A. S. P. Moreira, & D.C. de Oliveira. (Orgs.). *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 3-25). Goiânia: AB.
- Waldzus, S., & Mummendey, A. (2004). Inclusion in a superordinate category, in-group prototypicality, and attitudes towards out-groups. *Journal of Experimental Social Psychology*, 40(4), 466-477.
- Wicker, A. (1969). Attitudes versus actions: the relationship of verbal and overt behavioural responses to attitudes. *Journal of Social Issues*, 25, 41-78.
- World Health Organization - WHO. (1997). *Programme on mental health: division of mental health, life skills*. Education in schools. Genebra: WHO.

World Health Organization - WHO. (2001). *Mental health: new understanding, new hope*. Geneva: WHO.

Ziegler, R., Schwichow, A. von, & Diehl, M. (2005). Matching the message source to attitude functions: Implications for biased processing. *Journal of Experimental Social Psychology, 41*(6), 645-653.

APÊNDICE A - Termo De Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA SOCIAL DA COMUNICAÇÃO E COGNIÇÃO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a) Senhor(a):

O menor de idade pelo qual o(a) senhor(a) é responsável está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “**Representações Sociais de adolescentes sobre drogas: um estudo sobre possíveis ancoragens e objetificações**”, que será realizada com adolescentes do ensino médio de escolas da rede pública de municípios da Grande Florianópolis – SC. A autorização do senhor(a) é expressamente necessária, visto que o adolescente está sob a sua responsabilidade. A pesquisa tem por objetivo investigar quais são as representações sociais das drogas suas possíveis ancoragens e objetificações, e faz parte de um projeto de pesquisa para dissertação de mestrado da aluna Ivana Lauffer Corrêa sob orientação da professora Prof.^a Dra. Andréa Barbará da Silva Bousfield e coorientação da Prof.^a Dra. Andréia Isabel Giacomozzi, vinculadas ao Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição (LACCOS), do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pretende-se, com esta investigação, contribuir para o desenvolvimento científico e recolher dados para a elaboração de futuras ações que possam melhorar a qualidade de vida da população.

Com expressa autorização do(a) senhor(a), a participação do adolescente ocorrerá de forma **voluntária** e por meio de assentimento, obtido em Termo de Assentimento específico para ele. A participação consistirá na aplicação de questionários com perguntas relacionadas à temática da pesquisa que será realizada pela pesquisadora. Devido ao tema da pesquisa ser de caráter subjetivo e pessoal, envolvendo questões cotidianas, é possível que ao longo da aplicação dos questionários o adolescente possa sentir-se mobilizado emocionalmente, ou sob situação

de desconforto em relação ao seu bem estar psicológico. Como medida para evitar constrangimentos, serão dadas orientações para que ele realize o preenchimento do questionário de forma individual, visando a não exposição dele a outras pessoas ou colegas, bem como para manter o sigilo de suas respostas.

Os questionários serão entregues dentro de envelopes fechados (não transparentes) que terão apenas uma numeração na frente, **sem qualquer identificação de autoria**. O tempo estimado de aplicação do questionário é de aproximadamente vinte minutos. O adolescente poderá interromper o preenchimento do questionário e desistir da pesquisa a qualquer momento, a seu pedido, sem quaisquer justificativas à pesquisadora, visando o conforto e o bem-estar dele. A pesquisadora é psicóloga, treinada para aplicar a técnica prevista e tem experiência em atendimentos psicológicos. Após ou durante a aplicação do questionário, se for observada a mobilização de emoções de algum participante, a pesquisadora irá dar por encerrada a participação deste na pesquisa, e a própria pesquisadora proverá ao participante o apoio psicológico adequado para o momento e pelo tempo que for necessário. Caso haja necessidade, será realizado o encaminhamento do adolescente ao Serviço de Atenção Psicológica da Universidade Federal de Santa Catarina (SAPSI/UFSC), para acompanhamento psicológico sem custo algum. Acredita-se, no entanto, que a participação dele na pesquisa poderá ser benéfica, pois possibilitará reflexões a respeito da temática a ser desenvolvida.

Será solicitado ao adolescente para que não faça nenhum tipo de identificação no questionário, no entanto, se por algum motivo houver algum tipo de identificação, isso será mantido em absoluto sigilo. Caso ocorra uma quebra do sigilo involuntário por pedido de ordem judicial ou legislativa, ou devido ao risco de furto ou invasão dos materiais guardados pela pesquisadora, os casos serão tratados conforme legislação legal vigente. A participação do adolescente será **absolutamente voluntária** e não remunerada - *a legislação brasileira não possibilita quaisquer pagamentos referentes à participação em pesquisas* – contudo, todo e qualquer custo decorrente da participação dele na pesquisa (*deslocamento, alimentação etc.*) será de responsabilidade da pesquisadora, e o ressarcimento será realizado em espécie, com verba de recurso próprio, conforme item 2º.XXIV, da Resolução 510/16, bem como indenização em caso de qualquer prejuízo material causado pela pesquisa ao participante, respeitando, assim, o item 9º.VI da Resolução 510/16. A sua recusa em autorizar a participação do adolescente sob sua responsabilidade ou a recusa dele em participar da pesquisa ou cancelar o

consentimento e/ou assentimento não implicará qualquer penalidade ou prejuízo.

Os questionários serão aplicados e posteriormente seus dados serão passados para *softwares* para serem tratados. Todos os materiais serão armazenados, tanto o físico, como os em arquivos digitais, no entanto, somente terão acesso aos arquivos a pesquisadora, sua orientadora e sua coorientadora. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 510/16 e, com o fim deste prazo, será descartado. Os resultados da presente pesquisa serão divulgados à instituição concedente e aos participantes que tiverem interesse, após a defesa da dissertação, em data a ser agendada. Ademais, os resultados poderão ser utilizados em publicações que divulgarão apenas os dados obtidos como um todo, respeitando as respostas individuais e mantendo o sigilo das especificidades de cada participante. Os dados serão, portanto, divulgados de forma a preservar sua identificação, obedecendo ao disposto preconizado na Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, acerca de pesquisas com seres humanos.

Caso o(a) senhor(a) autorize e o adolescente aceite participar da pesquisa, solicitamos a permissão para que possamos utilizar os dados informados por ele no questionário, sendo que apenas as pesquisadoras terão acesso direto às informações neste relatadas. Este documento possui valor legal e deverá ser assinado em duas vias de igual teor e valor pelo senhor(a) e pela pesquisadora, uma delas ficando em posse do senhor(a). Se respeitará as normas das Resoluções n. 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. Se você tiver alguma dúvida ou necessidade de algum esclarecimento sobre o trabalho que será realizado, entre em contato com o LACCOS e/ou com a pesquisadora pelo fone: (48) 3721-9067 / ou via e-mail pelo: ivanalauffer@gmail.com. Você poderá entrar em contato também com o Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da UFSC pelo telefone (48) 3721-6094 ou ainda diretamente no prédio da Reitoria II, 4º andar, sala 401 na rua Desembargador Vitor Lima n. 222, bairro Trindade, Florianópolis. O projeto possui aprovação do CEPESH/UFSC e atende à Resolução 510/2016 e suas complementares.

Pesquisadoras responsáveis: Prof.^a Dra. Andréa Barbará da Silva Bousfield e Prof.^a Dra. Andréia Isabel Giacomozzi.

Pesquisadora principal: Ivana Lauffer Corrêa - Mestranda/UFSC

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma, o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto, de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Endereço Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPESH:
Universidade Federal de Santa Catarina, Reitoria II, R: Desembargador
Vitor Lima, n. 222, 4º andar, sala 401, Trindade, 88040-400 –
Florianópolis Email: cep.propesq@contato.ufsc.br. Telefone: 55 (48)
 3721-6094

Eu, Sr(a) _____,
 autorizo o adolescente que está sob minha responsabilidade a participar da pesquisa intitulada “**Representações Sociais de adolescentes sobre drogas: um estudo sobre possíveis ancoragens e objetificações**”.
 Considero-me informado(a) sobre a referida pesquisa, realizada pelo grupo de pesquisadores da UFSC e autorizo o registro das informações fornecidas pelo adolescente no questionário autoadministrado, para utilização integral ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a leitura de tais informações por terceiros, ficando vinculado o controle e guarda delas à Ivana Lauffer Corrêa, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, e à professora orientadora Dra. Andréa Barbará da Silva Bousfield e à professora coorientadora Dra. Andréia Isabel Giacomozzi, pesquisadoras responsáveis pela investigação.

Florianópolis, ____/____/____

 Assinatura dos pais ou responsáveis

 Assinatura do Pesquisador

Caso o senhor(a) tenha interesse em receber os resultados da pesquisa, por favor, informe seus contatos, telefone e/ou e-mail que entraremos em contato para uma devolutiva.

Telefone: () _____

E-mail: _____.

APÊNDICE B - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA SOCIAL DA COMUNICAÇÃO E COGNIÇÃO

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a),

Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar da pesquisa chamada **“Representações Sociais de adolescentes sobre drogas: um estudo sobre possíveis ancoragens e objetificações”**. A pesquisa tem como objetivo investigar quais são as representações sociais de estudantes adolescentes da rede pública de ensino sobre as drogas, e faz parte de um projeto de pesquisa para dissertação de mestrado da aluna Ivana Lauffer Corrêa, sob orientação da Prof.^a Dra. Andréa Barbará da Silva Bousfield e coorientação Prof.^a Dra. Andréia Isabel Giacomozzi, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O objetivo deste trabalho é conhecer as representações sociais/as opiniões dos adolescentes sobre as drogas. Os resultados deste estudo poderá contribuir para melhorar as propostas de novos projetos em saúde.

A sua participação será de forma **voluntária**, ou seja, você será convidado a responder a uma entrevista e fornecer algumas informações, mas não é obrigado. Você somente participará após ter tirado todas as suas dúvidas e assinado este documento. O questionário será respondido na sala de aula e, devido ao tema da pesquisa, que envolve questões pessoais, é possível que, enquanto você responda ao questionário, você se sinta desconfortável ou triste. Para tentar evitar isso, você será orientado a preencher o questionário de forma individual, de modo a não se expor a outras pessoas ou colegas e também para manter o sigilo das suas respostas, para assim você se sentir à vontade. Nenhuma das informações que você fornecer serão repassadas para outras pessoas, a não ser que você deseje. Você poderá interromper o preenchimento do questionário e desistir da pesquisa a qualquer momento, a seu pedido, visando seu

conforto e bem-estar, não havendo a necessidade de apresentar quaisquer explicações. Você não sofrerá nenhuma punição ou prejuízo se resolver não participar ou desistir de responder o questionário após já ter iniciado. Depois ou durante o preenchimento do questionário, se você ficar triste ou desconfortável, a sua participação será encerrada e eu ficarei disponível para conversar e esclarecer o que quiser, pelo tempo que for necessário. Caso haja necessidade, e você quiser, será realizado o seu encaminhamento para o Serviço de Atenção Psicológica da Universidade Federal de Santa Catarina (SAPSI/UFSC), para acompanhamento psicológico, sem custo algum.

Com sua autorização, você participará respondendo um questionário com perguntas sobre a pesquisa. Será também solicitado que você não faça nenhum tipo de identificação no seu questionário, no entanto, se por algum motivo houver algum tipo de identificação, isso será mantido em absoluto sigilo. Caso o sigilo seja rompido de alguma forma, por furto ou invasão dos materiais guardados, os casos serão tratados conforme a lei. A sua participação é absolutamente voluntária e você não receberá nenhum pagamento por isso - *a lei brasileira não possibilita quaisquer pagamentos referentes à participação em pesquisas* - contudo, todo e qualquer custo que resulte da sua participação na pesquisa, ou seja, despesas do participante e seus acompanhantes, tais como transporte e alimentação, serão compensados e pagos em dinheiro por nossa equipe, conforme Art 2º item XXIV e Art 9º item VII da Resolução n. 510/2016, bem como indenização em caso de qualquer prejuízo material causado pela pesquisa a você, respeitando assim o item VI do Art. 9º da Resolução n. 510/2016.

Ressalta-se que sua recusa em participar da pesquisa não implicará em qualquer punição ou prejuízo para você. Após a realização da pesquisa, todos os materiais serão armazenados, no entanto, somente terão acesso aos arquivos a pesquisadora, sua orientadora e sua coorientadora. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução n. 510/16 e, com o fim deste prazo, será descartado. Os resultados da presente pesquisa serão divulgados à escola e aos participantes que tiverem interesse, após a defesa da dissertação, sendo que uma data será marcada para isso. Os resultados também poderão ser usados em publicações (livros e ou revistas científicas), que divulgarão apenas os dados obtidos como um todo, guardando informações pessoais de cada adolescente, como nome e endereço; os dados serão, portanto, divulgados de forma a preservar sua identidade, obedecendo ao disposto na Resolução n. 510, de 07 de abril

de 2016, do Conselho Nacional de Saúde – CNS, acerca de pesquisas com seres humanos.

Caso você concorde em participar, peço a sua permissão para usar as informações que você fornecer, sendo que apenas as pesquisadoras terão acesso direto às informações. Este documento possui valor legal e deverá ser assinado em duas cópias iguais por você e pela pesquisadora, uma delas ficará com você e respeitará as normas da Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. Recomendamos que essa via seja guardada cuidadosamente, pois é um documento que traz informações importantes de contato e sobre seus direitos. Se você tiver alguma dúvida ou necessidade de algum esclarecimento sobre o trabalho que será realizado, entre em contato com o LACCOS e/ou com a pesquisadora, pelo fone: (48) 3721-9067 / ou via e-mail pelo: ivanalauffer@gmail.com. Você poderá entrar em contato também com o Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da UFSC, pelo telefone (48) 3721-6094, ou ainda diretamente no prédio da Reitoria II, 4º andar, sala 401, na rua Desembargador Vitor Lima n. 222, bairro Trindade, Florianópolis. O projeto possui aprovação do CEPESH/UFSC e atende à Resolução 510/2016 e suas complementares.

Pesquisadoras responsáveis: Prof.^a Dra. Andréa Barbará da Silva Bousfield e Prof.^a Dra. Andréia Isabel Giacomozzi.

Pesquisadora principal: Ivana Lauffer Corrêa - Mestranda/UFSC

Eu, _____,
RG _____ considero-me informado(a) sobre a pesquisa
“Representações Sociais de adolescentes sobre drogas: um estudo sobre possíveis ancoragens e objetificações”, realizada pelo grupo de pesquisadoras da UFSC e autorizo o registro das informações fornecidas por mim, no questionário autoadministrado, para utilização integral ou em partes, por quanto tempo for necessário e sem ser citado(a), desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a leitura das informações que eu fornecer por outras pessoas, mantendo o controle e guarda das mesmas a Ivana Lauffer Corrêa, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, a Prof.^a Dra. Andréa Barbará da Silva Bousfield e a Prof.^a Dra. Andréia Isabel Giacomozzi, pesquisadoras responsáveis pela investigação.

Florianópolis, ____/____/____

Assinatura do participante

Assinatura da Pesquisadora

Caso você tenha interesse em receber os resultados da pesquisa, por favor informe seu e-mail e telefone que entraremos em contato para uma devolutiva.

Telefone: () _____

E-mail: _____.

APÊNDICE C - Instrumento de coleta de dados

Esboço do questionário

Questionário

Agradecemos por você colaborar com nosso estudo. Com este pequeno questionário desejamos conhecer melhor o que você pensa sobre as drogas. Sua contribuição é muito importante. Responda atentamente a todas as questões a seguir. **Sua participação é voluntária e suas respostas são anônimas. Esta atividade é individual.** Siga as instruções e, em caso de dúvida, chame a pessoa responsável, que ela estará à sua disposição para esclarecimentos. Não existem respostas certas ou erradas, o importante é o que você pensa sobre o assunto. Quando você terminar, levante a mão que seu questionário será recolhido.

BLOCO 01 – DROGAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA DROGA

1. Quais são as cinco primeiras palavras que lhe vem à mente quando você lê a palavra DROGAS?

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____

2. Dentre as cinco palavras que você indicou, escolha as duas que considera mais importante:

_____,

3. Por que você escolheu estas duas palavras como as mais importantes?
(Utilize todas as linhas, escrevendo o máximo que você puder.)

4. O que você pensa sobre as drogas? *(Utilize todas as linhas, escrevendo o máximo que você puder.)*

BLOCO 02 – SOBRE AS DROGAS

1. Você conhece alguém que já experimentou/usou drogas?

Sim Não

3. O que você acha que leva uma pessoa a usar drogas? *(Utilize todas as linhas, escrevendo o máximo que você puder.)*

5. Você já usou algum tipo de droga alguma vez na vida?

<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
------------------------------	------------------------------

De um ano para cá, ou seja, nos últimos 12 meses, você já usou algum tipo de droga?

<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
------------------------------	------------------------------

De um mês para cá, ou seja, nos últimos 30 dias, você já usou algum tipo de droga?

<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
------------------------------	------------------------------

Nos últimos 30 dias, você usou mais de 6 vezes algum tipo de droga?

<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
------------------------------	------------------------------

Nos últimos 30 dias, você usou vinte ou mais vezes algum tipo de droga?

<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
------------------------------	------------------------------

6. Se você já usou alguma(s) das seguintes substâncias, com que idade foi o primeiro uso:

	Com que idade?
Álcool	
Tabaco	
Maconha/Haxixe	
Cocaína	
Crack	
Outra:	

7. Você já ficou bêbado? () Sim () Não

Quando? () no último mês () nos últimos 6 meses () no último ano

8. Se você experimentou/fez ou faz uso de drogas, quais foram os motivos? *(Utilize todas as linhas, escrevendo o máximo que você puder.)*

9. Se você faz uso de uma ou mais das seguintes substâncias, qual é a frequência? *(marque com um "X")*

	Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre que posso
Álcool					
Tabaco					
Maconha/haxixe					
Cocaína					
Crack					
Outras					

Se houver outras. Quais?

BLOCO 03 - QUESTÕES SOCIODEMOGRÁFICAS

Por último, gostaríamos de algumas informações pessoais.

1. Qual a sua idade? _____ anos.
2. Sexo: () Masculino () Feminino
3. Série: _____ Turno: () manhã () tarde () noite
4. Grupo étnico: () Branco () Afrodescendente () Pardo
() Indígena () Outra Qual? _____
5. Você tem religião? () Sim () Não Qual? _____

Se sim, é praticante? () Sim () Não

6. Você já reprovou alguma vez? () Sim () Não
Se sim, quantas e em qual(is) série(s)? _____

7. Você exerce alguma atividade remunerada? () Sim () Não
Qual? _____

8. Você já teve algum problema com a justiça ou já praticou algum ato infracional? () Sim () Não

9. Qual é a escolaridade dos seus pais ou responsáveis:

a) Pai ou responsável:

- () Analfabeto
- () Fundamental Incompleto
- () Fundamental Completo
- () Médio Incompleto
- () Médio Completo
- () Superior Incompleto
- () Superior Completo

b) Mãe ou responsável:

- () Analfabeto
- () Fundamental Incompleto
- () Fundamental Completo
- () Médio Incompleto
- () Médio Completo
- () Superior Incompleto
- () Superior Completo

10. Como é sua relação com seu pai?

- muito boa
- boa
- regular
- ruim
- muito ruim
- não tenho pai
- não tenho contato com meu pai

11. Como é sua relação com sua mãe?

- muito boa
- boa
- regular
- ruim
- muito ruim
- não tenho mãe
- não tenho contato com meu mãe

12. Como é a relação entre seus pais?

- boa
- razoável
- ruim
- não vivem mais juntos

13. Alguém da sua família faz uso de algum tipo de droga?

- Sim Não
- álcool tabaco maconha haxixe cocaína crack
- outras: _____

Quem? Pai Mãe Padrasto Madrasta Irmão Irmã

Outros: _____

14. Você pratica algum esporte? Sim Não

Qual? _____

15. Faz alguma atividade extracurricular? Sim Não

Qual? _____

Muito obrigada pela sua participação!